

Maria Cristina Pires Pereira

**A INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE DA LIBRAS PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO SOBRE AS
FORMAS DE TRATAMENTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

Coorientadora: Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza

Florianópolis, SC
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

PEREIRA, Maria Cristina Pires

A INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE DA LIBRAS PARA O PORTUGUÊS
BRASILEIRO : um estudo sobre as formas de tratamento /
Maria Cristina Pires PEREIRA ; orientadora, Ronice Müller
de QUADROS ; coorientadora, Cátia de Azevedo FRONZA. -
Florianópolis, SC, 2014.
225 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos da Interpretação. 3.
Interpretação de Língua de Sinais. 4. Libras. 5. Formas de
Tratamento. I. QUADROS, Ronice Müller de. II. FRONZA, Cátia
de Azevedo. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Maria Cristina Pires Pereira

A INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE DA LIBRAS PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO SOBRE AS FORMAS
DE TRATAMENTO

Tese defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina
como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de
DOUTORA em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 17 de março de 2014.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do curso

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros
Orientadora e Presidente – Universidade Federal de Santa
Catarina

Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza
Coorientadora – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral
Universidade Católica de Pelotas

Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento
Universidade de Brasília/Secretaria de Educação/DF

Prof. Dr. Markus J. Weininger
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Maria Lúcia B. de Vasconcelos
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Silvana Aguiar dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina – Suplente

A todos aqueles que são
vocacionados para a pesquisa e
que têm que superar obstáculos,
todos os dias, para conseguirem
realizarem-se em um país onde o
conhecimento ainda é
considerado, por muitos,
desnecessário ou um luxo.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Ronice Müller de Quadros, que disponibilizou textos que enriqueceram minha visão sobre o ato da interpretação de língua de sinais.

À querida coorientadora Cátia de Azevedo Fronza, sempre atenciosa, humilde, interessada e disponível.

Aquelas que me inocularam com a saudável esquizofrenia acadêmica, pois as vozes de vocês vão me acompanhar durante a vida:

- Ana Cristina Ostermann: que me ensinou a importância dos agradecimentos como demonstrativo do caráter e da ética do(a) pesquisador(a).
- Ana Maria Stahl Zilles: “não deixe nenhum flanco a descoberto”.
- Maria Eduarda Giering: “é preciso explicitar o óbvio”.

À coordenadora, na época de minha entrada no doutorado, do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Andréia Guerini, por sua calorosa recepção, delicadeza e atenção aos acadêmicos.

À Maria Lúcia Vasconcellos, modelo de professora apaixonada, conhecedora e estimuladora para os pós-graduandos pesquisadores.

À minha banca de qualificação, Markus J. Weininger e Tarcísio de Arantes Leite, que com suas orientações, recalibraram minha bússola.

À colega de doutorado e amiga, Silvana Aguiar dos Santos: parceira, ombro, “muro das lamentações” nas horas nada vagas de duas professoras em estágio probatório, interlocutora imprescindível, sem a qual, certamente, meu trabalho seria ainda mais difícil, árido e solitário.

Às colegas pesquisadoras e amigas, Andrea da Silva Rosa, pelas conversas, questionamentos e conselhos sobre a vida acadêmica e Angela Russo por me inspirar a incluir a metáfora dramatúrgica como parceira no texto.

A Mylene Queiroz que, mesmo sem ser colega direta, me brindou com interlocuções, por *e-mail*, e troca de textos muito úteis.

Aos dois transcritores dos vídeos para o programa de transcrição ELAN, cujo trabalho permitiu que esta investigação

não estivesse comprometida em sua realização e duração (ainda mais).

Aos muitos amigos intérpretes de língua de sinais com os quais tive conversas, discussões e reflexões sobre o tema da tese, impossível listar tantos.

A Andre Ribeiro Reichert, Anie Pereira Goularte Gomes, Mônica Zavacki e ao chefe de departamento na UFSM, na época, José Damilano, pessoas imbuídas do verdadeiro espírito de coleguismo que foram flexíveis, compreensivos e se esforçaram para que eu tivesse um pouquinho mais de tempo para me dedicar à tese.

Aos participantes desta investigação e que colaboraram para que o conhecimento continue a ser construído. A vocês, surdos e ouvintes, dos quais não vou citar o nome por questões de sigilo de pesquisa, minha mais profunda gratidão!

A Reginaldo Francisco, que formatou e revisou a diagramação no novo formato de trabalhos acadêmicos da UFSC.

A Ricardo Rodriguez Palácios, pela revisão do *abstract* em inglês.

A Maitê Maus da Silva, que me auxiliou no momento de encaminhar o texto para a impressão e encadernação no formato especial que a UFSC determina.

Aos membros da banca de minha defesa por seus valiosos comentários e sugestões que me forneceram outras perspectivas sobre o meu trabalho.

E, finalmente, sou grata a todos aqueles que torceram pelo sucesso deste trabalho e que, por questões de falta de memória, principalmente, e de espaço, injustamente não foram mencionados.

Desde que crie e vença uma discussão sobre Budismo com aqueles que vivem num templo Zen, qualquer monge andarilho pode permanecer lá. Se for derrotado, tem que partir.

Num templo ao norte do Japão dois irmãos monges moravam juntos. O mais velho era erudito, mas o mais jovem era inculto e tinha apenas um olho.

Um monge andarilho chegou e pediu acomodação, desafiando-os adequadamente para um debate sobre o ensinamento sublime. O irmão mais velho, cansado depois de muito estudo naquele dia, disse ao irmão mais jovem que tomasse o seu lugar: “Vá e solicite o diálogo em silêncio”, ele alertou.

Assim o jovem monge e o estranho foram ao santuário e sentaram-se. Logo depois, o viajante levantou-se e foi ao irmão mais velho e disse: “Seu irmão mais jovem é uma pessoa maravilhosa, ele me derrotou”.

“Relate-me o diálogo”, disse o mais velho.

“Bem”, explicou o viajante, “primeiro eu levantei um dedo, representando o Buda, o iluminado. Ele então levantou dois dedos, significando o Buda e seu ensinamento. Eu levantei três dedos, representando o Buda, seu ensinamento e seus seguidores, vivendo a vida harmoniosa. Ele então sacudiu seu punho fechado na frente de meu rosto, indicando que todos os três vêm de uma única realização. Ele, portanto, venceu e assim eu não tenho o direito de ficar aqui”. Com isso o viajante partiu.

“Onde está aquele homem?” perguntou o mais jovem, correndo em direção a seu irmão mais velho.

“Soube que você venceu o debate”.

“Não venci nada. Eu vou dar uma surra nele”.

“Conte-me o assunto do debate”, pediu o mais velho.

“Ora, no momento em que me viu, ele levantou um dedo, insultando-me ao insinuar que eu tenho apenas um olho. Já que ele era um estranho, eu pensei em ser educado com ele e então levantei dois dedos, parabenizando-o por ter dois olhos. Então o infeliz, mal-educado, levantou três dedos, sugerindo que entre nós somente havia três olhos. Eu então fiquei louco e comecei a dar socos nele, mas ele foi embora correndo e aquilo terminou o debate!”

(REPS, 1999, p. 40-1)

RESUMO

Esta tese investiga as formas de tratamento (FT), utilizadas em interações mediadas por intérpretes de língua de sinais (ILS), na interpretação interlíngua da língua brasileira de sinais (Libras) para o português brasileiro (PB). O recorte desta pesquisa são as interpretações de diálogos em atuações no ensino superior, com ênfase em como os locutores surdos fazem referência a si (forma de tratamento elocutiva) e aos seus colocutores ouvintes (forma de tratamento alocutiva). Foram filmadas diferentes situações de mediação linguística que ocorrem em interações entre alunos e professores, quer sejam ouvintes ou surdos, em uma universidade federal localizada no Rio Grande do Sul (RS) e o resultado foram situações de: aula, reunião, entrevista e palestra (conferência). Após a tradução e a transcrição dos vídeos, foram selecionados os trechos que continham formas de tratamento utilizadas em PB, analisadas as possíveis motivações para a escolha das ILS e o que esta opção linguística demonstra de suas tomadas de posição (*stance-taking*) discursivas. Como suporte teórico utilizo os Estudos da Interpretação em interface com abordagens interacionais e discursivas do ato de linguagem. Os dados evidenciaram um alinhamento das intérpretes de língua de sinais (ILS) com a posição dos locutores surdos e em formas bem diversificadas tanto de formas de tratamento elocutivas; que vão além do *eu* e incluem: verbo flexionado, interpretação zero, *a gente* e *nós*; quanto de formas de tratamento alocutivas.

Palavras-chave: formas de tratamento; interpretação de língua de sinais; Estudos da Tradução; Estudos da Interpretação.

ABSTRACT

This thesis investigates the forms of address used in interactions mediated by sign language interpreters (SLI) in Interlingual interpreting from Brazilian Sign Language (Libras) to Brazilian Portuguese (BP). The focus of this research are the dialogue interpreting performances in higher education, with emphasis on how the deaf interlocutor refer to themselves (elocutive form of address) and their hearing collocutors (alocutive form of address). Different situations of linguistic mediation that occur in interactions between students and teachers were shot, whether hearing or deaf, in a federal university located in Rio Grande do Sul (RS) and the results were situations: classroom, meeting, interview and presentation (conference). After translation and transcription of videos we selected the passages that contained treatment used in PB, analyzed the possible reasons for the choice of this option ILS and linguistic demonstrates his positions (stance-taking) discursive. Theoretical support for Interpretation Studies use interface with interactional and discursive approaches to speech act. The data showed an alignment of sign language interpreters to the position of deaf talkers and well diversified forms of both elocutive address forms; beyond *eu (I)*, and include: inflected verb, zero interpretation, *a gente (we, us, someone, indeterminated)* and *nós (we)*; and alocutive forms of address.

Key-Words: address forms; sign language interpreting; translation studies; interpreting studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Configurações de mão (CM) variantes para a primeira pessoa do singular	89
Figura 2: Esquema de quádrupla enunciação, segundo Frydrych (2010), adaptado	104
Figura 3: Amostra da mais recente tentativa do estabelecimento de um Sistema de Escrita para a Libras (SEL), segundo LESSA-DE-OLIVEIRA (2012, p. 168)	106
Figura 4: Exemplo de transcrição da Libras em glosas, segundo Albres (2009, p. 134)	107
Figura 5: Exemplo de transcrição da Libras, em <i>Signwriting</i> , segundo Rodrigues (2008, p. 213)	108
Figura 6: Primeira pessoa em Língua Japonesa de Sinais (LILLO-MARTIN, 2011)	113
Figura 7: Formas diversificadas de indicar primeira pessoa do plural em Língua Americana de Sinais (LILLO-MARTIN, 2011)	114
Figura 8: Sinal relativo a COMBINAR/CONCORDAR (Fonte: http://idsinais.libras.ufsc.br/busca.php#)	116
Figura 9: Sinal de CONHECER, olhar direcionado à locutora primária	124
Figura 10: Apontamento direto para o locutor primário, olhar na mesma direção	133
Figura 11: Exemplo de manipulação de bonecos no <i>Bunraku</i>	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: A tradução e a interpretação interlíngue quanto à produção, apresentação, registro e armazenamento	38
Quadro 2: Nomeação das formas de tradução segundo as modalidades envolvidas	40
Quadro 3: Distinção entre interpretação comunitária e não-comunitária, segundo Schjoldager (1997)	47
Quadro 4: Diagrama representando as relações de avaliação e posicionamento entre o sujeito e o objeto da tomada de posição (DU BOIS, 2007, p. 153)	62
Quadro 5: Displaying e Replaying, segundo Wadensjö (1998) ..	71
Quadro 6: Pronomes de tratamento de intimidade e polidez em algumas línguas europeias, segundo Lyons (1982)	77
Quadro 7: Comparação entre a desinência verbal ensinada nas gramáticas normativas tradicionais no uso do PB falado.	80
Quadro 8: Adaptação do Sistema pronominal em Libras, formas de primeira pessoa, segundo Moreira (2007).	87
Quadro 9: Adaptação do Sistema pronominal em Libras, formas de não-primeira pessoa, segundo Moreira (2007).	88
Quadro 10: Amostra de algumas FT utilizadas na interpretação do inglês para o alemão (PÖCHHACKER, 1995)	90
Quadro 11: Formas de primeira pessoa, segundo Moreira (2007), e sua representação nas convenções de transcrição do ELAN111	
Quadro 12: Formas de não-primeira pessoa, segundo Moreira (2007) e sua representação nas convenções de transcrição do ELAN	112
Quadro 13: FT elocutivas detectadas	140
Quadro 14: FT alocutivas detectadas	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
ASL – *American Sign Language* (língua norte-americana de sinais)
CM – configuração ou configurações de mão
CODA – *Child* ou *Children of Deaf Adults*
ELAN – *Eudico Linguistic Annotator*
EUA – Estados Unidos da América
Faders – Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiências e Pessoas Portadoras de Altas Habilidades no Rio Grande do Sul
FEBRAPILS – Fundação da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FMS – Federação Mundial dos Surdos
FT – forma(s) de tratamento
ICSB – *International Council for Small Business*
IFES – instituições federais de ensino superior
ILS – intérprete(s) ou interpretação de língua de sinais
Libras – Língua de Sinais Brasileira ou Língua Brasileira de Sinais
LREC – *Language Resources and Evaluation Conference*
L1 – primeira língua
PB – língua portuguesa brasileira
PE – língua portuguesa europeia
Projeto Bibibi – Projeto Bimodal Bilíngue Binacional
SEL – Sistema de Escrita para a Libras
SLLS – *Sign Language Linguistic Society*
TAE – técnico administrativo em educação
TILS – tradutor(a) ou tradução e intérprete ou interpretação de língua de sinais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O ESPETÁCULO ESTÁ EM CARTAZ	23
1 TRANSITANDO POR LÍNGUAS E PESSOAS: ATORES E PERSONAGENS.....	33
1.1 A INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE	34
1.1.1 Em busca de definições e delimitações	35
1.1.2 Possibilidades de tipologia.....	39
1.1.3 Um breve panorama da pesquisa em Estudos da Interpretação	49
1.2 OS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS	51
2 A TOMADA DE POSIÇÃO: MARCAÇÕES NO PALCO	59
2.1 TOMADA DE POSIÇÃO COMO AÇÃO PERFORMATIVA	63
2.2 OS PAPEIS DESEMPENHADOS NA INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE	67
3 FORMAS DE TRATAMENTO: PROTAGONISTAS E COADJUVANTES.....	73
3.1 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DAS FT	76
3.1.1 FT Pronominais	77
3.1.2 FT Verbais	80
3.1.3 FT nominais	81
3.2 CLASSIFICAÇÃO PRAGMÁTICA DAS FT	82
3.2.1 Sistema elocutivo de FT	83
3.2.2 Sistema alocutivo de FT	84
3.3 PARTICULARIDADES DAS LÍNGUAS DE SINAIS	85
3.4 AS FT NA INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE	89
4 DEIXANDO OS DADOS FALAREM: O ROTEIRO.....	93
4.1 AS PESSOAS SURDAS E AS PESSOAS OUVINTES ENVOLVIDAS	95
4.1.1 As intérpretes	95
4.1.2 Professores e alunos surdos	96
4.1.3 Os Coadjuvantes	97
4.2. AS FILMAGENS	97
4.2.1 A Reunião	98
4.2.2 A Entrevista.....	99
4.2.3 A Aula	100
4.2.4 A Palestra	100

4.3. ILS COMO COTRASCRITORES.....	100
4.4 TRANSCRIÇÕES E TRADUÇÕES.....	102
4.4.1 As convenções de transcrição	110
4.5 A ANÁLISE: OS BASTIDORES.....	117
4.5.1 Interpretações das FT elocutivas: posicionando os protagonistas.....	118
4.5.2 Interpretações das FT alocutivas: posicionando-se quanto aos coadjuvantes	131
4.5.3 Interpretações das FT delocutivas e casos de difícil classificação: figurantes e cenas cortadas	135
4.5.4 <i>Bunraku</i>: manipuladores cooperativos	137
4.6 O ENSINO DA INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE DA LIBRAS PARA O PB: DESDOBRAMENTOS COM BASE NOS DADOS	139
5 ENCERRANDO SEM FINALIZAR: O ESPETÁCULO PRECISA CONTINUAR!	143
REFERÊNCIAS.....	151
APÊNDICE – TRANSCRIÇÃO DAS INTERAÇÕES MEDIADAS POR ILS.....	175
ANEXO – Convenções para transcrição de sinais e fala usando o ELAN (Revisada em JAN/2011), Projeto Bimodal Bilíngue Bi-nacional (BIBIBI)	209

INTRODUÇÃO: O ESPETÁCULO ESTÁ EM CARTAZ

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências (AMOSSY, 2008, p. 9).

Minhas questões de pesquisa têm se originado do ofício que exerci durante muitos anos, não de forma ocasional, sendo chamada para um ou outro evento, mas como meu trabalho e principal forma de sustento: a interpretação de língua de sinais (ILS). Um destes questionamentos era se durante a interpretação, deveria interpretar me enunciando como primeira ou terceira pessoa? Sempre que eu, ou outro colega, perguntávamos isto para um intérprete mais experiente, a resposta era, na maior parte das vezes, que quando estivéssemos interpretando deveríamos sempre falar *eu*, ou seja, primeira pessoa do discurso. As justificativas utilizadas eram diversas, porém nenhuma delas tinha um embasamento acadêmico, todas eram de caráter estético, pessoal ou até idiossincrático (TOURY, 1995).

O primeiro vislumbre de que este conselho do “sempre em primeira pessoa” não poderia ser seguido sem reservas foi em interpretações ao telefone. Mesmo explicando a situação para a pessoa ouvinte de que, a partir daquele momento, eu diria *eu*, mas este *eu* significava que era a pessoa surda que estava falando, poucas pessoas realmente entendiam e perguntavam amiúde se era eu, Cristina, que estava falando por mim ou se estava dizendo *eu* como a pessoa que eu estava interpretando. Além do mais, na maioria das vezes, não havia tempo para tão

longa explicação sobre as especificidades de uma interação mediada ao telefone.

Outra quebra na orientação de utilizar sempre a primeira pessoa acontecia, todos os dias, enquanto trabalhei na Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiências e Pessoas Portadoras de Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (Faders), na sede administrativa, no centro de Porto Alegre. Eu era a colega de todos e, também, era a intérprete de Libras do funcionário surdo e de toda e qualquer pessoa surda que fosse à Faders. A circulação de pessoas cegas era intensa e praticamente diariamente eu intermediava conversas entre pessoas ouvintes, surdas, cegas e até mesmo surdocegas. Devido ao impedimento visual, pois não podia ver se estava acontecendo uma sinalização ou não, um colega cego não sabia se a voz que ele ouvia, a minha, estava se autorreferenciando ou interpretando o colega surdo, principalmente se eu utilizasse a primeira pessoa. Para não ficarem dúvidas, eu usava a estratégia de anunciar, quando a pessoa surda sinalizava, em discurso direto utilizando verbos de elocução: *fulan @ diz/está dizendo/fala que...*

No entanto, em minha qualificação de projeto de tese, uma das contribuições mais valiosas dos professores examinadores foi questionar se minha fixação em desmontar a prescrição de interpretar somente em primeira pessoa [do singular] e suas variantes era adequada ou, se não seria mais enriquecedor, em termos de pesquisa, investigar e descrever o fenômeno de uma forma mais ampla, pois não havia conhecimento de que algo semelhante havia sido intentado neste campo disciplinar no Brasil. Portanto, acatando a sugestão dos membros da banca, ampliei a investigação e enveredei-me a entender melhor e a refletir sobre a manifestação dos intérpretes de língua de sinais (ILS) quando interpretam a fala da pessoa surda no momento da interpretação da língua brasileira de sinais (Libras) para o português brasileiro (PB). Entre as possíveis manifestações, escolhi dar ênfase à escolha das formas de tratamento (FT), no momento no qual a pessoa surda refere-se a si e direciona-se ao seu colocutor primário, e a que tomada de posição (*stance-taking*) estas opções apontam. O estudo das FT na interpretação interlíngua, embora de extrema relevância para os Estudos da

Interpretação tem recebido pouca ou nenhuma atenção por marcarem tipos de interação mais diretos e pessoais do que na escrita (PÖCHHACKER, 1995) e parece-me que, até os dias de hoje, o panorama não se alterou muito desde aquele relatado por Pöchhacker.

Definido o rumo da pesquisa, tracei, sucintamente, os seguintes objetivos:

- fornecer subsídios teóricos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, para uma análise do posicionamento dos intérpretes de língua de sinais (ILS) durante a interpretação da língua brasileira de sinais (Libras) para a língua portuguesa brasileira (PB) no ato de interpretação interlíngua, tendo como desencadeadora as formas de tratamento (FT) utilizadas, analisando suas possíveis implicações para uma interação mediada por ILS;
- inserir e aprofundar a interpretação interlíngua no âmbito de uma visão performativa e, como tal, passível de ser refletida por meio de metáforas dramatúrgicas da língua(gem);
- estabelecer uma fundamentação para próximos trabalhos na área, contribuindo para levantar temas teóricos para pesquisas futuras;
- colaborar com o ensino da interpretação interlíngua, principalmente de línguas de sinais, através de uma investigação das FT em um contexto institucional e educacional.

Em termos de sua inserção nos Estudos da Tradução, esta pesquisa se caracteriza como descritiva e orientada ao produto (HOLMES, 1972/2000); é resultado da interlocução entre as áreas da Tradução e da Linguística (HATIM; MUNDAY, 2004) e, conforme Williams e Chestermann (2002), encaixa-se nos seguintes temas: Interpretação, Estudos Linguísticos, Tipos Especiais de Interpretação, Interpretação para surdos e Interpretação de língua de sinais.

O lugar de onde parto para empreender este estudo é o de uma formação, como pesquisadora, no mestrado em Linguística Aplicada, que não se filia à concepção de língua(gem) como um

sistema somente ou prioritariamente gramatical de regras, normativas ou equações linguísticas. Se for possível, poderia dizer que meu grande interesse de pesquisa são os Estudos da Interação¹, concebidos como o estudo das diversas formas de comportamento social apresentados pelos humanos em relações entre si, com outras espécies e, recentemente, ao responderem a equipamentos e programas de computador que simulam o comportamento humano. Estes estudos abrangem diversas disciplinas, entre elas Psicologia, Etologia, Antropologia, Linguística e, obviamente, os Estudos da Interpretação. Neste sentido, alinho-me com Goffman quando este afirma que a interação face a face “tem seus próprios regulamentos, seus próprios processos e sua própria estrutura, e estes não parecem ser de natureza intrinsecamente linguística, mesmo que frequentemente expressos por um meio linguístico” (GOFFMAN, 1998a, p. 14).

Esta tese, dando ênfase à interpretação veiculada em PB, da Libras, compactua com Santulli (2002) de que a formação do intérprete interlíngue deve atentar para algo de suma importância e, muitas vezes, negligenciado nos currículos: a primeira língua (L1) do intérprete. Obviamente é presumido que os intérpretes interlíngues tenham uma mestria em sua língua nativa, porém é essencial um sólido conhecimento sobre sua estrutura e variedades, bem como de suas características tipológicas e estruturais, tanto na sua dimensão contemporânea quanto histórica. É um fato passível de ser observado, na maioria dos currículos atuais para ILS, que o PB tem sido considerado como um requisito já preenchido pelo simples fato de que os aprendizes falam e moram no Brasil. O resultado desta lacuna do PB nos currículos para ILS é apontado pela pesquisa de Quadros (2002) sobre a falta de confiança e de compreensão demonstradas pelas pessoas surdas, manifestas nas questões: “E o que acontece na interpretação de língua brasileira de sinais para a língua portuguesa? Por que os intérpretes, normalmente não gostam de fazer esta versão?” (QUADROS, 2002, p. 85). Nicodemus e Emmorey (2013), pesquisando sobre a questão de

¹ Maiores informações em Interaction Studies: Social Behaviour and Communication in Biological and Artificial Systems. Amsterdam: John Benjamins Publishing. Disponível em <http://benjamins.com/#catalog/journals/is/main>, Acesso em 17 set. 2013.

que, diferentemente dos intérpretes de línguas orais (unimodais ou monomodais), os intérpretes de línguas de sinais (bimodais ou intermodais) preferem interpretar para a sua L2 (a língua de sinais), levantaram algumas hipóteses:

- a possibilidade de utilizar a soletração manual (datilologia), no caso de não saber ou esquecer um termo da língua oral, o que é impossível fazer na direção contrária (língua de sinais para língua oral);
- apesar de não ser o mais adequado, muitos ILS se valem da transcodificação (transportar as palavras de uma língua oral para uma língua de sinais sem respeitar as diferenças de estrutura)², o que da língua de sinais para a língua oral pode ser muito difícil e acarretar uma fala sem sentido e precária;
- a dificuldade de automonitorar a sua atuação em língua de sinais (em língua oral, o intérprete ouve a sua voz), sem utilizar-se da tecnologia por meio de gravação de vídeos e, conseqüentemente, pouco controle sobre suas possibilidades de aperfeiçoamento e autocorreção, no momento da atuação; e
- ser mais fácil controlar a sua produção, em língua de sinais, do que receber a produção de pessoas surdas que, além de diversas variedades, muitas vezes não tiveram contato e interações plenas em língua de sinais desde tenra idade, gerando uma variedade linguística muito maior do que as línguas orais.

Além do mais, outro fator que contribuiu para a minha opção por estudar a interpretação interlíngua da língua de sinais para a língua oral é que esta direcionalidade não é tão estudada, e investigações recentes apontam para uma qualidade menor na sua execução, mesmo por intérpretes experientes, sejam filhos ouvintes de pais surdos (*Children of Deaf Adults – CODA*) ou não (VAN DIJK et al., 2011).

Considerando que são muitos os contextos de mediação interlinguística (educacional em diversos níveis, médico, jurídico, de conferência etc.), decidi concentrar esta pesquisa no

² Conhecida, no Brasil, como “português sinalizado”.

ambiente do ensino superior. Esta opção se justifica devido, principalmente, a três motivos.

O primeiro é o tempo limitado do doutorado para abordar todas as variedades de atuação. Sendo assim, os outros contextos de interpretação ficam como possibilidades de investigações futuras.

O segundo motivo parte de um questionamento específico sobre a legislação que regulamenta a profissão, a Lei Federal 12.319/2010, e determina a formação dos profissionais apenas a nível médio:

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

- I – cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
- II – cursos de extensão universitária; e
- III – cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Foi vetado o artigo que tratava do ensino superior:

Art. 3º É requisito para o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete a habilitação em curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa.

Parágrafo único. Poderão ainda exercer a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras – Língua Portuguesa:

- I – profissional de nível médio, com a formação descrita no art. 4º, desde que obtida até 22 de dezembro de 2015;
- II – profissional que tenha obtido a certificação de proficiência prevista no art. 5º desta Lei.

A razão alegada para o veto foi a seguinte:

O projeto dispõe sobre o exercício da profissão do tradutor e intérprete de libras, considerando as necessidades da comunidade surda e os possíveis danos decorrentes da falta de regulamentação. Não obstante, ao impor a habilitação em curso superior específico e a criação de conselhos profissionais, os dispositivos impedem o exercício da atividade por profissionais de outras áreas, devidamente formados nos termos do art. 4º da proposta, violando o art. 5º, inciso XIII da Constituição Federal.

Santos (2006), entre outros pesquisadores, já denunciava que “Também, enfrentado no ensino superior pelos ILS, é a disparidade do discurso a ser interpretado e o nível de conhecimento que os mesmos possuem. [...] a discrepância do nível para atuação é alarmante” (SANTOS, 2006, p. 96-97), porém sem repercussão a quem tenha redigido a legislação. A meu ver, esta disparidade de capacitação, em nível médio, de profissionais que participarão ativamente no processo pedagógico da formação, em nível superior, de outros profissionais, tende a gerar muitas falhas que serão somadas às tantas já existentes na formação e atuação dos ILS. Penso que, na legislação, poderia constar, ao menos, a indicação de que os ILS possuam formação superior, sem ser específica, com o acréscimo da formação em cursos profissionais, de extensão universitária e de formação continuada. É muito provável que, em muitos assuntos, ILS com apenas o ensino médio terão pouco embasamento para entender, refletir e transformar a sua prática em contato com trabalhos mais teóricos e acadêmicos.

E, como terceira motivação, destaco a quantidade de pessoas surdas e ILS atuantes no ensino superior. Este fato resulta do crescente lançamento de editais de seleção e contratação de ILS, promovidos, principalmente, pelo Decreto Federal 5626/2005. Em alguns estados do Brasil, no Rio Grande do Sul, por exemplo, chega a ser o setor que mais absorve o serviço de interpretação de língua de sinais.

Devidamente postos a origem da pesquisa, meus objetivos, de qual perspectiva olho para o fenômeno e as

justificativas de minhas escolhas, apresento algumas convenções terminológicas e de procedimentos de escrita que têm como objetivo tornar a leitura deste texto mais fluida. No que tange à escrita do texto, para efeito de compreensão, pelos leitores, sempre procuro manter em mente o lema: “guie o leitor pela mão” (Cátia de Azevedo Fronza, 2006, comunicação pessoal) e, para tanto, esclareço, aqui, alguns pontos terminológicos e conceituais.

Tratar sobre a interpretação e sobre os intérpretes, primeiramente, é um trabalho de definição. A polissemia do termo é extremamente variada, pois podemos nos referir à interpretação em seus aspectos: musical, cênico e dramático (teatral, televisivo, cinematográfico), jurídico, religioso, textual, médico (sintomas, exames), entre outros. Portanto, utilizo intérprete *interlíngua*/interpretação *interlíngua* para marcar a pessoa e o fenômeno do bilinguismo que trata da mediação de interações faladas entre pessoas que não têm ou não se sentem com proficiência suficiente na outra língua, em contraste apenas com intérprete/interpretação, significando a compreensão subjetiva e consequente reação a um enunciado, ideia ou manifestação cultural. Também convenciono que o termo *tradução*, utilizado sozinho, reporta o sentido mais amplo dos intercâmbios linguísticos, abrangendo tanto a tradução escrita quanto a interpretação interlíngua.

Sempre que eu me referir à fala, a textos falados, à linguagem falada, estou adotando a perspectiva de Saussure (1916/2006) que a considera uma exteriorização da língua por meio de mecanismos psicofísicos, sejam eles quais forem. Portanto, a fala abrange tanto a língua oral quanto a língua de sinais.

Com o objetivo de tornar o texto mais fluente, utilizo o recurso de notas de rodapé somente nas situações em que não consegui inserir as informações desejadas no corpo do texto e no caso de citações diretas de textos originalmente em língua estrangeira e que foram traduzidos para esta tese. Também, por orientação recebida na banca de mestrado, todas as traduções que faço de textos originalmente em língua estrangeira, coloco em nota de rodapé e com os créditos nominais a minha tradução, pois esta estratégia permite uma rápida localização do texto original e, ao mesmo tempo, um acesso completo para outros

leitores que, por ventura, queiram se utilizar da citação e, além disso, valoriza o trabalho do tradutor. Em casos em que alguém fez a tradução por mim, também credito o(a) tradutor(a).

Assim como todos os autores de trabalhos científicos, estou submetida às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e me é exigido citar um autor, nas obras traduzidas, porém sem a necessidade de mencionar o tradutor. Deixo aqui, em um trabalho inserido no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, meu anseio para que esta posição, futuramente, fosse discutida em nosso meio para que pudéssemos fazer a citação referenciando os tradutores como, por exemplo, SOBRENOME DO AUTOR t.[indicando que foi traduzido por] SOBRENOME [do(a) tradutor(a)], ANO, PÁGINA; ou algo do gênero.

Em minha defesa de dissertação de mestrado foi comentado que minha escrita era simples, sem ser simplista (Ronice Müller de Quadros, comunicação pessoal, 2008) e, no doutorado, continuei empreendendo esforços para que meu texto permaneça acessível. Apesar de estar consciente de que nossos trabalhos são escritos para nossos pares, penso que um texto acadêmico não precisa ser, necessariamente hermético. Podemos, sim, elaborar um trabalho com a complexidade exigida para um doutorado, no caso, e também compreensível às pessoas que estão iniciando nesta área (graduação, intérpretes em formação etc.).

Como existe grande variedade de possibilidades para nos referirmos aos participantes de um ato de língua(gem), entre os interlocutores, convenciono a seguinte terminologia para evitar dubiedades:

- LOCUTOR PRIMÁRIO A: falante da língua A, colocutor primário de B.
- LOCUTOR PRIMÁRIO B: falante da língua B, colocutor primário de A.
- INTÉRPRETE INTERLÍNGUE: falante das línguas A e B, colocutor secundário de A e B.

Para nortear, portanto, a leitura desta pesquisa, sintetizo o tema, a questão de pesquisa e o meu objetivo principal, a seguir:

- Tema: a utilização das FT, no momento no qual a pessoa surda refere-se a si e direciona-se ao seu colocutor primário, e a que tomada de posição (*stance-taking*) estas opções apontam.
- Questão de pesquisa: como ocorrem e que possíveis fatores interferem nas escolhas das FT durante a interpretação da Libras para o PB.
- Objetivo principal: analisar e compreender melhor como acontece o fenômeno da utilização das FT durante a interpretação da Libras para o PB.

O texto está dividido em cinco capítulos.

No primeiro, apresento uma visão introdutória sobre a interpretação interlíngua. O segundo capítulo argumenta sobre posicionamento como ação performativa, trazendo a metáfora dramatúrgica em articulação com a tomada de posição. No capítulo 3, demonstro como as formas de tratamento, durante a interpretação da língua brasileira de sinais (Libras) para a língua portuguesa brasileira (PB), podem ser indícios de uma tomada de posição performativa. No capítulo 4, apresento a metodologia, a forma como a pesquisa foi conduzida, as escolhas feitas e a análise de acordo com os pressupostos teóricos adotados. No último capítulo, promovo uma reflexão, com os leitores, sobre os resultados encontrados no trabalho, apresento as limitações enfrentadas na pesquisa e proponho sugestões de pesquisas que podem ser encaminhadas futuramente.

Finalizando esta parte introdutória, alerto que a minha intenção não é instituir regras, mandamentos ou prescrições, compactuando com perspectivas tendenciosas (*bias*). Declaro minha filiação à linha que entende a interpretação interlíngua a partir de uma “abordagem interacionista, não normativa e dialógica dos estudos sobre interações mediadas por intérpretes” (WADENSJÖ, 1995, p. 112). Aponto, assim, tendências e probabilidades surgidas de uma pesquisa que pretende ser mais uma peça contribuinte na infinita construção do conhecimento por meio de um trabalho aberto a discussões e desdobramentos.

1 TRANSITANDO POR LÍNGUAS E PESSOAS: ATORES E PERSONAGENS

Tudo pode ser movido de um lugar para outro sem ser alterado, exceto a fala
(TANNEN, 2007, p. 104)³

Exercer a tarefa de mediador é uma função que nos acompanha, provavelmente, desde os primórdios, como animais sociais que somos. Uma das características básicas de um mediador é ser “um terceiro imparcial, escolhido pelas partes, que atua como facilitador do diálogo e da negociação, buscando esclarecer todos os detalhes e nuances do conflito” (FIUZA, 1995, p. 34) e que “por meio de conhecimentos e técnicas apropriadas, induz as partes a encontrarem a solução para a questão conflituosa” (BEDÊ; FERENC; RUIZ, 2008, p. 166). Sua imparcialidade é definida por não ter nenhuma relação com nenhuma das partes em desacordo, e a neutralidade se justifica pelo fato de que não ganhará favores ou benefícios de uma das partes por assisti-las na mediação.

Esta percepção, provinda originalmente da área jurídica, não está muito distante da mediação, semiótica e linguística, que acontece desde nossas primeiras interações com nossos cuidadores (família, responsáveis etc.), quando somos ainda bebês, em nossa primeira infância (PAZ, 1971; ARROJO, 1992). Quando alguém não tem proficiência suficiente em um idioma, seja por imaturidade, por não ter desenvolvido, ainda, uma língua, no caso dos bebês e crianças muito jovens, ou quando há algum impedimento fisiológico como problemas nos órgãos fonoarticulatórios, deficiências, acidentes cerebrais ou simplesmente por não ter adquirido, aprendido ou desenvolvido outra língua, há necessidade de um mediador. Esse mediador pode ser alguém que conhece e está habituado a uma fala diferente, ou a função de mediar pode ser atribuída a aparelhos que auxiliam pessoas com capacidades motoras comprometidas a expressar-se por meio de sintetizadores de voz e, obviamente,

³ Minha tradução livre da tradução de Tannen (2007, p. 104): *Everything can be moved from one place to another without being changed, except speech* (do provérbio Wolof: *Lu nekk maness na ko toxal, na mumeloon ba mu des wax*).

existem os mediadores interlíngues (VIAGGIO, 2004), foco principal deste trabalho.

Como até a fase atual da evolução humana não realizamos o sonho, ou utopia, de uma única e permanente língua franca, apesar de tentativas do gênero do Esperanto (ver ECO, 2002) como língua oral, e do Gestuno (ver MONTEILLARD, 2005) como língua de sinais, temos necessidade de pessoas, preferencialmente com formação específica e profissional, para este ofício que consiste em mediar interações entre falantes de línguas diversas, os tradutores e/ou intérpretes.

Mesmo em idiomas nos quais existem palavras diferenciadas para fazer a distinção, como em alemão, por exemplo, *Übersetzen*: tradução, e *Dolmetschen*: interpretação, os termos são utilizados, no geral, indistintamente, somente havendo a menção específica aos intérpretes, em alguns casos, quando se trata de conferências (SCHÄFFNER, 2004). Seria necessário muito tempo e espaço para explanar este assunto, e este não é o foco de minha pesquisa. Como trato especificamente da interpretação interlíngue, não pretendo adentrar na vasta discussão sobre a diferenciação entre tradução e interpretação a não ser para delimitar o espaço de definição da interpretação que, conforme veremos, não é tão evidente assim.

1.1 A INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE

Antes de haver registros escritos, tudo o que se refere ao surgimento da categoria dos intérpretes interlíngues provém de relatos orais, tradição, imagens e hipóteses. Historicamente, consta que a mediação interlíngue mais antiga tenha sido aquela com objetivos comerciais, surgida da necessidade de povos com diferentes línguas intercambiarem bens e produtos, seguidos pelos intérpretes diplomáticos e militares (PÖCHHACKER, 2004). É possível observar que, embora os intérpretes interlíngues tenham “ajudado a fazer a história” (DELISLE; WOODSWORTH, 2004, p. 259), poucos tiveram a deferência de ser registrados *na* história, e aqueles que o foram nem sempre são referidos nos cursos de formação ou, até mesmo, conhecidos pelos colegas intérpretes e pesquisadores.

Será possível chegarmos a uma definição que englobe todos as modalidades, contextos e categorias de interpretação interlíngue? Vários autores têm se dedicado à elaboração de uma definição geral que possa ser aplicável a qualquer tipo de interpretação. Tal tarefa ainda está em processo, especialmente pelas novas possibilidades oferecidas pelo aperfeiçoamento da tecnologia nos modos de registro, de captação e projeção da voz e da imagem corporal em movimento.

1.1.1 Em busca de definições e delimitações

Alguns pesquisadores da área tentaram definir a interpretação interlíngue de uma forma abrangente. A mais conhecida e veiculada, atualmente, é: “uma forma de tradução na qual a apresentação inicial e final no outro idioma é produzida na base da apresentação única de um enunciado do idioma de partida” (PÖCHHACKER, 2004, p. 11)⁴, agregada ao fator tempo, por Luciano (2005), que a define “como sendo a realização, sob imposição externa da velocidade, da versão final de um texto na primeira produção feita pelo intérprete” (LUCIANO, 2005, p. 38). Gile (2004), por sua vez, simplifica a definição ao extremo, afirmando que utiliza “interpretação para uma re-expressão não-escrita de um texto fonte não-escrito (GILE, 2004, p.11).⁵

Penso que seria imprescindível, neste momento no qual os Estudos da Interpretação estão em franca expansão, um debate maior em busca de bases delimitantes. Se analisarmos que a interpretação interlíngue surgiu em tempos remotos, sem tecnologias que permitissem outras formas de mediação entre línguas que não fosse a presencial, na qual os interlocutores estivessem face a face em um espaço físico que permitisse uma interação síncrona entre eles, não é de estranhar que houvesse somente a concepção de interpretação de e para uma língua

⁴ No original: *Interpreting is a form of Translation in which a first and final rendition in another language is produced on the basis of a one-time presentation of an utterance in a source language* (PÖCHHACKER, 2004, p. 11). Tradução livre de Mylene Queiroz (QUEIROZ, 2011, p.32).

⁵ No original: *interpretation or interpreting for a non-written re-expression of a non-written source text* (GILE, 2004, p.11). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

falada, e tradução de e para uma língua escrita. Com a evolução dos meios de comunicação, as modalidades híbridas entre traduções escritas e interpretações faladas compõem um desafio terminológico e conceitual.

Atualmente temos formas diversas de interação. Podemos gravar nossas vozes e movimentos corporais, conversar, dar aula e conferências a distância, com ou sem nossa imagem corporal (BRAUN, 2006). E, mesmo sem considerarmos os avanços tecnológicos, o fenômeno, antigo, no qual um intérprete parte de um texto escrito e o entrega diretamente para a língua falada, pode ser referido como tradução oral à [prima] vista (SAMPAIO, 2007; IVARS, 1999), tradução à [prima] vista executada por um intérprete (NAJIT, 2006; BIDAR-SIELAFF et al., 2009), ou, mais apropriadamente, interpretação à [prima] vista (*sight interpreting*) (PÖCHHACKER, 2004; GORSZCZYNSKA, 2010).

A discussão é fértil e, com o rápido desenvolvimento de modos de estarmos e manifestarmo-nos no tempo e no espaço, urge uma revisão das maneiras possíveis de tradução e/ou interpretação. Apenas para citarmos alguns exemplos, entre outras possibilidades cada vez mais diversificadas de procedermos a uma interação mediada por intérprete interlíngua, temos:

- interpretação remota e de teleconferências (FURTADO; ALMEIDA; PASCOAL, 2009) que permitem interações com possibilidade de gravação, preparação e interpretação posterior;
- utilização de avatares e robôs como demonstrado no recente congresso Tahir *International Symposium on Sign Language Translation and Avatar Technology*⁶;
- mensagens de voz, por correio eletrônico, que, apesar de utilizarem um modo similar à conversação simultânea, podem ser recebidas e interpretadas em uma condição não síncrona;

⁶ *Third International Symposium on Sign Language Translation and Avatar Technology*. DePaul University, in Chicago, Illinois, USA, on October 18-19, 2013. Disponível em: <http://sltat.cs.depaul.edu/>

- a tradução audiovisual, em geral, e especificamente a legendagem (língua oral para língua escrita) e, a dublagem, que constitui um processo complexo de traduzir uma língua oral para a escrita e será veiculada, em língua oral, por um dublador profissional ou algum ator/atriz⁷.

Em 2008, a partir de reflexões do meu mestrado, fiz uma tentativa de definição baseada no que utilizamos para sua detecção: a língua meta. O processo da tradução ou interpretação é considerado em termos de pesquisa, porém, quando há a necessidade de caracterizar uma atividade como tradução ou interpretação, o fenômeno observado é o produto. Portanto, “se a língua meta estiver na modalidade escrita, trata-se de uma tradução; se estiver na modalidade vocal (também chamada de oral) ou sinalizada (presenciais ou de interação imediata), o termo utilizado é interpretação” (PEREIRA, 2008a, p. 136).

Mesmo não querendo adentrar muito na questão da diferenciação entre a tradução e a interpretação, para que se possa entender a conceituação que faço da interpretação interlíngua é necessário entender como concebo estas duas principais divisões da tradução. Para tanto, esquematizei no quadro 1, as etapas em que percebo diferenças, vejamos:

Etapas	TRADUÇÃO ESCRITA	INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE
PRODUÇÃO	Escrever à mão, datilografar, digitar.	Falar por meio de vocalização ou por sinalização.
APRESENTAÇÃO	Escrita.	Movimentos corporais.
REGISTRO	Escrita: textos físicos ou	Nenhum: os movimentos corporais não deixam traços.

⁷ Recentemente já é possível presenciar cenas correlatas em língua de sinais, quando um ILS ouvinte interpreta, e um intérprete surdo “copia” a sinalização, acrescentando elementos principalmente prosódicos.

Etapas	TRADUÇÃO ESCRITA	INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE
	eletrônicos.	
ARMAZENAMENTO	Automático.	Não automático.

Quadro 1: A tradução e a interpretação interlíngue quanto à produção, apresentação, registro e armazenamento

Tanto a tradução quanto a interpretação interlíngue são produzidas com movimentos corporais. A diferença é que escrever é um movimento mais discreto, banalizado e estamos tão acostumados com ele que não o percebemos mais. O escrever vem evoluindo paralelamente a nossa tecnologia, mas ainda depende, basicamente, de uma interação direta com os instrumentos para produzir a escrita (lápiz, caneta, teclado etc.). A interpretação interlíngue quando é produzida com a voz (línguas orais) é, também, constituída de movimentos corporais discretos dos órgãos fonoarticulatórios, sendo que boa parte deles se produz internamente (pregas vocais) ou em partes do corpo que não apresentam muita amplitude (músculos, ossos e tendões da face). Já a interpretação para uma língua de sinais produz movimentos bastante amplos, principalmente dos membros superiores e, por esta característica, é bastante visível na sua articulação. A apresentação da escrita é a própria escrita, enquanto escrevemos a escrita vai sendo construída e fixada. A escrita, como processo, resulta na escrita como produto. O ato de escrever produz a escrita. O produto final é estático, fica fixo e marcado no texto. A escrita é um produto da fala (exterior ou internalizada), por ser sua derivada e criada para registrá-la. A apresentação da interpretação é o corpo em movimento, inerente da dinâmica da língua falada. A fala não resulta em um produto material em si. Como a escrita foi concebida para ser um produto, o seu armazenamento acontece automaticamente, em meio físico ou eletrônico. No caso da interpretação interlíngue, o armazenamento se constituiu em um desafio até bem pouco tempo, mas, mesmo assim, para termos um material para consultá-la temos que nos utilizarmos de ferramentas de gravação externas aos ato de mediação linguística para este propósito. Enquanto, na tradução, o ato de traduzir produz intrinsecamente a escrita, na interpretação interlíngue temos que

lançar mãos de outras tecnologias para armazenarmos a fala (oral ou sinalizada).

Nessa perspectiva, considero a interpretação interlíngue, dentro das delimitações de meu estudo, como um fenômeno da tradução geral (língua A ↔ língua B), apresentado, em língua meta, na língua falada (oral, sinalizada ou tátil⁸), com ou sem possibilidade de preparação e ensaio, no qual o corpo do intérprete é, além de meio de produção, a apresentação do produto.

Se os diversos modos de manifestação e veiculação da língua(gem) tornam complexa a tarefa de distinção dentro da grande área dos Estudos da Tradução, a categorização interna dentro dos Estudos da Interpretação vai muito além do que a mera identificação da interpretação de conferências, como veremos.

1.1.2 Possibilidades de tipologia

A interpretação interlíngue é exercida por pessoas que colocam suas habilidades bilíngues a serviço da mediação entre pessoas que não compartilham a mesma proficiência nas línguas da interação, podendo receber ou não remuneração para este fim. Um processo de categorização dos tipos possíveis de interpretação depende da variável que é escolhida para tal e, em alguns casos, não há um limite definido entre uma e outra atuação. Grbić e Pöllabauer (2006) chamam a atenção sobre os termos, pouco consistentes e ambíguos, que utilizamos para categorizar a interpretação, tais como *tipo*, *modo/modalidade*, *contexto (setting)*, entre outros. Vários autores se utilizam destas e de outras palavras (prática, forma, manifestação etc.) para delimitarem e categorizarem dentro dos Estudos da Interpretação e, por isso, faço uso de “tipologia” como termo geral que abrange diversas categorias: modalidade na qual as línguas são articuladas, tempo de entrega na língua alvo, formação e

⁸ Teoricamente, toda a língua de sinais teria uma versão tátil. Pessoas que nasceram ou ficaram surdas, desenvolveram a língua de sinais de sua comunidade e, após, ficam cegas, têm a possibilidade de utilizarem-se da língua de sinais tátil, expressa por movimentos e captada pelo tato.

profissionalização, atuação intra ou intersocial e aspecto mono ou dialógico.

1.1.2.1 Modalidade da interpretação

A distinção primordial e que, inclusive, serve como diferenciação entre as formas de traduzir (escrita) e interpretar (fala) é feita pela modalidade das línguas envolvidas. De uma forma esquemática, elaborei um quadro que relaciona as modalidades da língua, sua direcionalidade e a denominação da forma de tradução resultante.

Modalidade L1	Direção	Modalidade L2	Nomeação
Oral	→	Oral	Interpretação oral
Escrita de língua oral	→	Oral	Tradução/interpretação à vista
Sinalizada	→	Oral	Interpretação de língua de sinais (voz)
Oral	→	Escrita de língua oral	Transcrição-tradução?
Oral	→	Sinalizada	Interpretação de língua de sinais (sinais)
Escrita de língua oral	→	Escrita de língua oral	Tradução (escrita)
Escrita de língua oral	→	Sinalizada	Tradução/interpretação à vista
Sinalizada	→	Escrita de língua oral	Transcrição-tradução?
Sinalizada	→	Sinalizada	Interpretação de língua de sinais

Quadro 2: Nomeação das formas de tradução segundo as modalidades envolvidas

Nos casos em que o resultado é uma transcrição-tradução, praticamente inexitem estudos disponíveis, na perspectiva dos Estudos da Tradução ou Interpretação, sobre esta forma de tradução que, se nas línguas orais não é usual, a não ser na tomada de notas que os intérpretes de línguas orais fazem, nas línguas de sinais é comum e extensa quando, por exemplo, uma pessoa sinaliza, em Libras, e pede ao ILS para escrever diretamente em PB. É uma espécie de tradução à prima vista ao contrário, e que não possui uma denominação única e padronizada. Este tema demanda estudos adicionais e, não fazendo parte do escopo deste trabalho mergulhar nos aspectos de diferenciação entre tradução e interpretação, fica registrado como uma possibilidade futura de desenvolvimento. Deve ser observado que detalhei “escrita de língua oral” em oposição às tentativas de desenvolvimento de uma escrita de língua de sinais (PEREIRA; FRONZA, 2006) e não incluí as línguas de sinais táteis nesta categorização, exatamente por exigir um estudo mais aprofundado destas modalidades para poder chegar a um resultado mais amplo.

Minha pesquisa envolve a modalidade falada da Libras e do PB. A ênfase é no PB como língua alvo e suas FT em relação à Libras.

1.1.2.2 O Fator Tempo

Em muitas obras bibliográficas sobre a interpretação interlíngua, a divisão mais comum entre as variedades de atuações consiste na interpretação consecutiva e na simultânea. Como vários trabalhos são derivados desta classificação, não me deterei em extensos detalhamentos devido à existência de vasta bibliografia sobre este tema e por ser um conhecimento básico neste campo disciplinar. Esta divisão é feita com base no fator tempo, mais especificamente no tempo levado entre a enunciação na língua fonte e sua interpretação na língua alvo e na sobreposição, ou não, das falas do locutor primário e dos intérpretes interlíngues. Na maioria dos casos, a interpretação simultânea, para ser bem-sucedida, tem que garantir que a produção das línguas envolvidas não prejudique a sua recepção. Tal garantia pode se dar pela utilização de cabinas na

interpretação interlíngue de línguas orais e na diferença de modalidade entre a língua de sinais e a oral. Uma categoria híbrida seria o *voice-over*, muito comum em transmissões televisivas nas quais o locutor fala em um idioma, com áudio mais baixo, e, logo em seguida, é interpretado, na língua alvo, com o volume do áudio mais alto, como no exemplo típico da cerimônia de entrega do Oscar. Outra categoria é a interpretação oral sussurrada que, por sua natureza, na qual duas modalidades orais competem, é entregue na forma consecutiva curta, seguindo o locutor primário com algumas frases de atraso, ou longa, quando é esperado que se termine um período mais longo de fala, preferencialmente contendo uma ideia fechada, para só então começar a interpretar.

Neste trabalho, o fator tempo representa impacto significativo nas análises, pois estou usando materiais de interpretação simultânea e, como poderá ser visto mais adiante, foi relatado pelas ILS a pressão que o tempo exerce nas escolhas das FT nas interações mediadas por elas.

1.1.2.3 Formação e profissionalização

A mais precoce forma de mediação interlíngue é a tradução natural, definida como “a tradução feita em circunstâncias do dia a dia por bilíngues que não têm nenhuma formação para isto” (HARRIS, 1977, p. 99)⁹ e tida como uma competência intuitiva inerente ao bilinguismo. Para Harris (2008), a pesquisa sobre a tradução natural tem se concentrado em crianças e adolescentes, mas tradutores naturais podem ser encontrados em qualquer faixa etária. Harris e Sherwood (1978) compilam uma série de exemplos de tradução natural em crianças, para embasar seu pressuposto de que a tradução é uma competência inata, postulando que todos os bilíngues podem traduzir, ao que eu complemento: porém não nas condições exigidas na tradução profissional. A tradução natural, portanto, é feita sem nenhum processo educativo formal ou informal, feita por, praticamente, qualquer criança e adolescente

⁹ No original: [...] *the translation done in everyday circumstances by bilinguals who have had no special training for it* (HARRIS, 1977). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

em um ambiente de interação onde duas ou mais línguas estejam presentes. Segundo os defensores da ideia de tradução natural, não se ensina às pessoas bilíngues a traduzir, pois elas já possuem esta habilidade, “o que fazemos é treiná-las [sic] a traduzir de acordo com certas normas”¹⁰ (LJUDSKANOV, 1972 *apud* HARRIS, 2008, p. 12). É de importância para a área dos Estudos da Interpretação a nota na qual Fuente (2005, p. 61; 2007, p. 85) cita que o próprio Harris admite que “o termo mais adequado para este fenômeno seria interpretação natural”¹¹.

Avançando um pouco em termos de formação e preparação, temos o tradutor nativo que, apesar de não ter recebido nenhuma educação formal na área, adquiriu suas habilidades por meio da observação e experiência. Toury (1986), a quem é devida a cunhagem do termo, complementando o conceito de tradutor natural, frisou que a habilidade de traduzir precisa desenvolver-se, principalmente, na interação social.

Um caso de tradutores naturais e nativos que tem, recentemente, despertado muito interesse dos pesquisadores é a mediação interlinguística feita por crianças e adolescentes pertencentes a famílias e comunidades de imigrantes, refugiados ou até mesmo CODA (*Children of Deaf Adults*, filhos ouvintes de pais surdos), estudada sob o título de *child language brokering*¹². A gama de situações nas quais as crianças e adolescentes são chamados a traduzir são muito amplas e vão desde trâmites burocráticos, consultas médicas e até, em alguns casos, audiências jurídicas (HALL; GUÉRY, 2010; ANTONINI, 2010).

Morales e Hanson (2005) detalham o processo de *child language brokering* como o que acontece, comumente, no caso de famílias estrangeiras que, ao se mudarem para um novo país,

¹⁰ No original: [...] *what we do is train them to translate in accordance with certain norms*. (LJUDSKANOV, 1972 HARRIS, 2008, p.12). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

¹¹ No original: [...] *el término más adecuado para este fenómeno sería interpretación natural* (HARRIS, 2003 *apud* FUENTE, 2007).

¹² Em alguns casos a definição é estendida aos adolescentes, também, como *child and adolescent language brokering*. Para maiores informações, recomendo a consulta em *Manchester Metropolitan University. Education and Social Research Institute. Research Projects. Children and Adolescents as Language Brokers. Bibliography. Disponível em: <www.esri.mmu.ac.uk/resprojects/brokering/biblio.php>*.

ou região de língua diversa da sua, precisam passar por um processo, no mais das vezes, estressante de adaptação ao novo ambiente, ao sistema de crenças e, de modo particular, à(s) nova(s) língua(s). Em geral, os pais, familiares, ou até a mesma comunidade imigrante tendem a utilizar-se das crianças como tradutoras e intérpretes. Elas são as primeiras a aprender o novo idioma e a ter mais contato com a nova cultura por causa da escolarização (ANTONINI, 2010). Vários autores mencionam a “adultificação” (JONES, 2008; ANTONINI, 2010; TRICKETT; SORANI; BIRMAN, 2010; ESQUIVEL, 2012) destes pequenos tradutores e intérpretes como preocupante, pois a utilização de pessoas muito jovens e ainda imaturas como responsáveis por questões que, normalmente, não deveriam se ocupar tão precocemente pode trazer prejuízos psicológicos. Essas crianças e adolescentes experimentam sentimentos contraditórios que vão desde o orgulho, por estarem no importante papel de mediadores linguísticos, que facilitam a integração de seus familiares, até o estresse, a frustração e a angústia causados pela imensa responsabilidade diante das situações interpretadas. Tais situações podem ultrapassar seus conhecimentos e feri-los emocionalmente, quando ocorrem preconceito e discriminação, uma vez que, geralmente, não possuem maturidade, equilíbrio e distanciamento para interpretar (ANTONINI, 2010).

Uma outra possibilidade de interpretação interlíngua não profissional é o caso do intérprete *ad hoc* (MIKKELSON, 2004; RUSSO, 2004; QUEIROZ, 2011; MEYER, 2012). Nessa situação, a pessoa bilíngue ou que se autodeclara bilíngue é chamada ou se dispõe a interpretar. Em geral, a interpretação *ad hoc* é voluntária e percebida como um “tipo de obrigação social ou moral” (BICOM, 2013, s/p). O intérprete *ad hoc* pode pertencer a qualquer faixa etária, englobando, em alguns casos, o processo de *child language brokering*, mas pessoas não envolvidas por laços familiares, étnicos ou comunitários podem também mediar a interação, como pressupõe a categorização feita por Queiroz (2011, p. 52):

- a) funcionários bilíngues;
- b) amigos e familiares do paciente;
- c) intérpretes voluntários sem treinamento e intérpretes contratados (*freelancer*, por exemplo), como os chamados *medical*

concierge, que não possuem treinamento específico.

Infelizmente, a interpretação *ad hoc*, por si só, deveria ser uma exceção, por seus aspectos amadorísticos. Em muitos casos, por praticidade, emergência ou economia, tornou-se a regra, mesmo com a demonstração de várias pesquisas sobre a superioridade qualitativa da interpretação feita por profissionais (JACOBS et al., 2001; FLORES et al., 2003; FLORES, 2005; KARLINER et al., 2007; NÁPOLES et al., 2010).

Na ILS, foram comumente chamados de intérpretes naturais ou, principalmente, empíricos (PEREIRA, 2008a, p. 38) desde o *Programa de Formación de Formadores de Intérpretes de Sordos*, organizado pela Federação Mundial dos Surdos (FMS) e pela UNESCO, em 2001, no Uruguai (MACHADO; FAMULARO, 2001). As pessoas que desempenham a interpretação de língua de sinais, sem formação profissional, deveriam ser chamadas, mais apropriadamente, de intérpretes *ad hoc*.

Embora não façam parte de seu espectro de pesquisa, Harris (2010), cita, ainda, a figura do tradutor profissional como a pessoa, que exerce a tradução como um meio de vida e que pode não ter tido estudo formal, e o tradutor experto, ou tradutor formado, como o indivíduo que passou por algum tipo de educação na área de tradução, seja ela formal (ensino técnico, tecnológico ou universitário, cursos de extensão etc.) ou informal (cursos livres).

1.1.2.4 Atuação Inter ou Intrasocial

É possível optarmos pelo contexto social amplo de interação (PÖCHHACKER, 2004) como um item distintivo e, assim, teremos situações inter e intrasociais de atuação.

Na atuação Intrasocial, temos, por exemplo, um intérprete comunitário que atua dentro de uma comunidade, geralmente minoritária, vivendo em um contexto amplo de outra comunidade majoritária. Tem sido chamada, também, de interpretação cultural, interpretação de serviços públicos, interpretação de diálogos e interpretação *ad hoc*, porém o termo mais utilizado e

aceito é interpretação comunitária (MIKKELSON, 2004). Esta indistinção entre a interpretação comunitária e *ad hoc*, a meu ver, relaciona-se à possibilidade de os intérpretes comunitários não terem formação e prestarem serviços, muitas vezes, voluntários. Isso, porém, não exclui o fato de que existam profissionais *freelancer* (QUEIROZ, 2011), quer dizer, os intérpretes *ad hoc* seriam uma categoria dentro da interpretação comunitária. A proliferação terminológica é tão grande quando não se trata de intérpretes de conferências que, até mesmo, outros termos foram cunhados, tais como mediação intercultural, interpretação de acompanhamento, ou de contato, entre outros (RUSSO, 2004).

A interpretação comunitária é uma das áreas de mais difícil delimitação da interpretação interlíngue e tem obtido muita visibilidade nos últimos anos. Os movimentos migratórios, o empoderamento de minorias e a conquista de direitos em legislação vêm aumentando o espectro de atuação e, de uma certa forma, prestigiando o intérprete comunitário. Como exemplos posso citar os hispanofalantes nos Estados Unidos e as pessoas surdas, falantes de línguas de sinais, nas sociedades falantes de línguas orais.

Situações de atuação em contexto intersocial, por sua vez, são realizadas em meio a diversas comunidades falantes de línguas diferentes, principalmente em uma convivência entre estrangeiros, que é a situação mais conhecida de interpretação interlíngue. Se pensarmos em uma ocorrência prototípica de interpretação comunitária entre um imigrante, um intérprete interlíngue e um médico, teremos, na interação paciente-intérprete, a caracterização Intrasocial, porém, na relação médico-intérprete, compreendemos a definição de uma interpretação intersocial.

Desta maneira, concluo que, em geral, uma interpretação em situação intersocial acontece mais frequentemente em encontros internacionais acadêmicos, políticos e religiosos, em eventos de curta duração.

Schjoldager (1997), conforme o Quadro 2, sistematiza itens que contribuem para a distinção entre interpretação comunitária e não-comunitária.

Interpretação Interlíngue	
Comunitária	Não-comunitária
Um interlocutor sempre representa a cultura majoritária, e outro, a minoritária.	Pode haver dificuldade em detectar quem representa a cultura majoritária.
O membro da cultura majoritária está em uma condição social de poder.	Os interlocutores frequentemente encontram-se em condições mais ou menos igualitárias de poder.
O membro da cultura majoritária, frequentemente, possui algum estatuto social, provendo algum tipo de serviço (juiz, médico, assistente social etc.), enquanto o membro da cultura minoritária atua em seu próprio interesse (réu, paciente, refugiado etc.).	Os interlocutores, frequentemente, compartilham um nível profissional e cultural bem próximos.
O membro da cultura majoritária tende a falar em uma linguagem profissional mais formal, enquanto o membro da cultura minoritária tende a falar uma linguagem mais informal, do dia a dia.	O nível linguístico que os interlocutores utilizam, no momento da interação, tende a ser equivalente.

Quadro 3: Distinção entre interpretação comunitária e não-comunitária, segundo Schjoldager (1997)

Tanto os intérpretes comunitários quanto os de conferência podem especializar-se em um determinado campo do conhecimento e então teremos aí a interpretação especializada: médica, jurídica e educacional, principalmente. Nada impede que um intérprete interlíngue comunitário atue como intérprete de conferências. Este é um caso bastante comum entre os ILS, pois, devido a sua escassez e relativa baixa remuneração (tendo em vista a complexidade e amplitude dos serviços prestados), não conseguiriam se manter em atividade na qual atuassem com públicos muito específicos. Exceção feita aos intérpretes educacionais, esta subárea é a que mais empregos formais oportuniza para os ILS.

Nesta pesquisa, estou usando materiais de interpretação que podem, também, ser caracterizados como do tipo

comunitária, embora em alguns casos, como em uma reunião de professores em que participam docentes ouvintes e surdos, esta distinção não fique muito marcada.

Reforçando que nenhuma das categorizações, automaticamente, elimina outra e que mais de uma tipologia pode acontecer na mesma situação de interpretação interlíngue, abordo, na sequência, a visão monológica e dialógica da mediação entre línguas.

1.1.2.5 Monologismo ou Dialogismo

A concepção da interpretação dialógica ou interpretação de diálogos (WADENSJÖ, 1995, 1998a, 1998b, 2004, 2008; BOT, 2005) enfatiza o caráter presencial do evento e a dupla função, não só do intérprete, mas também do organizador da interação. Em uma perspectiva dialógica da interpretação interlíngue, uma só pessoa não pode controlar toda a interação, pois não consegue ter o poder absoluto sobre todas as palavras, frases, enunciações porque este é um movimento entre todos os participantes. Nesta abordagem, todos são responsáveis pelo sucesso, ou não, do ato de linguagem, e os intérpretes interlíngues devem considerar, também, outros aspectos, muito além dos puramente linguísticos na sua função. Os interlocutores, que relação têm entre si, como executam as suas intenções comunicativas (nível linguístico, variedade de língua, tom de voz, estilo discursivo etc.), que postura emocional e psicológica tomam ao relacionar-se entre si, entre outros fatores, são elementos integrantes da interação e são levados em conta quando os participantes se encontram para proceder a um diálogo.

A visão monológica percebe a manifestação linguística independente dos sujeitos que a expressam, preocupa-se mais com o texto (origem/fonte, alvo/meta) do que com o *contexto*. É nesta perspectiva que são concebidos os erros e condutas corretas como provindos, prioritariamente, da parte do intérprete interlíngue, sem considerar o todo da interação.

Na perspectiva da interpretação interlíngue como um ato monológico, a ação está concentrada no intérprete e nas línguas envolvidas. Por outro lado, na abordagem dialógica, todos os

envolvidos são responsáveis e coparticipantes do encontro comunicativo. Entendo que, nesta concepção, há interpretação interlíngua que deve considerar todos os itens envolvidos: é sempre fala situada entre três sujeitos, contextual, construída a cada momento em que ocorre; é ação, acima de tudo.

Não existe, portanto, somente um tipo de categorização; muitas das categorias se interpenetram e são, por natureza, híbridas. Outros tipos de classificação poderiam ser pensados, dependendo do traço distintivo a se destacar, por exemplo, poderíamos ainda dividir a interpretação interlíngua em unimodal/monomodal (entre línguas orais ou entre línguas de sinais) ou bimodal/intermodal (entre uma língua de sinais e uma língua oral (NICODEMUS; EMOREY, 2013) e assim por diante.

Nosso dever, como investigadores, e no estágio em que nos encontramos, é explicitar de qual aspecto estamos fazendo nosso recorte e análises em nossos trabalhos. Na pesquisa apresentada aqui, o recorte é feito não somente no uso das FT, mas em toda a relação estabelecida entre os participantes do ato mediado e as análises focaram em como foi feita a opção por uma ou outra FT, quais as motivações das ILS para estas escolhas e o que isto demonstrou sobre a suas tomadas de posições discursivas quanto aos locutores primários.

1.1.3 Um breve panorama da pesquisa em Estudos da Interpretação

Em termos acadêmicos, os Estudos da Interpretação, embora ainda com classificação incerta, por terem sido vistos como subárea dos Estudos da Tradução ou campo de estudos ou disciplina (PÖCHHAKER, 2006), vêm firmando-se, cada vez mais, com uma identidade própria. Pöchhacker, um dos maiores expoentes teóricos nos Estudos da Interpretação da atualidade, em várias de suas obras, faz considerações sobre o estatuto dos Estudos da Interpretação dentro dos Estudos da Tradução e sobre a conveniência, ou não, de serem tomados como áreas de estudo separadas.

Segundo Pöchhacker (2009), os primeiros estudos sobre interpretação versavam, quase que exclusivamente, sobre interpretação de conferências e processos cognitivos, nos quais

a classificação era feita somente pelos modos simultâneo e consecutivo, até boa parte da década de 90. Aos poucos, a interpretação de conferências deixou de ser o protótipo de interações mediadas por intérprete, e o alcance de investigações na área foi se alargando e compreendendo mais as interações face a face, como a interpretação comunitária, na área médica, para refugiados e imigrantes, jurídica etc. Outras tipologias começaram a ser analisadas, inclusive, por modalidade de língua (oral versus sinalizada). Esta virada foi marcada por uma perspectiva voltada dos eventos internacionais para eventos interpessoais e sedimenta a visão da interpretação como uma prática social situada.

Um reflexo deste novo panorama que se descortina é a crescente visibilidade da interpretação de língua de sinais, simbolizada por uma legislação que a ampara, embora nem sempre cumprida, e por um reconhecimento maior da importância de contar com este serviço nas mais diversas instâncias.

A grande dificuldade na área tem sido o desenvolvimento de métodos de pesquisa e modelos explanatórios mais adequados que despertem o interesse e respeito na comunidade acadêmica. Apesar de os pesquisadores buscarem esquemas analíticos de outras disciplinas tais como a pragmática, a análise da conversação, a antropologia social, a análise do discurso, entre outras, ainda não se conseguiu dar conta do grande desafio deste campo disciplinar: conectar explicações de um fenômeno microsociológico com estruturas e dinâmicas macrosociológicas. Ainda de acordo com Pöchhacker (2009), os cursos têm formado somente intérpretes práticos, e há a necessidade de, também, capacitar os futuros pesquisadores em interpretação para levar este campo disciplinar mais além e de uma forma mais qualificada.

No geral, as pesquisas em Estudos da Tradução ainda se concentram na análise de textos escritos, ficando os textos falados, na interpretação interlíngua, em desvantagem (GILE, 1990; PÖCHHACKER, 1995). Com poucas exceções, as investigações em interpretação interlíngua, com maior rigor científico, eram conduzidas por linguistas e psicólogos, na área da cognição. Outros estudos foram encabeçados por intérpretes práticos, em uma linguagem acadêmica que, “combinada com

princípios normativos, sobre como a interpretação deveria ser conduzida e ensinada, se solidificaram em dogma¹³ (GILE, 1995, p.15). Entretanto, no fim da década de oitenta, intérpretes, que também se tornaram pesquisadores, começaram a desejar uma abordagem mais rigorosa e científica que tem deixado muitos dos trabalhos anteriores sob o rótulo de meras teorias pessoais e especulativas sob o “estatuto de meras hipóteses e inferências não testadas”¹⁴ (PÖCHHACKER, 1995, p. 32).

Desde 1999, Gile alerta sobre problemas nas pesquisas na área da interpretação interlíngua: falta de referências, trabalhos relevantes ignorados, falha em prover referências como evidências; referências exageradas e não selecionadas; interpretação errônea de fatos, descobertas, opiniões e declarações. Este alarme é ainda atual, pois, em várias obras inseridas nos Estudos da Tradução e/ou Interpretação, principalmente dissertações e teses, encontram-se lacunas e equívocos bem pronunciados. Estas inadequações a um texto acadêmico de investigação diminuem a credibilidade da área na comunidade acadêmica.

No Brasil, a tradução e a interpretação de língua de sinais (TILS) entrou recentemente no campo da graduação com o bacharelado em Letras Libras, iniciado em 2008, e, embora as pesquisas tenham aumentado significativamente, provavelmente levará ainda algum tempo para que tenhamos um foco quantitativa e qualitativamente maior em investigações nesta área.

1.2 OS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

A definição mais conhecida, em nosso país, sobre o intérprete de língua de sinais diz que este é “o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é

¹³ No original: [...] *combined with normative principles on how interpretation should be conducted and taught, solidified into dogma* (GILE, 1995, p.15). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

¹⁴ No original: [...] *status of mere hypotheses and untested assumptions* (PÖCHHACKER, 1995, p.32). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

qualificado para desempenhar a função de intérprete” (QUADROS, 2002, p. 27). Devemos, contudo, repensar o uso do termo “profissional” (MIKKELSON, 2004), pois muitos ILS exercem a função *ad hoc*. Apesar de essa função também ser nomeada como interpretação “para os surdos” (LUCIANO, 2005; AVELAR, 2010), é propício esclarecer que os ILS estão em uma relação triádica (BÉLANGER, 2000; MASON, 2001; LEESON; FOLEY-CAVE, 2007; PEREIRA, 2008a), na qual as pessoas ouvintes também participam e precisam de sua mediação, pois

A situação que vem imediatamente a nossa mente é aquela na qual um intérprete utiliza a língua de sinais de forma que a pessoa surda possa compreender o que uma pessoa não-surda está falando. No entanto, pelo fato de a pessoa não-surda provavelmente não saber sinalizar, expandimos o papel do intérprete para incluir a vocalização do que a pessoa surda está sinalizando para o benefício da pessoa não-surda (STEWART; SCHEIN; CARTWRIGHT, 1998, p. 1).¹⁵

Hortêncio (2005), inclusive, questiona o termo “Interpretação em língua de sinais”, pois, segundo a sua concepção,

não é um termo adequado, porque transmite a ideia errônea de que a interpretação entre as duas línguas é unidirecional, ou seja, da língua oral para a língua de sinais, quando, na verdade, é bidirecional, podendo partir, também, da língua de sinais para a língua oral. Contudo, visto que a língua de sinais tem sido mais frequentemente a língua de chegada, ou a língua receptora da

¹⁵ No original: *The situation that immediately comes to mind is one in which an interpreter uses sign language so that a deaf person can understand what a nondeaf person is saying. But because the nondeaf person likely does not know how to sign, we expand the role of the interpreter to include voicing what the deaf person is signing for the benefit of the nondeaf person* (STEWART et al, 1998, p. 1). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

interpretação, é possível que a denominação baseie-se neste fato (HORTÊNCIO, 2005, p. 41).

Seguidamente confundidos com acompanhantes, tutores ou cuidadores das pessoas surdas, os ILS são, na verdade, intérpretes interlíngues, não só para as pessoas surdas, mas, inclusive, para as pessoas ouvintes, e sua língua de trabalho não se limita à(s) língua(s) de sinais; abrange, também, a(s) língua(s) oral(is). Os ILS podem ser melhor caracterizados como intérpretes interlíngues, bimodais¹⁶ não simultâneos ou, mais adequadamente, intermodais (PUST, 2005; MORALES-LÓPEZ, 2008; SOUSA; QUADROS, 2012).

Existem poucas referências ao surgimento do serviço de interpretação de língua de sinais, porém se menciona que, nos séculos XVI e XVII, algumas pessoas surdas já se faziam acompanhar por intérpretes (RODRIGUEZ; BURGOS, 2001) e, no Brasil, “[...] temos notícias da convocação oficial de intérprete, por órgão judicial, ao então Instituto Nacional de Surdos-Mudos, ainda no final do século XIX, conforme documentos existentes na biblioteca do INES¹⁷” (LEITE, 2004, p. 37).

Muitos autores ainda definem a interpretação interlíngua em termos de oralidade (PEARL, 2007), chegando a denominá-la de “Tradução Oral” (IVARS, 1999), deixando, com isso, a interpretação de língua de sinais excluída. Esta desconsideração das línguas de sinais subestima o seu estatuto linguístico e talvez, infelizmente, assumam uma visão das pessoas surdas como usuárias de um código comunicativo na forma de mímica, pantomima, ou de uma corruptela da língua oral e não como falantes de uma outra língua plena e de modalidade diferente.

¹⁶ “[...] uma forma de bilinguismo de língua minoritária na qual os membros da comunidade adquirem e utilizam tanto a língua minoritária (língua de sinais) quanto a língua majoritária na sua forma escrita e, às vezes, falada ou até mesmo sinalizada” (GROSJEAN, 2008, p 221-2). No original: [...] *is a form of minority language bilingualism in which the members of the community acquire and use both the minority language (sign language) and the majority language in its written form and sometimes spoken or even signed form.* Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

¹⁷ INES: Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Nos últimos anos, no entanto, é possível perceber que alguns estudiosos de línguas orais, ao menos, já mencionam a existência não só de línguas de sinais mas também de sua interpretação entre línguas.

Em termos sociais, no Brasil, dados coletados com uma amostra parcial dos ILS, trinta intérpretes das regiões Sudeste e Centro, referem que, destes, 90% indicaram a área religiosa e familiar como âmbito de atuação, e 85% o contexto educacional e de conferências (RODRIGUES, 2010, s/p). Observações da realidade por ILS pesquisadores indicam que um censo mais amplo não teria resultados muito diversos. Essas informações apontam evidências de que a interpretação de língua de sinais pode ser caracterizada como, prioritariamente, uma faceta da interpretação comunitária, porém com atuações em conferências. Se, a partir de Stokoe (1960/2005), academicamente, aceitamos que as línguas de sinais possuem um estatuto linguístico, comparável a qualquer língua oral, e que diferem, de modo acentuado, apenas nos seus modos de produção e recepção, não se justifica que sejam tratadas como um fenômeno extraordinário da linguagem. Interpretações interlíngues entre diferentes línguas orais e de sinais são possíveis. Em alguns países, as agências de tradução e/ou interpretação, oferecem aos clientes uma lista das línguas com as quais trabalham e, entre as línguas orais, é comum encontrar uma ou mais línguas de sinais.

Especificamente no grande campo disciplinar dos Estudos da Interpretação existem indícios de um certo preconceito, por parte da maioria que se dedica somente às línguas orais.

Essa discriminação pode ser demonstrada, por exemplo, na minha tentativa de submeter um artigo, em 2009, ao *Translation Journal*, quando obtive a seguinte resposta do editor:

Infelizmente, o Translation Journal não publica artigos sobre a língua de sinais [grifo meu]. O setor de tradução e interpretação entre línguas naturais é bastante vasto e mal conseguimos dar conta dos artigos diretamente relacionados ao

nosso enfoque principal. Conto com sua compreensão.¹⁸

Ou, mais recentemente, na disciplina Tópicos em Estudos da Interpretação, oferecida pelo Programa de Doutorado e Mestrado em Estudos da Tradução (TRADUSP), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH, da Universidade de São Paulo (USP):

A disciplina proposta não visa a tratar de questões da interpretação de língua de sinais, mas somente da interpretação enquanto intermediação entre diferentes línguas orais [grifo meu]. Embora haja algumas questões teóricas próximas no estudo da interpretação de línguas orais e de línguas de sinais, o estudo dessa segunda modalidade exigiria bibliografia e métodos especializados, que fogem ao escopo da disciplina ora proposta.¹⁹

Apesar de a veiculação das línguas de sinais ser proporcionalmente bem menor do que a das línguas orais, “a interpretação de línguas de sinais é uma parte integrante do estudo geral da interpretação e nenhuma descrição (prática ou teórica) da interpretação que não a tiver em conta pode ser considerada como completa” (INGRAM 1978, *apud* BIDOLI, 2002, p.172)²⁰. Todavia, muitos trabalhos na área pouco ou nada mencionam sobre a ILS (PEARL, 2007; PAGURA, 2010) como uma categoria da interpretação. O que parece ser

¹⁸ Comunicação pessoal. BOKOR, Gabe. *The form from Translation Journal does not work* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida e autorizada para a tese por gbokor@translationjournal.net, em 17 out. 2013.

¹⁹ Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/janus/componente/disciplinasOferecidasInicial.jsf?action=3&sgldis=FLM5468>. Acesso em 15 out. 2013.

²⁰ No original: [...] *the interpretation of sign languages is an integral part of the general study of interpretation and that no description (practical or theoretical) of interpretation which fails to take account of sign language interpretation can be regarded as complete* (INGRAM, 1978 *apud* BIDOLI, 2002, p.172). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

frequentemente ignorado é que a interpretação de “língua de sinais” também é interpretação de línguas orais quando a língua meta é uma língua oral e aspectos relativos a esta direção de interpretação têm sido demasiadamente negligenciados.

No que se refere às pesquisas em TILS, estas foram precedidas por dois movimentos: investigações que referendaram o estatuto plenamente linguístico das línguas de sinais e movimentos sociais da comunidade surda (BARAZZUTTI, 2011).

Internacionalmente já existe um quadro de pesquisadores bem consolidado na área de linguística de línguas de sinais (ver *Sign Language Linguistic Society*²¹) e, entre estes, um número considerável daqueles que se dedicam às investigações sobre a interpretação, e alguns destes estudiosos foram também intérpretes na prática.

No Brasil, a maior parte das produções na área da linguística começou somente no fim da década de oitenta. Apesar disso, contamos com um aporte cada vez mais expressivo de trabalhos versando sobre a Libras, que comporta desde autores já bem conhecidos, entre os quais posso citar Fernandes (1990), Brito (1995), Quadros (1997), Quadros e Karnopp (2004), até uma nova geração de estudiosos que vem, pouco a pouco, se consolidando. Esta base linguística serviu como propulsora para uma série de eventos que impulsionaram a área da tradução e interpretação de Libras:

- Decreto Federal 5626, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais, 2005;
- fundação da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), 2008;
- abertura do primeiro curso Letras Libras, bacharelado, 2008;
- série de Congressos Nacionais de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais, iniciados em 2008 e com periodicidade bianual;
- regulamentação da profissão de tradutor e intérprete de Libras – Português, Lei federal 12.319, 2010.

²¹ Acessível em <http://www.slls.eu/index2.php5>.

Subseqüentemente, a produção acadêmica em TILS, na forma de dissertações, teses e artigos científicos vem crescendo (ALBRES, 2006; PEREIRA, 2010; SOUZA, 2010; SANTOS, 2013), porém contamos, atualmente, apenas com quatro livros inteiramente dedicados à interpretação de língua de sinais que podem ser classificados como aquele que traz noções básicas (QUADROS, 2002), um voltado à prática em cursos de formação (PEREIRA; RUSSO, 2008b), outro que remete à interpretação educacional (LACERDA, 2009) e uma coletânea de artigos (ALBRES; SANTIAGO, 2012). É importante destacar também o aparecimento de produções sobre os intérpretes surdos, principalmente reflexões sobre suas atuações em vídeo (AVELAR, 2010; SEGALA, 2010; SOUZA, 2010, CASTRO, 2012). Talvez por estarmos em processo de consolidação da TILS no Brasil, muitos dados ainda não são consenso entre os pesquisadores, por exemplo, quanto ao início da formação. Lacerda (2009) afirma que cursos para ILS, promovidos por instituições de ensino superior, só iniciam no começo do século XXI (LACERDA, 2009, p. 24). Russo (2010), porém, menciona o próprio curso no qual se formou, promovido pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), datado do ano de 1997 (RUSSO, 2010, p. 27). É desejável que, com o fortalecimento dos estudos sobre a interpretação de Libras, possamos contar com informações mais precisas e mais acuradamente coletadas. O presente trabalho se propõe a isso, pois é necessário que as bases estejam firmemente assentadas para que este campo disciplinar se desenvolva com vigor e credibilidade, mesmo que tenhamos que, de início, abordarmos temas de forma mais situada, com ênfases de pesquisa mais modestas, porém bem mais detalhadas e aprofundadas.

Tendo situado os intérpretes e a interpretação de língua de sinais, de um modo panorâmico, no próximo capítulo será abordada a tomada de posição que é inerente a todo ato de linguagem.

2 A TOMADA DE POSIÇÃO: MARCAÇÕES NO PALCO

O posicionamento é um ato público de um ator social, realizado dialogicamente, através de meios comunicativos abertos, de simultaneamente avaliar objetos, posicionar sujeitos (a si mesmo e a outros) e alinhar-se com outros sujeitos com relação a alguma dimensão saliente do campo sociocultural²² (DU BOIS, 2007, p. 163).

As concepções de posicionamento (*stance*) ou tomada de posição (*stance-taking*), na literatura, são bastante amplas e heterogêneas (JAFFE, 2009). Entre as possíveis acepções, filio-me à linha que concebe a tomada de posição como um comportamento interacional e discursivo que evidencia “a expressão de estados psicológicos internos de um falante individual” (KÄRKKÄINEN, 2006, p. 700) com relação a um ponto de vista ou sentimentos sobre questões, eventos ou pessoas sobre as quais está falando.

Esta tomada de posição é relacionada a conceitos de avaliação, apreciação, afeto e, de modo especial, subjetividade. É uma atividade na qual os interlocutores mostram suas atitudes, posições e pontos de vista, por meio da interação, de uma forma intersubjetiva e dialógica (HADDINGTON, 2005). Esta subjetividade, que emerge da interação dialógica entre os interlocutores, refere-se

[...] ao fenômeno, no qual o falante, com suas atitudes e crenças, está presente nos enunciados que produz. Em outras palavras, em vez de simplesmente descrever ou apresentar uma afirmação objetiva de um evento ou estado de coisas, o falante representa um evento ou estado de coisas

²² No original: *Stance is a public act by a social actor, achieved dialogically through overt communicative means, of simultaneously evaluating objects, positioning subjects (self and others), and aligning with other subjects, with respect to any salient dimension of the sociocultural field (DU BOIS, 2007, p. 163). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.*

de uma perspectiva particular.²³
(KÄRKKÄINEN, 2006, p. 702).

Englebretson (2007) expõe cinco princípios conceituais da tomada de posição:

- pode ocorrer em três níveis que, frequentemente, se sobrepõem: (1) ação física, (2) atitude/crença/avaliação pessoal e (3) moralidade social;
- é pública, perceptível, interpretável e disponível à inspeção de outros;
- é interacional e construída colaborativamente entre os participantes em relação a outros posicionamentos,
- é indexificante, pois evoca aspectos de um quadro sociocultural mais amplo ou contextos físicos nos quais ocorre;
- é consequencial, pois tomar uma posição leva a consequências reais para as pessoas ou instituições envolvidas na interação²⁴

A tomada de certas posições é normalmente associada ao posicionamento pessoal que assume papéis sociais e papel identitário, concepção que temos de nós mesmos em uma interação, relações de poder etc. Uma perspectiva baseada nesse posicionamento toma as identidades sociais como construídas discursivamente, não fixas *a priori*. Por exemplo,

²³ No original: [...] *to the phenomenon that the speaker with her attitudes and beliefs is present in the utterances that she produces. In other words, rather than simply describing an event or presenting an objective statement of some event or state of affairs, the speaker represents an event or state of affairs from a particular perspective* (KÄRKKÄINEN, 2006, p.72). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

²⁴ No original: (1) *stancetaking occurs on three levels as physical action, personal attitude/belief/evaluation and social morality; (2) stance is public and perceivable, interpretable and available for inspection by others; (3) stance is interactional and it is collaboratively constructed among participants with respect to other stances; (4) stance is indexical, evoking aspects of the broader sociocultural frameworks or physical contexts; and (5) stance is consequential, leading to real consequences for the persons or institutions involved* (ENGLEBRETSON, 2007, p. 6). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

podemos ser reconhecidos como professores seguros e experientes em uma instituição (universidade) e como alunos inseguros e iniciantes em outra (escola de línguas estrangeiras).

A tomada de posição é, normalmente, dividida em três categorias: (1) epistêmica, que marca a demonstração de certezas, dúvidas, ponto de vista, imprecisão e limitação; (2) afetiva ou atitudinal, que trata das emoções, atitudes, estados de espírito e avaliações de si, do outro e da interação; e (3) estilística ou de modo, relativa ao estilo de fala (BIBER et al., 1999).

Embora bastante estudada, a tomada de posição tem muito de sua literatura limitada a elementos da língua inglesa (ENGLBRETSON, 2007). De acordo com Kärkkäinen (2003), a maioria das pesquisas sobre a tomada de posição é relativa à modalidade epistêmica e foca em marcadores de posicionamento como “eu penso”, “dizem que...”, “parece que...”, “provavelmente”, entre outros. Pesquisas recentes, contudo, vêm mostrando que não são só as categorias tradicionais de marcadores de posicionamento que dão indícios das atitudes dos interlocutores, mas que a nossa linguagem rotineira, de alguma forma, sempre aponta para nossas posições subjetivas. A tomada de posição no discurso não pode ser definida somente por itens gramaticais ou lexicais, pois muito de nossa avaliação sobre o outro é manifestada por expressões prosódicas, proxêmicas, expressões faciais e expressões vocais manifestadas por interjeições no papel de marcadores discursivos (ver GARDNER, 2001). A tomada de posição é sempre avaliada e reavaliada em uma interação, seja pela aceitação tácita, por meio de nenhuma menção ao posicionamento tomado ou por expressões de aprovação (“*também acho*”, “*aham*”, “*é*”, “*tá*” ou meneios de cabeça e outras manifestações corporais) ou desaprovação (“*não é bem assim*”, “*eu não acho*”, “*hum hum*” etc.).

entre as várias funções da tomada de posição, podemos citar: polidez/proteção de face, construção do estatuto de autoridade (hierarquia) dos participantes, regulação de aspectos da interação (turnos) ou identificação do estado de alinhamento ou desalinhamento dos participantes em seus pontos de vista e objetivos conversacionais.

Embora alguns autores afirmem que “qualquer mudança no uso do pronome pode ser vista como uma tomada de posição, alterando a relação entre o falante, o interlocutor e o objeto”²⁵ (MYERS; LAMPROPOULOU, 2012, p.1208), nesta mesma direção pode-se afirmar que não só os pronomes, mas qualquer alteração nas formas de tratamento (FT) pode modificar a atitude durante a interação e, no caso da interpretação interlíngua, por ser uma interação triádica, estas mudanças na tomada de posição se fazem sentir de modo ainda mais destacado.

Não há nada de neutro em referir-se a alguém. O PB oferece uma gama variada e instável de FT que, além de demonstrar a primeira avaliação de quem enuncia, também é um sistema em franca mudança. Em meu estudo, as pessoas a tomarem a posição são os ILS, o objeto e, ao mesmo tempo, a tomada de posição vinculam-se à FT escolhida. No esquema proposto por Du Bois (2007), temos o seguinte exemplo:

Falante	Sujeito da Tomada de Posição	Posicionamento/ avaliação	Objeto da Tomada de Posição
JAMIE:	<i>I</i> (eu)	<i>like</i> (gosto)	<i>this song</i> (desta canção)

Quadro 4: Diagrama representando as relações de avaliação e posicionamento entre o sujeito e o objeto da tomada de posição (DU BOIS, 2007, p. 153)

No caso de uma tomada de posição por meio das FT em uma interpretação interlíngua, o caso é bem mais complexo. Quando uma das ILS interpreta “*a senhora soube disso*” quem é o falante, afinal? Aposto em uma simbiose entre a pessoa surda e a ILS. O falante, na interpretação interlíngua, falará *por* alguém, em outra perspectiva, falará conjuntamente com alguém. O falante e o sujeito serão o ILS, a pessoa surda e o elemento linguístico, a FT. A escolha pela FT *a senhora*, mesmo assim, dificilmente poderá ser negociada com a pessoa surda, pois o

²⁵ No original: *Any shift in pronoun use can be seen as stance-taking, altering the relation between speaker, interlocutor, and object.* (MYERS; LAMPROPOULOU, 2012, p.1208). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

ILS faz sua escolha no momento e aposta nela para manter o equilíbrio de poder entre os interlocutores. Embora a maioria dos posicionamentos do locutor primário sejam preservados, alguns itens, inexoravelmente, serão regulados pelos intérpretes interlíngues. Alguns dos elementos avaliados são as FT e as formas de entrega do discurso (direto, indireto). Ainda que a enunciação dos intérpretes interlíngues esteja dependente da enunciação original dos locutores primários, cabe aos primeiros a escolha da FT mais apropriada entre os interlocutores e naquela situação específica. Outro exemplo da intersubjetividade que é característica da tomada de posição é se, em resposta à enunciação da ILS “*a senhora soube disso*”, a pessoa ouvinte respondesse “*não precisa me chamar de senhora*”. Neste caso, o ILS teria que rever seu posicionamento e fazer novas escolhas de FT.

Basicamente, quando interpretamos, estamos, na verdade, enunciando a fala do outro e, ao mesmo tempo, nos posicionando quanto ao que os demais interlocutores enunciaram, pois “[...] qualquer seleção de uma técnica de referenciação, tanto no caso de autorreferência quanto no caso de formas de tratamento transmitirá metamensagens sobre o *eu* do falante²⁶ (CECCHETTO; STROINSKA, 1996, p. 782). Estas avaliações manifestam-se por meio da linguagem e, de um modo peculiar, pelas formas de tratamento utilizadas em cada cultura para marcar a posição de cada um.

Outra qualidade da tomada de posição é o seu caráter performático. Tomar uma posição discursiva é, também, assumir um personagem, como veremos a seguir.

2.1 TOMADA DE POSIÇÃO COMO AÇÃO PERFORMATIVA

Uma característica pronunciada da tomada de posição é o seu caráter performativo. Jaffe (2009) frisa a interconexão existente entre a tomada de posição, a teoria da performance e a sociolinguística da performance, afirmando que as identidades

²⁶ No original: [...] *any selection of a referring technique, both in the case of self-reference and in the case of forms of address, will convey self-metamessages about the speaker* (CECCHETTO; STROINSKA, 1996, p. 782). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

sociais são discursivamente construídas no decorrer do tempo por meio de posicionamentos tomados regularmente.

Nosso posicionamento, alinhando-nos ou nos distanciando de nossos interlocutores, é fortemente influenciado por nossa plateia. Neste sentido, cada performance é o posicionamento do ator, diante de seus interlocutores e plateia, que leva em conta as avaliações feitas sobre os envolvidos na cena, o cenário e figurino, o texto a desempenhar e a reação emotiva da plateia, que está sempre conjuntamente implicada na tomada de posição, diante de fatores sociais, estéticos e morais (JAFFE, 2009).

Expressar-nos, por meio da linguagem, é colocarmos em prática uma série de estratégias de cobrimento e descobrimento de nossos *eus*, por meio de nossas máscaras sociais. Em geral, desempenhamos papéis que denotam como desejamos ser vistos pelos outros. Escolhemos gestos, palavras, vestimentas, acessórios e, algumas vezes, até locais para atuarmos melhor e satisfazermos nossas intenções comunicativas. Uma representação convincente de um personagem garante ao ator a credibilidade de que precisa para alcançar os seus objetivos.

entre várias metáforas postas para simbolizar o ato de linguagem, uma das mais produtivas foi a da representação teatral. A metáfora do ato de linguagem como um ato dramático não é nova, porém, nas obras de Erving Goffman (1985), ela adquire vigor de modo destacado a partir de *A Representação do EU na Vida Cotidiana*, na qual a teatralidade é utilizada para representar o “minúsculo sistema social da interação face a face” (GOFFMAN, 1985, p. 21).

A metáfora dramática, na visão de Goffman (1985) sobre as interações sociais humanas, tem conceitos relevantes para este trabalho.

A performance ou representação se refere a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores que tem, sobre estes, alguma influência” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

O personagem é composto das impressões que representamos diante dos outros, dos atributos que usamos para registrar a impressão aos nossos interlocutores. Então, de uma forma ou outra, estamos sempre representando personagens e

nossas caracterizações são sustentadas por diversos artifícios, além da linguagem. Estes recursos que utilizamos para manter os personagens que desempenhamos estão contidos na noção de fachada. A fachada, em si, nos conduz à própria ideia de máscara. Interessantemente, o termo pessoa tem conexão com este antigo item teatral. Originalmente, em grego, *prósopon* (transliteração de πρόσωπον) designava a máscara (*persona*, em Latim) e o personagem vestidos no drama grego e remete ao efeito que o ator, mediante uma abertura na máscara em torno da boca, fazia ao representar pelo som [per+sona] de sua voz, uma personagem. A partir daí evoluiu para a palavra pessoa, que expressa a ideia de um ser humano que significa algo, que representa algo e que demonstra ter alguma conexão definida com os outros por meio de suas ações (PERLMAN, 1986; FAITANIN, 2006).

Atuamos em algum cenário. O cenário, como espaço físico, é uma faceta nem sempre levada em consideração nos estudos voltados à linguagem humana, embora, segundo Frehse (2008), tenha sido uma preocupação existente na área da Sociologia a abordagem teórica do espaço físico, lugares e ambientes (principalmente os construídos) nos quais a vida social acontece. Por meio desta perspectiva, é interessante, em termos de investigação, pensar sobre a “alocação da posição espacial” dos indivíduos na interação (GOFFMAN, 1961/2005, p. 11) no que concerne aos ILS. Apesar de não ser a ênfase desta tese, o modo como os ILS se posicionam e utilizam-se dos espaços durante a mediação linguística é, também, um tema a ser anotado para futuras pesquisas.

Entre fachada e cenário, é possível conceber a fachada pessoal que pode ser definida como todo o cenário que carregamos conosco, seja em nosso corpo ou sobre o nosso corpo. São as características que podem ser percebidas da maneira como nos apresentamos ao mundo. Podem ser mais ou menos involuntárias, na atualidade. Muitas delas podem ser mudadas cirurgicamente ou com o auxílio de tratamentos estéticos, como nossa faixa etária, sexo, distinções raciais, altura, peso etc., ou voluntariamente incorporadas, como nosso vestuário, atitudes, maquiagem, adereços e assim por diante. Existem, basicamente, dois estímulos desencadeados pela

fachada pessoal que nos revelam aspectos importantes na expectativa de nosso desempenho para com nosso colocutor, a aparência e a maneira. A aparência pretende demonstrar a posição social e hierárquica do locutor, geralmente evidenciada por itens externos tais como vestimentas e adereços. A maneira é o modo pelo qual os locutores posicionam-se diante da interação por meio de suas atitudes, desde aspectos prosódicos até manipulação de expressões faciais, gestuais e proxêmicas.

Nossa tomada de posição durante o ato de linguagem e, conseqüentemente, durante o ato de interpretação interlíngua, nos coloca como atores e personagens de nós mesmos e, por assim dizer, personificando os locutores primários. É, então necessário, refletirmos sobre as implicações do viés teórico da tomada de posição para os conceitos, ainda circulantes em alguns locais de: neutralidade, autoria e invisibilidade (transparência) em interpretação interlíngua, porque,

Embora algumas formas de fala e escrita sejam mais saturadas de posicionamento do que outras, não há uma produção linguística, face a face, que seja uma posição completamente neutra, porque a neutralidade em si é uma tomada de posição.²⁷ (JAFFE, 2009, p. 3).

A tomada de posição não é totalmente independente e livre. Além de estarmos restritos às convenções sociais nas quais estamos imersos, também dependemos da imagem que é construída e cristalizada dos papéis que representamos. No entanto,

[...] se o indivíduo assume um papel que não somente é novo para ele mas também não está estabelecido na sociedade, ou se tenta modificar o conceito em que o papel é tido, provavelmente descobrirá a existência de

²⁷ No original: *Although some forms of speech and writing are more stance-saturated than others, there is no such thing as a completely neutral position vis-à-vis one's linguistic productions, because neutrality is itself a stance* (JAFFE, 2009, p. 3). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

várias fachadas bem estabelecidas entre as quais tem que escolher (GOFFMANN, 1995, p. 34).

Nesta pesquisa, os dados coletados evidenciam que a relação sujeito ouvinte↔sujeito intérprete↔sujeito surdo forma, praticamente, um circuito e que os papéis desempenhados por eles se interconectam e interinfluenciam mutuamente. Diante disto, como fazer afirmações categóricas, generalizantes e engessadas sobre cada interlocutor? Nesta relação, quase simbiótica e, ao mesmo tempo, momentânea, não seria possível dizer que todos são coautores e que, na verdade, esta interdependência, este “estar à mercê” da enunciação do outro caracteriza uma parceria em tríade? Inclino-me a perceber a interpretação interlíngua mais como um todo, considerando cada parceiro de interação como imprescindível para o sucesso do ato de comunicação mediado por intérprete.

Os ILS são um papel, talvez não recente em sua atuação, mas recente em seu reconhecimento social e legal e, por isso, muitos dos seus papéis ainda estão em construção (MASUTTI; SANTOS, 2008; RUSSO, 2009). Mesmo assim, algumas fachadas e representações já são exigidas dos intérpretes interlíngues e, entre estes, dos ILS. Quais seriam os desempenhos esperados de um intérprete interlíngua em nossas sociedades? É o que veremos na seção a seguir.

2.2 OS PAPEIS DESEMPENHADOS NA INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE

A interpretação interlíngua tem sido frequentemente comparada a outro ato cênico, além do teatro: a dança. Um *pas-de-trois* (WADENSJÖ, 1998) feito em dois tempos e três movimentos²⁸ (BÉLANGER, 2000); seu caráter teatral, contudo, não tem sido ignorado até porque “A metáfora dramatúrgica é [...] uma metáfora “multimídia”, incorporando elementos de várias

²⁸ BÉLANGER, Danielle-Claude. *Converser en 2 Temps 3 Mouvements: pour comprendre la communication en présence d'un interprète lsg/français*. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Université du Québec à Montréal, 2000.

outras expressões artísticas” (MENDONÇA; FACHIN, 2006, p. 301).

É importante frisar que “[...] os textos orais nunca são anônimos”²⁹ (VIAGGIO, 2004, p. 194), Assim, em geral, os intérpretes interlíngues estão visíveis, seja ao lado dos locutores primários, seja em uma posição facilmente detectável, sentados à frente do palco ou em suas cabines. É possível ver a imagem dos intérpretes interlíngues, sua expressão corporal e facial, o modo como se vestem, ouvir a qualidade de suas vozes e, em alguns casos, até sentir, os odores que exalam. Enquanto os tradutores da escrita podem permanecer incógnitos, apesar de deixarem as suas marcas discursivas nos textos que traduzem, os intérpretes interlíngues são uma presença física tridimensional, ao vivo, e bidimensional, em interpretações por vídeo, com suas identidades expostas. Os papéis representados por eles advêm não só de sua função, mas de sua presença.

Conectando com a metáfora dramaturgica, esta relação corresponde à dupla ator-personagem. É usual ligarmos a imagem de um ator aos seus papéis mais frequentes. Desse modo, por exemplo, de Charles Chaplin foram esperados o desempenho de uma figura cômica leve, do vagabundo Carlitos e, quando o personagem de um assassino em série, *Monsieur Verdoux*³⁰, foi personificado, mesmo no contexto de um humor negro, não foi somente o contexto histórico e social dos Estados Unidos que influenciou para que o filme não tivesse uma boa recepção pelo público da época. Em alguns casos, clientes acostumados à figura de um intérprete ou a um estereótipo têm dificuldades em aceitar um outro estilo de *performance* e até mesmo uma outra voz. Na interpretação de língua de sinais não é incomum uma pessoa surda ter dificuldades em permitir que um(a) ILS que, por exemplo, não se vista de preto ou que tenha uma voz de gênero (masculino, feminino) diferente da sua.

O caráter performático das línguas de sinais tem sido percebido e discutido em alguns estudos acadêmicos recentes,

²⁹ No original: [...] *los textos orales nunca son anónimos* (VIAGGIO, 2004, p. 194). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

³⁰ Fonte: Charles Chaplin Oficial site. Filming Monsieur Verdoux. Disponível *online* em <<http://www.charliechaplin.com/en/films/8-monsieur-verdoux/articles/8-Filming-Monsieur-Verdoux>>. Acesso em: 03/03/2013.

abordando vieses diferentes: Masutti (2007), Quadros e Souza, (2008), Souza (2010), Santana (2010).

O papel mais comum atribuído aos intérpretes interlíngues, sem dúvida, tem sido aquele que os coloca em uma posição intermediária, uma espécie de entremeio entre os locutores. Neste sentido, alguns autores reforçam o conceito de mediação, e não *intermediação*, por considerarem que

a ideia de intermediação é diretamente dependente de um modo positivista de ver a realidade, que separa as suas categorias em partes tidas por preexistentes e independentes entre si e que, por isso mesmo, necessitam de outras categorias, externas a cada uma delas, para cumprir o papel de intermediárias e garantir as ligações que as tornam interdependentes (SIGNATES, 1998, p. 40).

A comparação da interpretação interlíngua a uma “ponte” é quase onipresente em inúmeros trabalhos e nos leva a pensar não em um ator/personagem, mas na exigência de que os intérpretes sejam cenário. Este mesmo conceito de estar em um ponto aquém/além dos interlocutores primários gera rótulos que, muitas vezes, nos tiram a humanidade, tal como o intérprete “telefone” ou “conduto” (AHMAD, 2007, p. 1053).

Mesmo os intérpretes de línguas orais são performáticos. “O intérprete é um *ator da voz*” (VEIGA, 1997)³¹, pois sua expressividade vocal manifestada pela intensidade, altura, inflexão, ressonância, frequência, articulação e prosódia pode imprimir um caráter dramático ao que diz. A monotonia da voz de um intérprete oral, contrastando com a vivacidade de um orador, pode levar ao descrédito e desinteresse no que é dito, no orador ou no próprio intérprete interlíngua.

No caso dos ILS, como já foi mencionado, é quase impossível desvincular o texto traduzido da apresentação do corpo do ILS. É um fator definidor da interpretação de língua de

³¹ VEIGA, Aída. O intérprete é um "ator da voz". Folha de São Paulo. São Paulo, domingo, 23 de novembro de 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/23/empregos/3.html>. Acesso em 03 jul. 2013.

sinais a sua manifestação em movimentos corpóreos externos e, conseqüentemente, visíveis, pois, “não podendo esconder seu corpo em cabinas, como o fazem os intérpretes de línguas vocais (orais), o ILS aparece como o terceiro sujeito participante, ativo e engajado, não mais um mero canal passivo, um 'telefone' por meio do qual os interlocutores comunicam-se” (PEREIRA, 2008a). Por que me refiro a movimentos visíveis? Segundo Wilcox (2012), a língua, seja oral ou de sinais, refere-se à produção, recepção e interpretação de movimentos, de gesticulação articulada, dentro de um enquadre de língua como movimento. A língua oral também é produzida no corpo, pelo aparelho fonoarticulatório, porém com boa parte de seus movimentos dentro do corpo, não visíveis ou tangíveis. As línguas de sinais, por sua vez, apresentam movimentos articulatorios plenamente externos e visíveis por seu resultado aparecer na parte exterior do corpo, principalmente tronco, cabeça e membros superiores.

Esta característica de corporeidade confere um caráter extra de desempenho teatral nas suas manifestações. Assim, quando Quadros e Souza (2008) mencionam que a Libras, por ser uma língua que usa os movimentos, principalmente das mãos e do tronco, e as expressões faciais, mantêm a interpretação dependente da presença física do corpo do “tradutor”, referem-se a movimentos exteriores visíveis. Nesta perspectiva, o corpo é o próprio meio e suporte onde a interpretação ocorre. Não há como desvincular o texto traduzido da corporeidade visível do intérprete, de sua imagem corporal, e esta característica determinará muitas das particularidades da interpretação de língua de sinais.

Em casos extremos, porém não incomuns, a utilização de expressões depreciativas para se referir aos ILS demonstra que esta profissão ainda é desprestigiada, muitas vezes por suas características de manifestação do corpo associada à desinformação de boa parte da sociedade sobre a legitimidade da língua de sinais. O corpo tem sido alvo de muito preconceito e tabus, em boa parte das sociedades, especialmente daquelas regidas por padrões judaico-cristãos, nas quais o corpo é oposto ao espírito e é a fonte de toda sorte de pecados e culpa. Existe, da mesma forma, a ideia de que o que é de nossos corpos é de

natureza animal, concebida, assim, como algo inferior e indesejável.

Reconhecidamente necessários para o acesso das pessoas surdas às informações e conhecimentos circulantes na sociedade majoritária ouvinte, ainda convivemos com vários rótulos utilizados de maneira superficial e nem sempre respeitosa para com os ILS, tais como “macaquinho” (SANTOS, 2006, p. 51) e algumas outras expressões ainda não documentadas, mas já de conhecimento amplo entre os ILS, “careteiros”, “aquelas pessoas que mexem com as mãos”, “aqueles que fazem assim [mímica de alguém movimentando as mãos rapidamente]” etc.

Esta característica performática [...] parece dividir os mediadores linguísticos em duas partes, pois desenvolvem dois *eus*: uma personalidade receptora da língua fonte e uma personalidade produtora de língua alvo (NEUBERT, 1997 *apud* BÉLANGER, 2000, p. 19)³². Estas personalidades serão tão eficientes na medida em que os intérpretes interlíngues forem conhecedores das culturas envolvidas.

No caso da interpretação de língua de sinais, a mediação vai mais longe e, além de questões puramente linguísticas, cabe a nós a decisão de interpretarmos pistas contextuais e sons ambientais, por exemplo.

Wadensjö (1998) detectou dois tipos de atuação nos intérpretes interlíngues.

<i>Displaying</i>	<i>Replaying</i>
Apresentar	Representar
+ Narrador	+ Ator

Quadro 5: Displaying e Replaying, segundo Wadensjö (1998)

A posição de quem apresenta é uma interpretação mais narrativa, mais distanciada, marcando o posicionamento das individualidades entre o intérprete interlíngue e a pessoa que

³² No original: [...] *seems to tear mediators part; mediators develop two selves, an LS-receiving personality and a TL-producing personality* (NEUBERT, 1997 *apud* BÉLANGER, 2000, p. 18). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

interpreta. A tendência, neste caso, é de uma interpretação em discurso indireto.

Interpretar interlinguisticamente como representação, entretanto, presume tomar o lugar da pessoa interpretada, interpretá-la (como ator). É uma imitação do tom, da postura, da voz, do estilo de sinalização de quem se interpreta. É “encarnar” o personagem interpretado assumindo a enunciação e o ponto de vista, como interlocutor, da pessoa interpretada.

Nesta pesquisa, observei que a tendência, em interações não narrativas é, em geral, incorporar o papel, não só linguístico, mas também social do locutor primário. Assim, as ILS, como veremos mais adiante, escolhem as FT de acordo com o que pensam que o locutor surdo utilizaria, segundo a sua posição, faixa etária, hierarquia etc.

Muitas vezes o apresentador e o ator revezam-se no ato de interpretar entre línguas, porém, dependendo da interação, geralmente um destes fatores prepondera. Esta tese, concentra-se no intérprete interlíngue como ator, como aquele que se apropria da perspectiva do enunciador. E, nesta perspectiva, o uso das FT é emblemático no posicionamento que os intérpretes interlíngues tomam ao mediar interações e é sobre este assunto que tratarei a seguir.

3 FORMAS DE TRATAMENTO: PROTAGONISTAS E COADJUVANTES

É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 280-281)

No circuito de interação linguística existem duas pessoas, interdependentes, do discurso: o eu e o tu. Benveniste (1995) já discorria sobre isto, dizendo que “Eu não emprego um eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu (Op. cit., p. 286), e esta especificidade é o que constitui a pessoa no discurso. A reversibilidade, a reciprocidade e a polaridade, entre o eu e o tu, determinam a intersubjetividade que é fundamental na língua(gem) humana. Subjetivar-se é tornar-se sujeito no ato de linguagem a cada enunciação do eu, eu este que é em si vazio, mas permite que cada pessoa se aproprie deste termo e manifeste-se como o centro da instância do discurso, exatamente no momento em que enuncia eu. No entanto, nesta relação dialógica, o eu co-existe com o tu, como já dizia o filósofo Martin Buber:

As palavras-princípio não são palavras isoladas, mas pares de palavras.
 Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode-se substituir Isso por Ele ou Ela.
 Desse modo o Eu do homem também é duplo.[...]
 Se se diz Tu profere-se também o Eu da palavra-princípio Eu-Tu.
 Se se diz Isso profere-se também o Eu da palavra-princípio Eu-Isso.[...]
 Não há Eu em si, mas apenas o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra-princípio Eu-Isso (BUBER, 2001, p. 53).

Segundo Neves (2000), estas “palavras fóricas” têm dupla função de referenciar: (1) aos participantes da interlocução e (2) à remissão textual sobre: de quem se fala (Op. cit., p. 389).

Ilari et al. (2002) utilizam esta mesma classificação, porém mencionando a primeira como tendo o papel de “representar na sentença os papéis do discurso” que dependendo do viés teórico é chamada de função dêitica ou exofórica, e a segunda utilizada para remeter ao próprio texto, a mencionar algo já referido e que exerce a função endofórica, “sendo a anáfora sua representação por excelência” (Op. Cit, 2002). Os participantes do discurso são as pessoas do *eu* e do *tu*, as quais já me referi e que compõe a centralidade desta pesquisa. Os entes que são referidos no discurso, aqueles de quem se fala, constituem a categoria de não-pessoa (BENVENISTE, 1995). Lopes (2007) relaciona que os pronomes verdadeiramente dêiticos são aqueles que se relacionam à primeira e segunda pessoa do discurso, *eu/tu/você/nós/a gente/vós/vocês*, não apresentam flexão de gênero, por outro lado, as terceiras pessoas, *ele(s)*, *ela(s)*, ou não-pessoas, têm um caráter mais anafórico do que dêitico e apresentam correlação com o gênero do referido.

Em profunda relação com estas pessoas do discurso e, entre as mais variadas formas de tratar o fenômeno de como as pessoas se dirigem umas às outras, em uma interação linguística, optei por abordar a questão do ponto de vista das formas de tratamento (FT). Esta escolha se deu por permitir uma abordagem mais sociolinguística que possibilite uma aberta conexão entre um fato da língua(gem) e as posturas socioculturais, além de incorporar outros itens como, por exemplo, a dêixis social, porque

Estas expressões [FT] têm, muito geralmente, além de seu valor dêitico (exprimir a “segunda pessoa”, isto é, referir-se ao destinatário da mensagem), um valor relacional, que serve para estabelecer um certo tipo de laço socioafetivo entre os interlocutores (em uma concepção mais ampla da dêixis, que pode-se dizer que estas expressões têm que ver, ao mesmo tempo com a “dêixis pessoal” e com a “dêixis social”) (CHARAUDEAU; MAINGUENAEU, 2008, p. 483).

Também chamadas de sistema de formas de tratamento (BALSALOBRE, 2010) ou sistema de tratamento (BERGER; BETSCH; BREHMER, 2001), considero que seria mais adequada a denominação que a língua inglesa lhes dá: formas de endereçamento (*address forms*), pois “tratamento” pode, equivocadamente, reportar somente à segunda pessoa do discurso e, como veremos, as FT englobam todos os tipos de referência a pessoas. No entanto, como a terminologia está convencionada e sedimentada como formas de *tratamento*, não vou propor aqui nenhuma modificação. Nesta tese, analiso somente o uso de formas sujeito de tratamento, descartando as formas de tratamento vocativo e objeto (que inclui os pronomes oblíquos).

As FT são um elemento de bastante complexidade e se relacionam com as questões de polidez manifesta por meio da língua(gem). O modo como nos referimos a nós e aos nossos interlocutores é um elemento-chave que não só demonstra o nosso posicionamento quanto a eles, discursivamente, mas também regula a relação interpessoal.

Para Kasper (1990) existem dois fatores que definem a escolha de uma FT: (1) a relação entre os participantes do ato de linguagem, chamada de indexador social (*social indexing*), e (2) as intenções e variáveis sociais, que podem ser chamadas de polidez estratégica.

No clássico trabalho de Brown e Gilman (1960), os autores, além de fazerem uma retrospectiva histórica dos usos de FT entre as classes sociais, marcam dois tipos principais: (T) que identifica a FT de solidariedade, intimidade e reciprocidade entre os interlocutores; e (V) como a marca de superioridade, distância (a quem não é familiar), reverência e, até, elegância (fórmula de modéstia e majestade). Ambas as convenções são oriundas do Latim, *tu* e *vos*. Os endereçamentos ao colocutor com um (T) ou um (V), segundo os autores, depende dos fatores de poder (semântico) e solidariedade. O poder, definido como uma influência que alguém exerce sobre a outra pessoa de mudar o seu comportamento e até guiá-lo. O poder não é igualitário, sempre alguém é superior ou inferior a outro alguém; não existe reciprocidade, segundo Brown e Gilman (Op. cit.,

p. 255), “[...] o superior diz (T) e recebe (V)”³³. A solidariedade semântica, por outro lado, baseia-se no pressuposto de uma relação entre iguais, que se reconhecem como pertencentes virtualmente a uma mesma classe (econômica, formação acadêmica, grupo ou associação de classe etc.) ou, ainda, que concordem, explícita ou implicitamente, em se tratarem como iguais. Exemplifico este caso quando uma pessoa começa a tratar seu colocutor por *o senhor* (V), e o endereçado declina deste tratamento pedindo “pode me tratar por *tu/você* (T)”.

As alternâncias de FT, durante uma interação, são reguladas pelo tipo de relação, entre os interlocutores, que pode ser simétrica ou recíproca (igual↔igual), ou assimétrica ou não-recíproca (superior↔inferior). A partir disso, vários estudiosos têm postulado que o fator da solidariedade semântica tem prevalecido nas sociedades e é, cada vez mais, o propulsor do declínio recorrente de FT que designam poder, as formas (V), na língua em uso corriqueira.

Em PB, Biderman (1972/1973) faz um dos primeiros apanhados gerais de origem, evolução, uso entre as classes sociais e comparação entre as formas (T) e (V), inclusive em relação a outras línguas latinas, principalmente, o espanhol utilizado em diversos países. Mesmo naquela época, a autora conclui que as mudanças visíveis no sistema pronominal brasileiro não encontravam eco, principalmente, nas escolas que ainda ensinam as formas tradicionais e, até mesmo, arcaicas para os alunos. Mais recentemente, Modesto (2005) faz um levantamento sobre os estudos sobre as FT no PB, constituindo-se em um verdadeiro estado da arte, até aquele momento.

A seguir, discrimino as FT do PB segundo dois parâmetros, basicamente, de classificação: o critério morfológico e o critério pragmático.

3.1 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DAS FT

Na maioria das línguas, as formas de tratamento são classificadas de acordo com o critério morfológico, pelas classes

³³ No original: [...] *the superior says T and receives V* (BROWN; GILMAN, 1960, p. 255). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

de palavras a que pertencem: (1) FT pronominais: pronomes, (2) FT verbais: verbos e (3) FT nominais: nomes (substantivos e adjetivos) (CINTRA, 1962; BRAUN, 1988).

3.1.1 FT Pronominais

As FT por meio de pronomes são a forma mais conhecida e lembrada quando nos referimos aos modos de nos dirigirmos aos nossos interlocutores e de enunciarmos a nós mesmos.

É muito explícita a “falta de homogeneidade na classificação de pronome de tratamento dada pelos gramáticos” (PENKAL, 2006, p. 80), pois até mesmo a noção e conceituação de pronome é problemática entre os autores e pesquisadores, sendo que *você(s)* e *o(a) senhor(a)*, principalmente, oscilam entre classificações como formas de tratamento (que excluiria serem pronomes) ou como um termo geral de pronomes de tratamento.

No português antigo, a divisão entre a dimensão familiar/íntima e cortesia/polidez não era difícil de ser feita e era polarizada na forma dos pronomes *tu* (T) e *vós* (V), assim como várias línguas europeias, como é visualizado no quadro 6.

	INTIMIDADE (T)	POLIDEZ (V)
FRANCÊS	<i>tu</i>	<i>vous</i>
ALEMÃO	<i>du</i>	<i>Sie</i>
ITALIANO	<i>tu</i>	<i>lei</i>
ESPAÑHOL	<i>tu</i>	<i>usted</i>

Quadro 6: Pronomes de tratamento de intimidade e polidez em algumas línguas europeias, segundo Lyons (1982)

É de importância notar que uma das línguas mais estudadas, na atualidade, o inglês, não possui a distinção pronominal entre (T) e (V), assim como aparenta não tê-la a Libras. Em Inglês, o pronome *you* serve tanto o contexto de intimidade quando de polidez, assim como, na Libras, parece comportar-se o apontamento para o interlocutor.

Em PB, uma mudança iniciou-se quando o *você* começou a aparecer, a partir da metade do século vinte, como um nome de tratamento cerimonioso, *vossa mercê*, ao lado do pronome *vós*. Embora a forma padrão seja *você*, em algumas regiões do Brasil, registram-se as variantes *ocê* e *cê*, consideradas de menos prestígio. A linha evolutiva do estabelecimento de *você* como FT pronominal, com mais ou menos detalhamento, pode ser assim indicada: *Vostram mercedem*³⁴ > *Vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *vosm'cê* > *voscê* > *você* > *ocê* > *cê* (VITRAL, 1996; PERES, 2007; COELHO, 2008; GONÇALVES, 2010). Freitas (1997) refere a existência de uma certa polêmica em classificar o *você(s)* como somente uma forma de tratamento nominal ou como um pronome de tratamento, pois alguns gramáticos tradicionais alternam-se em registrar estas formas de uma ou outra maneira.

Tu, o pronome original de segunda pessoa singular, nos dias atuais concorre com *você* no tratamento ao colocutor e, apesar de minoritário, em uso, persiste em algumas regiões do país. Modesto (2005) questiona se o que acontece entre o *tu* e o *você* é uma “coocorrência pacífica” (variação) ou se é um fato de concorrência entre as duas formas e que pode levar ao desaparecimento do *tu* (mudança). Alguns estudiosos declaram que a forma *tu* é quase que exclusivamente utilizada na região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul (ILARI et al.), em contrapartida ao *você*, que seria utilizado pelo resto do país, no mesmo grau de intimidade (BOLIVAR, 2007; QUEIROZ, 2011). No entanto, pesquisas recentes apontam para uma alternância entre o *tu* e o *você* em todas as regiões do país (SCHERRE; MODESTO, 2009/2010; YACOVENCO, 2011). Loregian-Penkal (2004), em sua tese (RE)ANÁLISE DA REFERÊNCIA DE SEGUNDA PESSOA NA FALA DA REGIÃO SUL encontra, inclusive, grande variação na própria região Sul e detecta um maior uso de *tu* nas “receitas, explicações e o discurso predominantemente argumentativo”, e *você* sendo propiciado por fatores como: “a indeterminação do referente; o discurso relatado de terceira pessoa e o discurso predominantemente narrativo”.

³⁴ Forma encontrada em Wilhelm (1979 apud Gonçalves, 2010, p. 2538).

O pronome *vós*, por sua vez, praticamente já desapareceu do uso, salvo em ocasiões de extrema formalidade, nas gramáticas escolares (MENON, 1995), em textos antigos e religiosos (BIDERMAN, 1972/1973, FREITAS, 1997; MENON, 2000; LOPES, 2012).

Outra modificação no PB falado, que vem trazendo instabilidade ao sistema pronominal, é a gramaticalização de *a gente*. *A gente* é uma das expressões mais controversas e que hora é incluída na classe dos pronomes pessoais e ora como pronome indefinido (MONTEIRO, 1990; LOPES, 2003). Lopes (2003) identifica a sua evolução da seguinte forma: *gente* [nome genérico] → *a gente* [pronome indefinido] → *a gente* [pronome pessoal].

No entanto, quando se fala em FT, nem sempre a correspondência do termo formal com a pessoa discursiva apontada é unívoca. Existem casos documentados de língua falada em que a referência formal a um pronome é indeterminada. Por exemplo, o caso do pronome *nós*, que pode representar: “eu+você, eu+ele, eu+vocês, eu+eles, eu+todos” (LOPES, 2007, p. 8) ou a pessoa indeterminada e “plural de modéstia” (ILARI et al., 2002). O que acontece é que,

O quadro de pronomes pessoais, que ainda vigora nas gramáticas, estruturado a partir de três pessoas do discurso (*eu/tu/ele*) com variação de número (*nós/vós/eles*), está longe de ter uma coerência interna e de dar conta da realidade concreta do português do Brasil (LOPES, 2007, p. 4).

Muito além de pensar nas FT e nos pronomes como simples denominadores percebo neles um fator ideológico e político nem sempre notado, assim como Pennycook (1994) que defende que os pronomes não podem ser neutros, em si, e que a cada vez que utilizamos um *eu* ou um *nós*, por exemplo, estamos ao mesmo tempo delimitando a nossa identidade e construindo o outro. Segundo ele, não há, nunca, um pronome que não seja problemático, pois, longe de serem referentes neutros, o uso de cada um deles suscita uma série de questões sobre linguagem, poder e representação. Esta é a dimensão da tomada de

posição, de quem nós somos e como delimitamos quem é o outro.

3.1.2 FT Verbais

A crescente alternância entre o *tu* e o *ocê*, e entre o *nós* e a *gente* está produzindo modificações, tanto no sistema pronominal quanto, conseqüentemente, no sistema verbal do PB. Estas alterações, ainda em curso e pouco reconhecidas pelos partidários da gramática normativa, são consideradas ora como “erros”, ora como desvios da gramática tradicional. No Quadro 7, trazemos uma comparação entre a forma ensinada na maioria dos manuais escolares e seu estágio atual no PB.

FORMA PADRÃO	PB
EU escrevo	EU escrevo
TU escreves	TU escreves VOCÊ escreve
ELE/ELA escreve	ELE/ELA escreve
NÓS escrevemos	NÓS escrevemos → A GENTE escreve
VÓS escreveis	VOCÊS escrevem
ELES/ELAS escrevem	ELES/ELAS escrevem

Quadro 7: Comparação entre a desinência verbal ensinada nas gramáticas normativas tradicionais no uso do PB falado.

As seis formas originais de desinência verbal, atualmente há uma diminuição na riqueza de flexão verbal. Considerando que a segunda pessoa do singular, *tu*, geralmente é conjugada com a forma verbal na terceira pessoa do singular, diminuímos para cinco terminações verbais e se contarmos com a crescente substituição de *nós* por *a gente*, conjugado também na terceira pessoa do singular, teremos, então, quatro terminações verbais atuantes no PB contemporâneo.

Passando ao longe das discussões sobre um possível deslocamento no parâmetro pro-drop e que se debatem em considerar o PB como língua: pro-drop parcial

(VASCONCELLOS, 2003; QUAREZEMIN, 2006; BRITTO, 2009), língua de sujeito nulo diferente (GRAVINA, 2010) ou semi-pro-drop (SILVA, 2011), o mínimo que se pode afirmar é que o PB está passando por um processo de mudança no que concerne à representação do sujeito pronominal. O que é relevante, para esta pesquisa, é a saliência do preenchimento da posição de sujeito por um pronome, pois,

Com um paradigma flexional reduzido, o sujeito passa a ser cada vez mais pleno nesta língua [PB], pois, caso a sua posição não seja preenchida, a concordância verbal pode não recuperá-lo na sentença (QUAREZEMIN, 2006, p. 1795).

Um exemplo disso é que, quando o pronome *vós* era tido como indicador, além da terceira pessoa do plural, também de deferência e de polidez, era possível dizer: *Podeis entrar* e nesta informação a forma verbal *podeis* não necessitava do *vós*. Havia uma FT verbal bem marcada e reconhecível porque o PB apresentava um paradigma verbal mais rico e a concordância permitia recuperar o sujeito.

Com o enfraquecimento do paradigma verbal do PB, cada vez mais a explicitação do sujeito tem se tornado necessária, o que, torna a utilização de FT verbais mais raras.

3.1.3 FT nominais

Segundo Braun (1988), os nomes de tratamento são substantivos e adjetivos utilizados para designar ou referir o colocutor.

[...] o uso nominalizado lembra algo próprio da pessoa com quem se fala, seja simplesmente o sexo, seja a categoria social ou profissional, o parentesco, o grau de intimidade entre os interlocutores etc. (BALSALOBRE, p. 92)

Na língua escrita, existe um vasto cabedal de FT nominais, especialmente estudadas para normas de correspondência comercial e jurídica, tais como Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Magnificência etc.

Na língua falada, entre uma grande variedade de tipos de nomes de tratamento, as mais frequentes são: nomes em geral e em especial nomes próprios, termos de parentesco e intimidade (pai, mana, amigo, camarada etc.), honoríficos (senhor/a, vossa excelência etc.), título profissional ou de função (professor/a, coronel, princesa etc.), entre outros. Boa parte destes termos pode ser antecedida, seguida ou combinada de diversas formas entre si, como, por exemplo, senhor diretor.

De todas, a mais comum e mencionada é a forma *senhor(a)*.

Senhor é empregado quando se quer deixar claro que não há intimidade, em situações formais da sociedade de consumo capitalista (relações 'cliente-fornecedor') ou quando se quer marcar a distância entre os falantes, não importando se de inferior para superior ou vice-versa (MODESTO, 2005, p. 7).

É também problemático no uso e deve ser um desafio para o aprendiz de PB como L2. Assim como era utilizado, antigamente, para demonstrar respeito, atualmente, em alguns casos pode ser considerado até uma afronta, pois tem sido utilizado para marcar a idade e, em nossa sociedade, que valoriza somente a juventude, ser idoso é ser alvo de preconceito. Muitas pessoas quando são endereçadas por *o(a) senhor(a)*, declinam deste tratamento pedindo para serem chamadas de tu ou você. A FT nominal *o(a) senhor(a)* tem sido mais utilizada para marcar a distância entre faixas etárias, hierárquica e social (MODESTO, 2005).

3.2 CLASSIFICAÇÃO PRAGMÁTICA DAS FT

Outra possibilidade de sistematização do fenômeno por meio do qual os interlocutores se dirigem uns aos outros é a classificação segundo o critério pragmático (CARREIRA, 1995;

BALSALOBRE, 2010), que organiza as FT em função do papel dos interlocutores na interação: elocutivo, alocutivo e delocutivo. Elocutivo compreende a designação de si, quem enuncia; alocutivo abrange os termos utilizados para nos referirmos ao colocutor, para quem se enuncia e delocutivo, que nomeia como nos referimos a quem está fora do circuito interativo, as terceiras pessoas sobre quem enunciamos. Não examinarei as FT delocutivas, embora inicialmente existisse a possibilidade de, em uma interpretação interlíngua, os ILS utilizarem a terceira pessoa para se referirem aos seus colocutores secundários surdos. Entretanto, isso praticamente não ocorreu e será comentado mais adiante.

3.2.1 Sistema elocutivo de FT

O que me chamou atenção, nesta categorização, foi que muito procurei sobre como denominaria o fenômeno que acontece quando a pessoa se refere a si mesma e, afora o termo autorreferência que pode ser utilizado, também, para designar quando um autor cita a si mesmo em uma obra, somente encontrei resposta nesta classificação de Carreira (1995).

entre as maneiras postas em ação para designar aquele que enuncia, os pronomes eu, nós, a gente e suas conjugações verbais parecem ser as mais utilizadas.

Em algumas situações já foi detectada a autorreferência na segunda pessoa ou terceira pessoa (LAND; KITZINGER, 2007).

Dizer *eu* pelo outro é possível? Em um primeiro momento, verificamos que existem situações corriqueiras em que alguém se coloca na posição do outro. Falamos por quem não é capaz de falar por si, total ou parcialmente: crianças muito pequenas, animais, pessoas com problemas motores ou cognitivos e, de um modo surpreendente, falamos por personagens, por criaturas lembradas ou imaginadas que podem, ou não, ser humanas. Em todos estes casos personificamos algo ou alguém.

Um dos fenômenos marcantes de interpretações interlínguas é a tendência de vários órgãos de classe que empregam intérpretes e de cursos de formação direcionarem para que os intérpretes sempre se enunciem em primeira pessoa

do singular, durante o momento da interpretação, da seguinte forma:

1) Faça contato visual e fale na primeira pessoa (utilizando “eu”)³⁵

2) [...] a interpretação consiste em transpor uma mensagem de uma língua para outra, com naturalidade e fluência, respeitando a linguagem, o tom e as convicções do orador e falando na primeira pessoa.³⁶

A mediação interlíngua, além disso, possui mais uma característica determinante: um dos participantes da interação fala pelo outro e, em várias ocasiões, como se fosse o próprio outro por meio da autorreferência ou, mais apropriadamente FT elocutiva.

Interpretar na primeira pessoa ou reter a perspectiva de pessoa (BOT, 2005) é um dos aspectos mais intrigantes e, paradoxalmente, menos estudados, tendo em vista sua consideração como indicador de qualidade da interpretação.

3.2.2 Sistema alocutivo de FT

Os fatores extralinguísticos são decisivos na escolha final de como será feito o tratamento, no caso de haver mais de uma opção possível para nos referirmos ao nosso colocutor. Consequentemente, as formas de tratamento são guiadas, prioritariamente, por questões sociais, além das linguísticas. Os interlocutores constantemente calibram as suas FT de acordo com o “tipo de relacionamento que o usuário percebe ou supõe existir entre ele e seu interlocutor” (MENDES, 1998, p.137).

A língua portuguesa, no quesito sistema de tratamento, tem mostrado um comportamento um pouco diferente de muitas

³⁵ No original: *Make eye contact and speak in the first person (using “I”)* (CALIFORNIA COURTS, 2009). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

³⁶ Portal das Línguas do Sítio Europa, disponível em: <http://europa.eu/languages/pt/chapter/16> (03/10/2008)

outras línguas que apresentam a dualidade T/V. Existe o *tu*, o *você*, *o/a senhor/a*, *o/a amigo*, *o/a professor/a*, *o/a doutor/a* etc., além dos extremamente formais, como Vossa Senhoria ou Vossa Excelência, somente postos em ação em interações de contextos específicos (jurídico, político) e bastante ritualizados linguisticamente. Um outro caso é a ausência de pronome, ou realização \emptyset (zero).

Existem diversas tentativas explanatórias para a utilização de uma ou outra forma de pronomes de tratamento, porém nem sempre fáceis de explicitar, dependendo de um conjunto de variáveis que envolvem faixa etária, hierarquia, laço social, tipo de evento comunicativo no qual os participantes estão engajados e assim por diante.

Quanto às línguas de sinais e, mais especificamente, a Libras existe um conjunto de investigações mais recentes baseadas na dêixis de pessoa, principalmente. Entretanto, como veremos, na seção seguinte, quando o tema são as FT, pouco ou nada foi realizado até agora.

3.3 PARTICULARIDADES DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Inicialmente, devo declarar que não acessei nenhum trabalho que trate especificamente das formas de tratamento em alguma língua de sinais, apesar de exaustivas pesquisas. Praticamente todas as investigações sobre a forma de mencionar outra pessoa, no discurso, em línguas de sinais têm sido feitas na perspectiva da dêixis de pessoa, realizada por meio de pronomes e verbos indicadores (HOFFMEISTER, 1978; LOEW, 1984; PETITO, 1986; BERENZ, 1996; MOREIRA, 2007; HAZOPOULOU, 2008; PIZZIO, REZENDE; QUADROS, 2009).

A única referência com a qual me deparei foi em Roncarati (2008), mencionando um trabalho de Ferreira Brito (1996) sobre um único exemplo de dêixis social em Libras: “uma forma pronominal de terceira pessoa do singular que tanto identifica o referente, quanto sinaliza que a pessoa referida não é intimamente próxima” (RONCARATI, 2008, p. 126). Sendo esta a única descrição indiretamente obtida, não consegui identificar que forma pronominal seria esta.

Moreira (2007), em uma exaustiva revisão bibliográfica, afirma que a dêixis de pessoa, em línguas sinalizadas, é realizada substancialmente por meio de dois tipos de sinais de apontamento: os pronomes pessoais e os verbos indicadores.

A referência de pessoa nas línguas de sinais é sempre marcada espacialmente, ou seja, é realizada no espaço físico e depende dele. Uma outra característica espacial é o fato de essas referências (dêiticas e anafóricas) serem feitas por sinais que combinam traços linguísticos discretos e gestos de apontamentos não-discretos, que literalmente apontam para o local associado, no discurso, à representação mental de uma entidade (MOREIRA, 2007, p. 17).

Um ponto importante é a discussão sobre a noção de pessoa em línguas de sinais. Enquanto alguns pesquisadores defendem que os pronomes pessoais em línguas de sinais tenham o mesmo padrão da maioria das línguas orais, outros sustentam que não há distinção de pessoa nos discursos em língua de sinais.

Em suma, na Libras, Moreira (2007) conseguiu detectar os seguintes pronomes pessoais:

FORMAS DE PRIMEIRA PESSOA NA LIBRAS	
PESSOA DISCURSIVA APONTADA	DESCRIÇÃO DO SINAL
EU	Mão dominante com a região ulnar da mão paralela ao chão move-se até tocar a parte superior do peito.
NÓS-dois	Mão dominante, apenas os dedos indicador e médio estendidos; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; palma da mão voltada para o sinalizador; mover o punho para apontar os dedos ora para o sinalizador, ora para a direção de mais um participante da situação.
NÓS-três	Mão dominante, com os dedos indicador, médio e anular estendidos (forma da mão em 3); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.

FORMAS DE PRIMEIRA PESSOA NA LIBRAS	
PESSOA DISCURSIVA APONTADA	DESCRIÇÃO DO SINAL
NÓS-quatro	Mão dominante, apenas com o polegar fechado e os demais dedos estendidos (forma da mão em 4); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.
NÓS-plural (mais de 4 pessoas)	Mão dominante, apenas com o dedo indicador estendido; palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em uma trajetória semicircular até tocar o ombro oposto com a ponta do dedo indicador.

Quadro 8: Adaptação do Sistema pronominal em Libras, formas de primeira pessoa, segundo Moreira (2007).

Todas as pessoas discursivas são, sumariamente, indicadas por apontamento, mas a primeira pessoa do plural, em Libras, possui várias formas, porque é distintivo saber quantas pessoas, até quatro, estão envolvidas neste *eu* coletivo.

O quadro 8 explicita as formas de não-primeira pessoa, seja o colocutor ou a terceira pessoa. Note-se que a terceira pessoa discursiva, diferentemente do PB, não tem nenhuma marca de gênero.

FORMAS DE NÃO-PRIMEIRA PESSOA NA LIBRAS	
PESSOA DISCURSIVA APONTADA	DESCRIÇÃO DO SINAL
TU/VOÇÊ	Mão dominante, apenas com o dedo indicador estendido; região ulnar da mão paralela ao chão; dedo indicador apontado para um local no espaço físico que esteja associado à representação mental do enunciatário ou de uma terceira pessoa.
ELE/ELA	

FORMAS DE NÃO-PRIMEIRA PESSOA NA LIBRAS	
PESSOA DISCURSIVA APONTADA	DESCRIÇÃO DO SINAL
VOCÊS-dois	Mão dominante, apenas com os dedos indicador e médio estendidos; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; palma da mão voltada para o sinalizador; mover o punho para apontar os dedos ora para o sinalizador, ora para a direção de mais um participante da situação.
VOCÊS-três	Mão dominante, com os dedos indicador, médio e anular estendidos (forma da mão em 3); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.
VOCÊS-quatro	Mão dominante, apenas com o polegar fechado e os demais dedos estendidos (forma da mão em 4); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.
VOCÊS ou ELES/ELAS (mais de quatro entes)	Mão dominante, apenas com o dedo indicador estendido; mover a mão, apontando o dedo para vários locais, no espaço físico, associados às conceitualizações das entidades que se quer indicar.

Quadro 9: Adaptação do Sistema pronominal em Libras, formas de não-primeira pessoa, segundo Moreira (2007).

O grande traço diferencial entre a segunda e a terceira pessoas é que, na segunda pessoa, o apontamento é direcionado diretamente para o colocutor e conjuntamente com a mesma direção do olhar.

De forma diferenciada de Moreira (2007), optei por uma descrição da 1^a. pessoa do singular, não com o dedo indicador, mas com a mão, deixando indefinido se seria esse dedo, outro(s) ou a mão toda que toca não só o esterno, mas a parte superior do peito (esterno, ombro), pois, nas filmagens analisadas nesta

tese, encontramos (os transcritores e eu) configurações de mão diferentes para referir a primeira pessoa, como é demonstrado por meio da figura 1.



Figura 1: Configurações de mão (CM) variantes para a primeira pessoa do singular

O PB demonstra ter um sistema de dêixis social mais complexo do que a Libras. Não se tome esta afirmativa como uma generalização de que a Libras é menos complexa, mas apenas como um dado comparativo entre línguas. Assim como a Libras, a língua inglesa não possui a distinção entre (T) e (V).

3.4 AS FT NA INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE

É relevante observar que a maioria das investigações sobre FT aborda o fenômeno de uma perspectiva essencialmente diádica. O discurso de mediação interlíngue permanece pouco estudado: a posição discursiva e interacional deste mediador, quanto às FT, porém em situação muito particular (é e não é o interlocutor), não produziu pesquisas abundantes, até agora, apesar de ser um fator crucial na mediação cultural intrínseca à mediação linguística feita pelos intérpretes. Apesar de as interações serem intensas, pessoais e diretas, em uma interpretação interlíngue, as formas de tratamento têm recebido muito pouca atenção, mesmo sendo um terreno sensível onde língua e cultura mostram sua indissociabilidade.

Um dos poucos textos a tratar de assunto foi um estudo efetuado por Pöchhacker (1995), a partir da observação de como os intérpretes de alemão e inglês gerenciavam as FT no congresso do Conselho Internacional para Pequenos Negócios (*International Council for Small Business – ICSB*). Foi verificada a

necessidade de um cuidado ao utilizar as FT, pois, sendo termos intimamente ligados à cultura, há dificuldade e, em alguns casos, impossibilidade de interpretar os termos e títulos para a outra língua. O efeito causado na plateia pela utilização de uma FT menos polida pode ser delicado e constrangedor aos interlocutores ao mesmo tempo que uma FT com um grau de polidez exacerbado pode causar a impressão de pedantismo ou arrogância. Vejamos um exemplo retirado do texto:

FT em inglês (língua fonte)	O intérprete diz em alemão (língua alvo)
Bruce (primeiro nome)	<i>Präsident</i> (Presidente) Kirchhoff
<i>Mister</i> Hinteregger	<i>Botschafter</i> (Embaixador) Hinteregger
Em geral a FT era o primeiro nome.	Em geral, a FT era <i>Herr</i> (senhor) ou <i>Frau</i> (senhora).

Quadro 10: Amostra de algumas FT utilizadas na interpretação do inglês para o alemão (PÖCHHACKER, 1995)

Desta pequena amostra é possível inferenciar que a utilização das FT em alemão são bem mais complexas e sujeitas a condições hierárquicas do que na língua inglesa. A sugestão, nem sempre possível de ser seguida, seria requerer um pequeno encontro antes dos eventos para esclarecer o nível de formalidade e FT exigidas e estabelecer uma parceria cooperativa com as pessoas a serem interpretadas.

Pöchhacker (1995) conclui que, apesar de a interpretação interlíngue propiciar interações muito mais diretas e pessoais do que em uma tradução escrita, as FT têm recebido muito pouca atenção neste tipo de mediação linguística. Sem um escrutínio completo sobre a interação, o quanto o intérprete sabe sobre os interlocutores, o quanto o intérprete conhece sobre o que os interlocutores sabem entre si e sobre si e quais as expectativas que cada interlocutor tem do outro e da própria atividade dos interpretes interlíngues, não é possível uma utilização satisfatória das FT.

O que as FT dizem sobre nós e nossa tomada de posição em um discurso? Este questionamento, na verdade, é o cerne

desta investigação e, na próxima seção, apresento a metodologia, o desvelamento dos dados e sua análise.

4 DEIXANDO OS DADOS FALAREM: O ROTEIRO

*Grande dúvida, grande iluminação.
Pequena dúvida, pequena iluminação.
Nenhuma dúvida, nenhuma iluminação.*
(Aforismo Zen Budista)

Esta investigação utiliza a triangulação de dados, baseada em análises de filmagens, em uma entrevista com cada ILS e contém elementos de um estudo de caso que ocorre no contexto do ensino superior, sendo sua unidade de análise uma das universidades federais, localizada no Rio Grande do Sul.

Nos dias atuais tem havido uma receptividade maior ao pluralismo metodológico; "após várias décadas em que prevaleceram as 'guerras de paradigmas'", a triangulação "também representa o conceito que quebrou a hegemonia metodológica dos defensores do monométodo (ou método único)" (DUARTE, 2009, p. 6).

A triangulação de dados é um dos termos mais usados, sendo um conceito central, na integração metodológica, pois é capaz de articular métodos qualitativos entre si assim como métodos quantitativos e qualitativos. Minha opção por esta abordagem se justifica devido a minha própria visão como pesquisadora que, acreditando que a realidade é multifacetada, reforço que só podemos ter aproximações que, ainda assim, sempre passarão pelo crivo da interpretação do investigador. Utilizo-me, portanto, da triangulação como modo de integrar perspectivas em um movimento de complementariedade.

Para localizar os ILS, concursados, que atuavam, no Rio Grande do Sul (RS), em universidades federais, primeiramente pesquisei no portal da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES)³⁷ e identifiquei as universidades federais do RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA) e incluí, até mesmo, a Universidade Federal da Fronteira Sul

³⁷ Disponível em <http://www.andifes.org.br/>.

(UFFS) que, embora com sede em Santa Catarina (SC) possui campi no RS (Cerro Largo, Erechim e Passo Fundo). Em seguida, como tenho vínculo com vários profissionais que trabalham na área de ensino e interpretação de Libras destas instituições, contatei-as, por meio de correio eletrônico, para fazer um levantamento inicial dos ILS concursados. De todas as universidades federais encontradas, somente duas contavam, em 2011, com ILS concursados, nomeados e em exercício. Depois disso, foram identificadas e contatados os ILS destas universidades para apresentar-lhes a pesquisa, verificar seu interesse em participar e dias e horários nos quais eu poderia encontrá-los para que as filmagens fossem feitas.

Na Universidade Federal dos Açudes³⁸, não tive obstáculos em marcar horários e situações para gravar os vídeos, pois a localização geográfica era um elemento facilitador para mim.

Infelizmente o mesmo não ocorreu com o pessoal da Universidade Federal do Canal. Na primeira combinação de datas, em que eu poderia me ausentar do trabalho durante alguns dias, fui comunicada de que as³⁹ ILS efetivas da Universidade Federal do Canal supervisionariam estagiárias e não atuariam nos dias combinados para as filmagens. Na segunda ocasião, fiquei aguardando o contato a partir do momento em que os estágios acabassem, mas este não ocorreu, e logo iniciaram as férias, frustrando minha expectativa de ter uma coleta mais diversificada. Conciliar horários para as viagens com meus horários de trabalho também seria uma tarefa bem complicada e, com o prazo para a coleta de dados quase acabando, decidi concentrar o estudo somente na Universidade Federal dos Açudes.

Assim, somente as duas intérpretes de Libras efetivas, na época, da Universidade Federal dos Açudes permaneceram como sujeitos de pesquisa. Isso reforça Cencini e Aston (2002), quando mencionam a relutância dos intérpretes interlíngues em serem filmados. Suponho que esse fato e as dificuldades

³⁸ Utilizo nomes fictícios, a partir de agora, das universidades federais que efetivamente participaram do processo de pesquisa, para salvaguardar identidades.

³⁹ Na época em que foram realizadas as filmagens, todos os ILS efetivos eram do sexo feminino, por isto mantenho as referências no feminino.

inerentes da transcrição de dados de fala são alguns dos fatores mais decisivos que tornam as pesquisas empíricas em interpretação interlíngua mais escassas, difíceis e trabalhosas.

Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), passei às tratativas dos melhores dias e horários para as filmagens das interpretações da Libras para o PB.

Dei preferência aos contextos de uso autêntico da língua, não situações criadas. A meta foi coletar, ao menos, uma amostra das diversas situações vivenciadas pelos ILS no ensino superior.

4.1 AS PESSOAS SURDAS E AS PESSOAS OUVINTES ENVOLVIDAS

Detalho, a partir de agora, os sujeitos que participaram da pesquisa. A descrição é a mais acurada possível para que se possa ter uma compreensão de quem são, não só individualmente, mas também em relação aos outros participantes. São os atores e personagens do ato de interpretação interlíngua.

4.1.1 As intérpretes

As participantes das filmagens foram do sexo feminino, técnicas administrativas em educação (TAE). Foram as primeiras ILS concursadas a assumirem na instituição e estavam, ainda, em estágio probatório.

Nomeei, cada um dos sujeitos da pesquisa com um pseudônimo que significa agradecimento, em diversos idiomas, seguindo o mesmo procedimento adotado em minha dissertação de mestrado, como uma forma de reconhecimento pela sua colaboração voluntária e imprescindível.⁴⁰

Takk

⁴⁰ Agradecimentos e respectivas línguas: Takk (norueguês), Kiitos (finlandês), Spasibo (russo, transliterado), Multsumesc (romeno, transliterado), Arigatô (japonês, transliterado) (ABER, 2008).

Escolaridade: ensino médio e graduação em andamento em Educação Especial.

Faixa etária: 20 a 24 anos.

Formação para a ILS: nenhuma formal, somente em serviço na instituição religiosa da qual é seguidora.

Arigatô

Escolaridade: graduada em Educação Especial e na época das filmagens defendeu sua dissertação de mestrado na área da Educação.

Faixa etária: 25 a 30 anos.

Formação para a ILS: curso de extensão de 360 horas e em serviço na instituição religiosa da qual é seguidora.

Após as filmagens, senti a necessidade de entrevistar as ILS para um maior detalhamento de sua formação, suas posições durante o ato de interpretação e para que cada uma desse a sua justificativa por ter escolhido as formas de tratamento que utilizaram. Este encontro posterior às filmagens, serviu, também, para a qualificação das transcrições e traduções das interações tornando as ILS cotrancritoras, como será discriminado mais adiante.

4.1.2 Professores e alunos surdos

Todas as pessoas surdas mediadas pelas ILS são do sexo masculino e pertencentes ao quadro docente ou discente da Universidade Federal dos Açudes.

Kiitos

Escolaridade: ensino médio.

Faixa etária: 20 a 30 anos.

Situação administrativa: acadêmico.

Multsumesc

Escolaridade: mestrado.

Faixa etária: 35 a 40 anos.

Situação administrativa: docente em estágio probatório.

Spasibo⁴¹

Escolaridade: doutorado.

Faixa etária: 50 a 54 anos.

Situação administrativa: docente estável.

4.1.3 Os Coadjuvantes

Considereei como coadjuvantes a maioria das pessoas ouvintes e, às vezes, algumas pessoas surdas, que estavam no ambiente físico da interação e nem sempre diretamente envolvidas na troca linguística em si. Por exemplo, os professores ouvintes que estavam presentes em uma reunião de departamento e que não participaram das discussões ou a plateia que assisti à intervenção que um professor surdo fez na palestra de uma professora ouvinte. Mesmo aqueles que poderiam ser considerados como protagonistas, em um outro tipo de estudo, por exemplo, os locutores ouvintes, aqui são coadjuvantes pela característica desta investigação em enfatizar a direção de interpretação da Libras (pessoa surda) para o PB (ILS).

4.2. AS FILMAGENS

A coleta de dados foi feita por meio de filmagens de situações diversas, não somente no contexto de sala de aula. Obtive assim quatro cenários de filmagem, por ordem cronológica: (1) reunião, (2) entrevista, (3) aula e (4) palestra (conferência). As situações de aula e reunião foram filmadas por mim, a entrevista foi gravada por uma amiga da entrevistadora, e a palestra foi registrada pela equipe de multimídia da Universidade Federal dos Açudes.

Nenhuma situação foi fruto de uma experiência ou mesmo de uma tentativa de captura de fala naturalística colocando os sujeitos em um estúdio de filmagem, por exemplo, e pedindo para que conversassem à vontade. De fato, foram filmadas

⁴¹ Nem Spasibo nem Kiitos autorizaram a divulgação de suas imagens, seja em vídeo, seja em fotos, somente a parte escrita foi permitida.

situações reais que eu mesma capturei ou tive acesso e autorização posterior, na tentativa de preservar ao máximo as características da fala espontânea. Considero isso como uma vantagem quanto ao fator de análise de linguagem da vida real em uso, pelo fato de haver menos monitoramento, mas também é uma desvantagem em termos de qualidade de áudio e vídeo, dificuldade em transcrever e traduzir por causa de ruídos ambientais e do possível deslocamento dos participantes para fora do foco da câmera, enfim por todas as questões técnicas que podem ser controladas em um estúdio, mas que são imprevisíveis em uma interação natural.

A coleta de dados produziu quatorze vídeos que foram nomeados de acordo com a sua ordem cronológica de gravação. Sendo assim, foram rotulados do vídeo um ao vídeo quatorze, convencionados V1 a V14. Destes, seis foram excluídos, V4, V6, V7, V9, V12 e V13, por apresentarem somente interpretações do PB para a Libras, que não é objeto de estudo nesta tese, ou pela gravação ser muito curta e não possuir nenhuma amostra de formas de tratamento em foco ou ser de má qualidade. Dos vídeos remanescentes, temos os contextos de reunião, entrevista, aula e conferência (palestra).

4.2.1 A Reunião

Os primeiros vídeos foram filmados em uma reunião de professores do departamento, onde são lotados os dois professores surdos de Libras, com periodicidade mensal. Local: sala de aula comum, alocada para a reunião.

Produto: dois vídeos (V1 e V2).

ILS: Arigatô

Pessoa surda: Spasibo

Pessoas ouvintes: 22 professores, uma secretária, 2 ILS (Arigatô atuando e Takk como participante secundária, no apoio) e a pesquisadora participando da reunião e filmando.

4.2.2 A Entrevista

Este vídeo foi decorrente da necessidade de uma aluna de graduação em Pedagogia entrevistar um acadêmico surdo para o seu trabalho de conclusão de curso (TCC). Local: sala de professores de Libras.

Produto: um vídeo (V3).

ILS: Arigatô.

Pessoas surdas: Kiitos.

Pessoas ouvintes: acadêmica de Pedagogia, 1 ILS (Arigatô) e uma amiga da acadêmica somente filmando.

É a filmagem mais longa, porém, em boa parte da entrevista, são feitas perguntas pontuais, e as respostas também são diretas, como na pergunta “Que curso faz?” e que tem como resposta “Serviço Social”.

Somente nos minutos finais da entrevista, aproximadamente 24:50, o entrevistado, percebendo a emoção da entrevistadora diante do relato, começa a estabelecer um real diálogo. Neste material que, supostamente, poderia conter muitos dados relativos à pesquisa percebe-se que

o estudo sociolinguístico do tratamento é dificultado pela própria natureza do fenômeno em exame. Diferente de um fonema ou de uma estrutura sintática, que podem ocorrer inúmeras vezes ao longo do depoimento de um mesmo informante, o tratamento é de baixa frequência, visto que se restringe, usualmente, às eventuais referências ao interlocutor (ABREU, 1988, p. 19).

A entrevista é bem característica, não só da dificuldade de coletar amostras de FT em contexto de fala espontânea, como também da imprevisibilidade dos vídeos e que resultou no descarte de algumas filmagens. Em algumas ocasiões, marquei a filmagem, compareci, procedi ao registro, mas dele não obtive nenhum dado relevante. E mesmo em um vídeo de longa duração, a entrevista tem quase trinta minutos, somente em pequenos trechos foram detectados FT.

4.2.3 A Aula

Todos os vídeos são resultado de uma mesma aula.

Produto: quatro vídeos (V5, V8, V10 e V11).

ILS: Takk.

Pessoa surda: Multsumesc.

Pessoas ouvintes: 27 alunos e a pesquisadora somente filmando.

4.2.4 A Palestra

Produto: um vídeo (V14).

ILS: Arigatô

Pessoa surda: Multsumesc.

Pessoas ouvintes: uma plateia com aproximadamente 60 pessoas, incluindo a pesquisadora que, desta vez, não filmou, pois a equipe multimídia do centro de processamento de dados estava gravando o evento e este foi o vídeo analisado, depois de requisitado ao referido centro.

4.3. ILS COMO COTRANSCRITORES

As ILS filmadas foram muito mais do que meros "sujeitos" passivos de estudo, nos vídeos, pois tiveram participação em parte da transcrição e análise. Embora não tenha sido uma aplicação pura do método do participante como transcritor (GRUNDY; POLLON; MCGINN, 2003), no qual os participantes transcrevem, eles mesmos, a situação gravada, as ILS auxiliaram no entendimento do que se passou no vídeo e foram, de uma certa forma, coparticipantes na transcrição e tradução. Uma das vantagens é que este método incorpora um sentido de colaboração na relação entre o pesquisador e o participante que vai além da gravação das interações e melhora muito a qualidade das transcrições que passam a corroborar, de forma mais fidedigna e ética, a opinião do participante. Ainda tenho lembrança de pesquisas das quais participei como informante em que minha opinião foi equivocadamente percebida e inadequadamente transcrita. Em razão disso, adotei esta

estratégia para proteger as informantes, detalhar o evento em mais de uma perspectiva e qualificar a amostra de situação de interpretação interlíngua.

Em etapa posterior às filmagens, seleção dos vídeos e marcação, em minutos e segundos, dos trechos que apresentavam FT elocutiva, por parte das pessoas surdas, referência ao colocutor primário e respectiva interpretação para o PB, marquei um encontro, separadamente com as ILS, com o objetivo de garantir uma maior espontaneidade e privacidade. Assim, cada ILS assistiu somente aos eventos interpretados por si mesma.

Brevemente, foi lembrado às ILS que minha investigação não tem caráter prescritivo ou de julgamento sobre a atuação das ILS ser “certa” ou “errada”, mas que o objetivo é observar, detectar, descrever e tentar explicar o porquê de suas escolhas. Apresentei a questão que guiou a entrevista: *qual a tua justificativa para utilizares esta forma de tratamento ou, por que não utilizaste nenhum?* Também informei que poderiam comentar livremente o que quisessem ou achassem necessário.

Cada vídeo foi exibido, na primeira vez, na sua íntegra para que a ILS lembrasse o evento e tivesse a oportunidade de ver o que estava sendo analisado.

Na segunda exibição, após cada momento de FT elocutiva ou alocutiva, por parte da pessoa surda, o vídeo era congelado e repetido o trecho quantas vezes fossem necessárias para que a ILS reconhecesse a sinalização e sua consequente interpretação (ou ausência desta) para o PB, possibilitando os seus comentários que eram anotados por mim. Ao término de suas considerações, eu lia o trecho que tinha anotado para que as ILS pudessem, mais uma vez, dar o seu parecer se concordavam com a redação ou se queriam acrescentar ou retirar algum ponto.

Durante a exibição dos vídeos, também pude tirar dúvidas quando à vocalização de algumas partes nas quais uma ou outra ILS baixava a voz (geralmente em momentos de insegurança) ou na compreensão de algum sinal.

Esta visão de duas pessoas sobre a sinalização foi de extremo valor, principalmente quando fui sistematizar as falas em Libras, na análise. Percebi que, em alguns pontos, as transcrições da Libras, já feitas, estavam equivocadas em alguns sinais por, principalmente, duas razões:

- (1) Falta de familiaridade de alguns sinais regionais. Ex.: LER (transcrição), AVALIAR (sinal real).
- (2) Desconhecimento de sinais tais como COLEGIADO, DEPARTAMENTO que ficaram, na transcrição, como SINAL-PRÓPRIO etc.

Por este motivo, revisei todas as transcrições de Libras dos vídeos (APÊNDICE A) e transcrevi a fala das interpretações para o PB das ILS, diretamente, no texto das análises.

Visando um tratamento mais cuidadoso dos dados, adotei, por ordem, os procedimentos de (1) assistir aos vídeos com áudio, (2) assistir aos vídeos sem áudio e detectar a utilização de formas de apontamento ou nome que indicassem referência a si e interação com o(s) locutor(es) primário(s), (3) ouvir o som do vídeo e transcrever quando as ILS se utilizavam de formas de tratamento, (4) identificar o momento (minutos e segundos) nos quais ocorria o fenômeno observável de FT.

A fase de transcrição de dados de fala para pesquisas em aquisição, bilinguismo etc. é, normalmente, difícil, mas pesquisadores recentes em interpretação de línguas de sinais destacam os desafios que uma pesquisa empírica oferece a quem se dispõe a registrar uma língua de sinais com o objetivo de estudá-la e é este tema que abordo mais detalhadamente na seção a seguir.

4.4 TRANSCRIÇÕES E TRADUÇÕES

Ao optar por utilizar dados de língua falada deparei-me com questões essenciais: Que nível de detalhamento é necessário? Quem fará a transcrição? Que detalhes contextuais são necessários saber para interpretar os dados [por parte dos transcritores]? Como os dados devem ser representados? Que equipamento é necessário? (BAILEY, 2008). Isso demonstra o quanto nossa escolha metodológica implica em consequências logísticas, estratégicas e teóricas. Investigações que se utilizam de dados de língua falada, no geral, exigem muito tempo e conhecimentos específicos, pois, “desde que a transcrição é exigente em tempo e habilidades, a quantidade de dados obtidos

por um único pesquisador é, normalmente, muito limitada”⁴² (CENCINI, ASTON, 2002, p.47). De fato, todo o período de transcrição das falas em sinais consumiu, aproximadamente, quatro meses.

Neste trabalho analiso falas orais em PB, porém, como se trata de uma investigação sobre a interpretação interlíngua, a enunciação original parte de outra língua. Articulada em uma modalidade diferente da oral-auditiva, a Libras (e todas as línguas de sinais) vem trazendo um problema de difícil resolução para as pesquisas porque, para o processamento, análise e armazenamento de línguas de sinais, é necessária uma representação textual e gráfica.

Pesquisadores da área vêm apontando em seus trabalhos as dificuldades (ANATER, 2009) e o desafio (RODRIGUES, 2009) de transcrever uma língua de sinais. Se consideramos que a transcrição de dados oriundos de uma língua falada com o propósito de descrição, para fins de estudo de aquisição, bilinguismo etc., já é uma atividade extenuante, tanto do ponto de vista físico quanto cognitivo, transcrever as falas envolvidas em uma interpretação interlíngua entre duas línguas com sistemas alfabéticos diferenciados ou, como no nosso caso, de modalidades diferentes, é um trabalho levado aos limites de nossas capacidades. Então,

como traduzir os dados da Libras, registrados em vídeo, em símbolos gráficos capazes de dar conta das nuances da interpretação e, ao mesmo tempo, evidenciar o uso que os intérpretes fazem da língua [...]? (RODRIGUES, 2013, p. 105)

Em uma perspectiva mais enunciativa, podemos divisar o quão complexa é esta tarefa, pois a análise se dá considerando, na verdade, quatro enunciações.

⁴² No original: *Since transcription is also time and skill-demanding, the quantity of data obtainable by the single researcher is usually very limited.* (CENCINI, ASTON, 2002, p.47). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

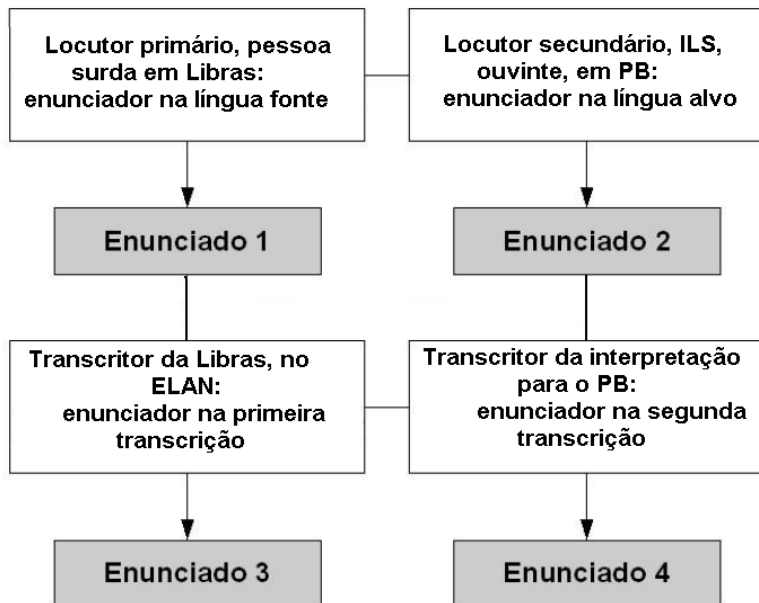


Figura 2: Esquema de quádrupla enunciação, segundo Frydrych (2010), adaptado

Na figura 2, utilizei o esquema de quádrupla enunciação, proposto por Frydrych (2010) que problematiza a transcrição da Libras e adaptei-o às circunstâncias específicas de minha investigação. Assim existe a enunciação primária, em Libras e que é interpretada para o PB pela ILS, a enunciação secundária e, esta é a situação corriqueira de qualquer interpretação interlíngua. A partir daí, outras enunciações são produzidas para efeitos de pesquisa. A quarta enunciação é feita pelo transcritor da Libras para as glosas, no ELAN⁴³ e, em algumas investigações, principalmente aquelas que enfocam somente a Libras, o processo acaba aqui. No entanto, em uma pesquisa que analisa a interpretação para outra língua é necessário que a língua alvo também seja alvo de transcrição, o que gera a segunda transcrição e a quarta enunciação. Como bem ressalta

⁴³ELAN (*EUDICO Linguistic Annotator*) é uma ferramenta de notação multimídia de áudio e vídeo desenvolvida pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, Holanda. Portal: <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan>.

Frydrych (2010), ocorrem duas “transposições intermodais”: da Libras, visual-gestual, para o PB, oral-auditivo, e da Libras e do PB falados para a língua escrita.

As línguas orais compartilham sua origem sonora. Mesmo com sistemas de escrita diferentes, podem ser feitas tentativas razoavelmente bem-sucedidas de uma aproximação fonética. As estratégias de transcrição de línguas orais baseiam-se, de uma forma ou outra, na escrita e utilizam-se de técnicas (1) puramente alfabéticas, no próprio idioma de produção da amostra, (2) transliterações, no caso de línguas com sistemas de escrita diferentes ou (3) fonéticas. Então, como transcrever uma língua ágrafa e não baseada em sons e sim em imagens? Como “escrever” imagens?

Bergeron (2006) procedeu a uma tipologia de sistemas de escrita para línguas de sinais e colocou em relevo várias maneiras diferentes para transcrição e escrita de sinais. Estas diferenças são geradas tanto por necessidades específicas de representação (fonológica, sintaxe, escrita corrente) quanto por restrições humanas, tais como legibilidade, facilidade de aprendizado, utilização e memorização, técnicas ou de pesquisa, como ser passível de informatização eletrônica e intercâmbio de dados. Miller (1994 apud BERGERON, 2006), além de listar uma série de tentativas para o desenvolvimento de um sistema de notação de sinais (notação Stokoe, LaMont West, Papaspyrou, HamNoSys, Jouison, notação de dança Laban-Benesh, Liddell-Johnson, SignFont), adverte que “a pluralidade desses sistemas e funções particulares para as quais foram criados podem complicar a difusão e a acessibilidade das pesquisas de cada um [dos investigadores]”⁴⁴ (Op. cit., p. 6)

Atualmente, a *Sign Language Linguistics Society* (SLLS)⁴⁵ recomenda, entre diversos sistemas de transcrição, os seguintes⁴⁶:

⁴⁴ No original: [...] *la pluralité de ces systèmes et les fonctions particulières pour lesquelles ils ont été créés peuvent compliquer la diffusion et l’accessibilité des recherches de chacun* (MILLER, 1994 apud BERGERON, 2006, p. 6). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.slls.eu/startguide/startguide.html#Anchor-Transcription-35882>. Acesso em: 20 set. 2013.

- ELAN.
- SignStream.
- HamNoSys.
- *The Berkeley Transcription System.*
- *Facial Action Coding System.*
- Signwriting.

No Brasil, existem esforços para estabelecer sistemas de escrita e transcrição de sinais (STUMPF, 2005; BARROS, 2008; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012), porém, assim como no cenário internacional, não há um consenso sobre uma padronização nas transcrições. Ao contrário, novas propostas surgem, talvez, por não termos chegado, ainda, a uma forma que satisfaça a maioria dos objetivos dos pesquisadores.

Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas	Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
a				ípsilon			
bê				zê			
bê espreado				cinco			
cê				seis			
cê espreado				concha			
cê encolhido				mão espalmada			

Figura 3: Amostra da mais recente tentativa do estabelecimento de um Sistema de Escrita para a Libras (SEL), segundo LESSA-DE-OLIVEIRA (2012, p. 168)

Os investigadores nacionais têm experimentado diversos métodos de transcrição. O mais conhecido e utilizado, até alguns anos atrás, era o sistema de glosas, como pode ser visto na Figura 4.

⁴⁶ Informações mais técnicas sobre transcrição de língua de sinais podem ser adquiridas nos anais dos *workshops on the Representation and Processing of Sign Languages* promovidos nos eventos periódicos de *Language Resources and Evaluation Conference (LREC)*, disponíveis em: <http://www.lrec-conf.org/>.

P (Direciona a pergunta para um lado do grupo) __ S-I EMAGRECER, ROUPA-FROUXA FAZER O-QUÊ?
 A1 __ DAR AMIGO.
 P __ DAR AMIGO?
 A1 __ COMPRAR NOV@ BONIT@.
 P __ PODE AJUSTAR!?
 A2 __ COMPRAR NOV@.
 P __ CLAR@, VOCÊ RIC@ NÉ! /risos/
 (pausa)
 P __ S-I BEBER PODER DIRIGIR? (olhando para aluna 2)
 A2 __ NÃO-PODER.
 P __ FAZER O-QUE?
 A2 __ HOTEL /esqueci/ (sorri) (a colega do lado faz o sinal de TAXI corretamente para que A2 copie) TAXI OU AMIGO JUNTO.
 P __ E-AI VOCÊ DEIXA CARRO RUA?
 A2 __ EU DIRIGIR MEDO. /risos/
 P __ PUTZI PERGUNTAR ERRAD@, PERGUNTAR ERRAD@. /risos/
 P __ (Direciona a pergunta para o outro lado do grupo) __ S-I SOL FORTE PRAIA DESCONTRAIR OU PROTETOR-SOLAR?
 A3 __ (...) NÃO

Figura 4: Exemplo de transcrição da Libras em glosas, segundo Albres (2009, p. 134)

Outro método de transcrição adotado em alguns trabalhos nacionais é o sistema *Signwriting* de escrita de sinais. O que percebe é que este sistema nem sempre é mantido por pesquisadores que fazem uso dele (QUADROS, 1999; RODRIGUES, 2008) talvez por sua não total aceitação nas comunidades: surda e acadêmica.

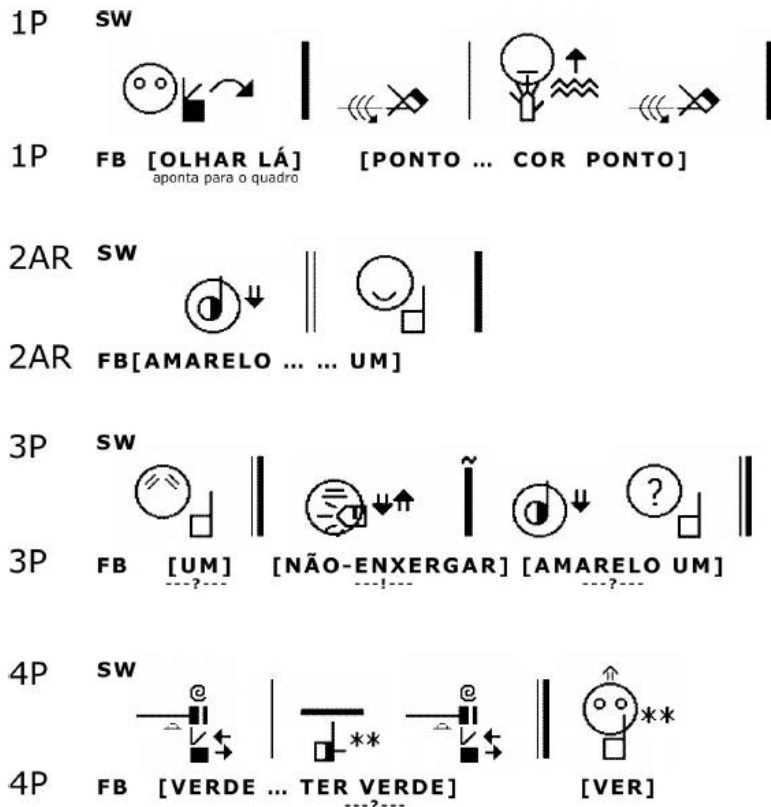


Figura 5: Exemplo de transcrição da Libras, em *Signwriting*, segundo Rodrigues (2008, p. 213)

Na leitura de várias dissertações e teses, percebi que, em geral, vários autores transcreviam em glosas, inicialmente. No trabalho seguinte, alguns migraram para o *Signwriting* e, atualmente, muitos estão se utilizando do ELAN (que não deixa de ser um sistema de glosas, porém com mais recursos).

O que tem acontecido, ainda, é que “pesquisadores em busca de um modelo de transcrição na literatura existente, têm achado variedades de sistemas mutuamente incompatíveis”⁴⁷

⁴⁷ No original: *Researchers searching for a transcription model in the literature have found instead a bewildering variety of mutually*

(DRESSLER; KREUZ, 2000, p. 26). Esta profusão de sistemas de transcrição acaba se constituindo em falta de uniformidade e, conseqüentemente, de poucas chances para uma apreciação, intercâmbio e cooperação entre trabalhos na área das línguas de sinais.

Por orientação, unânime, da banca de qualificação, utilizei o programa ELAN para transcrever as interações. Um dos maiores argumentos, a favor do ELAN, é a possibilidade de fazer descrições detalhadas de elementos manuais e não-manuais, posicioná-los em uma linha de tempo, ter como fazer uma busca de termos e a exibição e sincronização do vídeo e áudio com a transcrição.

Apesar de se utilizar de glosas da língua oral para serem rótulos dos sinais em outra língua, não escreve ou transcreve diretamente o sinal. Por esta razão, talvez não seja o ideal para pesquisas em interpretação interlíngua, no entanto ainda é o mais utilizado e mais adequado *no momento*.

Utilizei o serviço de dois transcritores experientes no ELAN, indicados por minha orientadora, e as convenções de escrita do Projeto Bimodal Bilíngue Binacional (Projeto Bibibi)⁴⁸. Mantive a consciência dos problemas comuns relativos a transcritores externos ou contratados, tais como ausência de instruções ao que se pretende salientar nos dados, ao fato de o pesquisador utilizar diretamente os textos transcritos sem voltar aos dados originais, omissões ou equívocos dos transcritores (DAVIDSON, 2009) e procurei atenuá-los informando o que seria investigado, revisando todo o texto transcrito e implementando, no encontro com as ILS, um procedimento dos participantes como cotranscritores, descrito anteriormente.

Todo o processo metodológico manifesta o pesquisador e suas crenças: o tipo de coleta de dados, as maneiras de observar e registrar os dados, as condições de local (isolado, com acesso de outras pessoas), tempo (duração, periodicidade)

incompatible systems (DRESSLER; KREUZ, 2000, p. 26). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

⁴⁸ O Projeto Bibibi investiga o desenvolvimento bilíngue intermodal a partir do estudo de uma língua de sinais e uma língua oral utilizadas por crianças surdas com implante coclear (CI) e crianças ouvintes filhas de pais surdos (codas) e utiliza o ELAN como programa de transcrição. Portais: http://nals.cce.ufsc.br/?page_id=58 e <http://bibibi.uconn.edu>

etc. Transcrever é assim um processo seletivo que reflete as concepções e os objetivos teóricos do investigador (OCHS, 1979). Por isso, não posso me furtar de comentar sobre um certo incômodo em ainda não estar plenamente satisfeita com a ferramenta de transcrição que utiliza glosas e descrições provindas de uma língua oral para representar outra língua, de sinais e socialmente ágrafa, pois vejo isso como problemático para um estudo sobre a interpretação interlíngua. Tenho que admitir, contudo, que não possuímos, atualmente, outras ferramentas melhores.

4.4.1 As convenções de transcrição

As convenções adotadas são as mesmas utilizadas no Projeto Bibibi (ANEXO A). Destas, os itens que mais interessam nesta pesquisa são aqueles que descrevem o apontamento para pessoas: IX, seguido pelo referente, com letras minúsculas, dentro de parênteses. Assim temos:

- IX(si): apontamento para si.
- IX(professora): apontamento para a professora.
- IX2(vocês): vocês dois. IX por ser um tipo de indexação, “2” por ser a configuração de mão do número 2 e “vocês” por ser a segunda pessoa do discurso
- IX2(eles) para “eles dois” e assim sucessivamente para com os numerais três e quatro: IX3(nós), IX3(vocês), IX3(els), IX4(nós), IX4(vocês), IX4(els).

Deste modo, retomo os quadros relativos ao sistema pronominal em Libras (MOREIRA, 2007) para relacioná-los com as convenções adotadas no ELAN. Da mesma forma que foi descrito o sistema pronominal, na Libras, relaciono cada pessoa discursiva apontada, a descrição do sinal correspondente e como é convencionalizada a transcrição no ELAN.

No Quadro 11, temos as formas elocutivas:

FORMAS DE PRIMEIRA PESSOA NA LIBRAS		
Convenção, no ELAN, quanto ao referente	PESSOA DISCURSIVA APONTADA	DESCRIÇÃO DO SINAL
IX(si)	EU	Mão dominante com a região ulnar da mão paralela ao chão move-se até tocar a parte superior do peito.
IX2(nós)	NÓS-dois	Mão dominante, apenas os dedos indicador e médio estendidos; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; palma da mão voltada para o sinalizador; mover o punho para apontar os dedos ora para o sinalizador, ora para a direção de mais um participante da situação.
IX3(nós)	NÓS-três	Mão dominante, com os dedos indicador, médio e anular estendidos (forma da mão em 3); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.
IX4(nós)	NÓS-quatro	Mão dominante, apenas com o polegar fechado e os demais dedos estendidos (forma da mão em 4); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.
IX4(nós)	NÓS-plural (mais de 4 pessoas)	Mão dominante, apenas com o dedo indicador estendido; palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em uma trajetória semicircular até tocar o ombro oposto com a ponta do dedo indicador.

Quadro 11: Formas de primeira pessoa, segundo Moreira (2007), e sua representação nas convenções de transcrição do ELAN

No Quadro 12 consta a relação das formas alocutivas e delocutivas das quais interessam somente as primeiras para fins deste estudo.

FORMAS DE NÃO-PRIMEIRA PESSOA NA LIBRAS		
Convenção, no ELAN, quanto ao referente	PESSOA DISCURSIVA APONTADA	DESCRIÇÃO DO SINAL
IX(você)	TU/VOCÊ	Mão dominante, apenas com o dedo indicador estendido; região ulnar da mão paralela ao chão; dedo indicador apontado para um local no espaço físico que esteja associado à representação mental do enunciatário ou de uma terceira pessoa.
IX(ele)	ELE/ELA	
IX2(você)	VOCÊS-dois	Mão dominante, apenas com os dedos indicador e médio estendidos; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; palma da mão voltada para o sinalizador; mover o punho para apontar os dedos ora para o sinalizador, ora para a direção de mais um participante da situação.
IX3(você)	VOCÊS-três	Mão dominante, com os dedos indicador, médio e anular estendidos (forma da mão em 3); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.
IX4(você)	VOCÊS-quatro	Mão dominante, apenas com o polegar fechado e os demais dedos estendidos (forma da mão em 4); palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um movimento circular próximo ao sinalizador.
IX(vocês)	VOCÊS ou ELES/ELAS (mais de quatro entes)	Mão dominante, apenas com o dedo indicador estendido; mover a mão, apontando o dedo para vários locais, no espaço físico, associados às conceitualizações das entidades que se quer indicar.

Quadro 12: Formas de não-primeira pessoa, segundo Moreira (2007) e sua representação nas convenções de transcrição do ELAN

Em mais de um trecho dos vídeos, captamos formas diferenciadas de indicação de pessoa na Libras, diferentes das registradas por Moreira (2007), como já apontado na Figura 1.

No entanto, formas diferenciadas do apontamento clássico, com o dedo indicador para o peito, também já foram registradas em outras línguas de sinais. Na língua de sinais japonesa, por exemplo, a apontamento é feita no nariz, como podemos ver na figura seguinte.

1st person – Variability of forms

- Point to chest vs. nose



(Japan Sign Language Research Institute 1997;
Smith & Ting 1979)

Figura 6: Primeira pessoa em Língua Japonesa de Sinais (LILLO-MARTIN, 2011)

Em todas as indicações, consideramos como primeira pessoa IX(si), embora a CM variasse, bem como a locação (L), porque era evidente a referência a si mesmo, dentro do contexto.

O mesmo ocorreu com a primeira pessoa do plural, embora alguns trabalhos, a maioria não acadêmicos (apostilas, principalmente), já registrem outras formas de IX(nós): com todos

os dedos estendidos ou somente com o indicador primeiramente apontando para si e depois para outros, etc.

1st person – Plurals



a. Non-first plural (individuated; collective)



b. First person plural

Figura 7: Formas diversificadas de indicar primeira pessoa do plural em Língua Americana de Sinais (LILLO-MARTIN, 2011)

Considero que Moreira (2007) fez um admirável estudo das formas pronominais em Libras, porém necessitaríamos de uma investigação também quantitativa, com mais sujeitos, para definirmos outras formas possíveis de realização de pronomes, principalmente de primeira pessoa, que aparenta ter o maior número de variações.

Para efeitos práticos, as transcrições-traduições estão identificadas primeiramente pelo número do vídeo (V1, V2, V3 etc.), seguido do momento no qual foi detectado o uso de alguma forma de tratamento no PB, em minutos e segundos. Assim, cada excerto é precedido de um rótulo que o localiza, aproximadamente, em cada filmagem, por exemplo:

V1, 0:10

Spasibo: SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) IX(lista-dois) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) IX(pessoa) IX(lista-mão) CERTO IX(si) e(esperar)/

O trecho exemplificado localiza-se no vídeo 1, aproximadamente no momento dos dez segundos. Em alguns casos, a pessoa surda faz alguma referência a si ou ao seu locutor primário e a ILS opta por não interpretar (interpretação Ø). Nestes casos, marco o momento da referenciação em Libras. Assim sendo, as transcrições contam com a identificação do vídeo, do tempo, transcrição e tradução, feitas no ELAN, da fala em sinais da pessoa surda mediada, transcrição da interpretação para o PB, feita por mim e transcrição do comentário, feito pelas ILS, sobre suas escolhas de formas de tratamento, também transcrito por mim.

Em alguns casos, após revisão, tive que editar as transcrições. Como no exemplo:

Original

V3, 26:33

Kiitos: *IX(si) PENSAR DIFÍCIL CONTATO PRIMEIRO UM SE CONTATO SINAL DAR.*

Corrigido

V3, 26:33

Kiitos: *IX(si) PENSAR DIFÍCIL CONTATO PRIMEIRO UM ZERO CONTATO SINAL DAR.*

Assistindo ao vídeo diversas vezes e quadro a quadro, percebe-se que Kiitos não faz um SE, mas sim um ZERO.

Outras ocorrências, que influenciariam muito a padronização da transcrição e que se relacionavam diretamente com o tema da pesquisa, também foram editadas. No exemplo a seguir, é feita a transcrição diretamente com a glosa EU, pelo transcritor, mas eu corriji de acordo com as convenções adotadas do Projeto Bibibi.

Original

V14, 0:51

Multsumesc: *EU PENSAR COMBINAR IGUAL.*

Corrigido

V14, 0:51

Multsumesc: IX(si) PENSAR COMBINAR IGUAL.

Sobre este mesmo exemplo, teço um comentário para o fato de a glosa COMBINAR ter sido atribuída ao sinal, que pode ser visualizado na Figura 9.



Figura 8: Sinal relativo a COMBINAR/CONCORDAR (Fonte: <http://idsinais.libras.ufsc.br/busca.php#>)

Como o sentido mais atribuído a este sinal, pelo menos aqui no RS, é de CONCORDAR, não excluindo o COMBINAR (roupas, cores, temperamentos etc.), fui investigar no portal do Identificador de Sinais, indicado pelos transcritores, sobre como o sinal estava registrado. Minha preocupação é de que o programa fosse utilizado para a tradução e, como o ELAN exige “rótulos” para os sinais para fins de busca, fiquei questionando-me sobre a possibilidade de uma equivocada tradução sinal-a-palavra e vice-versa. Encontrei, na seção de Perguntas Frequentes, a resposta:

O nome que identifica o sinal, ou seja, a identidade do sinal, é igual a tradução para português?

Não necessariamente. Alguns sinais tem diferentes possibilidades de tradução de acordo com o contexto. Diferente do nome que identifica o sinal (identidade do sinal) que não se altera mesmo que ocorra em diferentes contextos. Por exemplo, o sinal pode ser traduzido como GOSTAR na variante dos sinalizantes do Rio Grande do Sul, no entanto para atender os objetivos da padronização de transcrição será sempre identificado como VONTADE que representa a palavra mais comum de ser associada ao sinal apresentado.⁴⁹

Embora o quesito de padronização de transcrição seja atendido, ainda penso que isto seja problemático para transcrições que devem ser, também, utilizadas em trabalhos sobre tradução ou interpretação. Para evitar utilizações indevidas, os pesquisadores devem ter um cuidado redobrado na revisão de suas transcrições, adequando-as às traduções. Detive-me na correção somente desses itens pertencentes diretamente a minha investigação. Outras inadequações, erros de digitação, problemas ortográficos etc. foram ajustados, se os trechos transcritos foram aproveitados nas análises. Assim, conservei, no APÊNDICE A, as transcrições originais, feitas pelos transcritores, pois podem servir futuramente para outro estudo, porém utilizei-me delas para análise e as transcrevi já revistas e corrigidas.

4.5 A ANÁLISE: OS BASTIDORES

Para fins de análise, dividi as interpretações para o PB em quatro categorias básicas: FT elocutivas, quando o enunciador é o protagonista; FT alocutivas, quando entra em cena o

⁴⁹ FAQ, Perguntas Frequentes no portal do NALS, Identificador de sinais, disponível em <http://idsinais.libras.ufsc.br/perguntasfrequentest.php>.

coadjuvante, o colocutor; FT delocutivas, quando tratamos com a terceira pessoa, os figurantes e uma categoria mista, nas quais houve dúvidas sobre a categoria pertencente ou mesmo em casos que não seria possível um encaixe, mas que era digno de comentários. Primeiramente apenas coloquei os excertos no corpo do texto, porém, depois, optei por encapsulá-los em uma célula para uma melhor visualização, destacando as amostras.

4.5.1 Interpretações das FT elocutivas: posicionando os protagonistas

A primeira, mais abundante e mais saliente manifestação de FT elocutiva foi a primeira pessoa do singular seguida da forma verbal flexionada correspondente. Se, como Benveniste propõe, “Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, 1995, p. 278), a quem refere o *eu*, e seus derivados e variantes, pronunciados pelo intérprete interlíngua? Passemos às análises.

4.5.1.1 Ocorrências de: *eu* ou verbo conjugado

A evidência mais óbvia de uso das FT foi quando a pessoa surda fazia, explicitamente, o apontamento para si, e a ILS interpretava em PB como *eu* ou com a conjugação verbal correspondente.

V14, 0:51

Multsumesc: *IX(si) PENSAR COMBINAR IGUAL.*

Arigatô: *eu concordo plenamente com o conhecimento da professora.*

Comentário: *ah...é pelo prestígio de ser uma professora, palestrante, famosa, já aposentada.*

A ocorrência do apontamento foi percebida de forma tão natural, para Arigatô, que ela nem comentou. Achou mais saliente o aparecimento de professora.

Nos dois excertos abaixo ocorre a repetição do *eu*. Este tipo de repetição foi muito comum.

V14, 2:11

Multsumesc: *LÍNGUA-SINAIS ADQUIRIR OUVINTE PEGAR LÍNGUA DOIS LÍNGUA LÍNGUA-SINAIS ESTE.*

Arigatô: *eu entendo...eu pesquisa.*

Comentário: *eu esperei porque não tinha achado um conectivo, daí reforcei o eu para resgatar, acho que eu poderia ter evitado esta redundância de dizer dois eus.*

Arigatô considera esta repetição algo indesejável e diz “eu poderia ter evitado”. A questão que permanece é que, na verdade, este tipo de repetição é bem corriqueiro em discursos da língua falada e somente é considerado como uma falha por algumas linhas prescritivistas e, principalmente, é uma regra ensinada quanto à língua escrita.

V14, 5:18

Multsumesc: *SE DT(raro) ÁREA IGUAL PENSAR INCLUSÃO ACONTECER PROBLEMA VERDADE CONCORDO ASSIM.*

Arigatô: *eu acho que eu concordo com o posicionamento da professora*

Comentário: *colocar um nome pessoal diretamente sem um tratamento ia ficar muito íntimo e eu sei que eles não têm intimidade, não se conheciam e, também, a faixa etária, né? Ela é uma senhora!*

É considerada redundância a repetição do pronome, porém, na prática, vê-se que “Embora não se possa dizer que perdemos a possibilidade de omitir o sujeito, observa-se clara preferência pelo uso da forma pronominal plena” (DUARTE, 1995, p. 4), mesmo que considerada, a princípio, antiestética.

Esta marcação, repetida, do *eu*, não se deve somente a questões gramaticais. É preciso mostrar o destaque de quem está falando, assumir a posição de quem enuncia e reforça, pela voz, ser a figura principal da interlocução.

Por isso é importante ver que o eu [self] é, em parte, uma coisa cerimonial, um objeto sagrado que precisa ser tratado com o

cuidado ritual apropriado e que, por sua vez, precisa ser apresentado aos outros sob a luz apropriada. Enquanto um meio através do qual este eu é estabelecido, o indivíduo age com porte apropriado enquanto está em contato com os outros e é tratado pelos outros com deferência (GOFFMAN, 2011, p. 90).

Mesmo quando não é marcado com um apontamento, por ser um diálogo entre duas pessoas, a ILS assume que a pessoa surda está falando por si mesma e introduz o eu no PB como marca da subjetividade do locutor primário surdo.

V3, 1:08-1:11

Kiitos: *POR-QUE ANTES DV(tamanho-pequeno) IX(mãe) PEDIR+ CARINHO DV(carinho-orelha) SURDO IX(elas) VELHO[?] PERCEBER SINAL POSS(eu) SINAL-PRÓPRIO.*

Arigatô: *porque, antigamente, quando eu era criança eu sempre pedia para minha mãe.*

Comentário: *o sujeito que ele indicou era ele mesmo, é contextual.*

Kiitos não faz nenhum apontamento explícito para si, mas a entrevistadora pergunta a motivação de seu sinal pessoal (sinal próprio) e, evidentemente, o relato é de sua vida e das circunstâncias que geraram aquele sinal. Para Arigatô, o ambiente contextual de Kiitos relatar sobre sua vida é o desencadeador destas referências explícitas ao *eu*.

V11, 0:22

Multsumesc: *CONHECER.*

Takk: *conheço.*

Comentário: *não precisava o pronome, está implícito na conjugação verbal, né?*

Uma das poucas ocasiões em que podemos omitir o pronome sujeito e ficar plenamente elicitado a pessoa discursiva é o caso das primeiras pessoas singular e plural (quando utilizada a forma canônica *nós*) e na terceira pessoa do plural.

Nos outros casos se utilizada a desinência de terceira pessoa do singular, pode haver uma indeterminação de qual pessoa estamos nos referindo, pois *a gente* também pede o verbo na terceira pessoa do singular e em muitos casos de utilização do *tu* ocorre, também, esta última desinência. Então, é um caso em que fica bem claro e confortável para a ILS utilizar-se somente do verbo conjugado e, ainda assim, marcar bem o *eu* do locutor primário.

4.5.1.2 Ocorrências de: interpretação zero (Ø)

O PB está passando por um processo de mudança na representação do sujeito pronominal e, conseqüentemente, em seu paradigma verbal que está ficando mais enxuto. Redução do paradigma flexional, que evoluiu de seis formas distintas para não mais que três formas se considerarmos que houve substituição de *nós* por *a gente*.

V3, 26:03

Kiitos: *BOM NADA2 BOM PRAZER EMOÇÃO VIDA CONTAR IX(vocês) IX(nós) BOM XXX CONHECER PRAZER IX(nós).*

Arigatô: *de nada [risadas] também foi um prazer tá aqui [essas informações, essas histórias?] e tal, né?*

Comentário: eu não usei o *nós* porque parecia muito geral.

Kiitos sinaliza de forma clara *nós* o que pode ser indício de uma estratégia de generalização, em Libras, ou indeterminação. Tanto pode ser uma referência a *nós* surdos, *nós* acadêmicos surdos ou eu + *qualquer um ou alguém*. Arigatô decide por um discurso mais informal, sem enunciar o *eu*, mas, de certa forma, assumindo-se como tal.

No fim do V3, terminada a entrevista propriamente dita, os locutores primários e a ILS começam uma conversa mais descontraída. A aluna entrevistadora trouxe uma outra moça que ficou encarregada somente da filmagem. Esta moça não foi apresentada. Pelo contexto, supõe-se que seja a namorada da aluna, e a pessoa surda fica curiosa quanto a esta presença e diz “estou pensando, quem é ela?” e pergunta se ela veio para ajudar, em Libras, nos dois excertos a seguir:

V3, 26:47

Kiitos: *PENSAR QUEM IX(ele).*

Arigatô: *Ø não é da pedagogia?*

Comentário: *foi uma situação muito constrangedora, eu não sabia quem era a acompanhante da aluna, pareciam namoradas.*

V3, 26:50

Kiitos: *AJUDAR É AJUDAR É IX(ele).*

Arigatô: *Ø veio ajudar?*

Comentário: *(risadas) deixei meio em aberto quem seria, quem quisesse respondesse.*

Como vemos nos excertos, Arigatô evita o pronome (tu veio ajudar, você veio ajudar, ela veio ajudar?) e assim, pelo seu comentário, deixa a tarefa da decisão de quem ia responder em aberto, se a aluna ou sua acompanhante.. Esta parece ser uma estratégia conhecida, pois Manole (2013) já diz que, para evitar situações delicadas, evita-se o pronome, empregando apenas o verbo conjugado, desviando-se assim de uma referência tão direta ao interlocutor.

Na continuidade da conversa, as despedidas demoram-se entre perguntas pessoais, sobre os estudos e muitos agradecimentos, de ambas as partes. A ILS, nesse momento, opta por ser mais direta, mais sucinta e elimina o *eu*, trocando-o por uma frase praticamente formulaica, “obrigado pelo convite”.

V3, 26:13

Kiitos: *IX(si) MUITO OBRIGADO IX(vocês) XXX e(positivo) NADA2.*

Arigatô: *Ø obrigado pelo convite.*

Comentário: *ah, ali era só encerrar a conversa.*

Outra possibilidade para esse uso está no fato de que,

os agentes responsáveis por conduzir as ações descritas podem ser omitidos porque eles são conhecidos e, portanto, a especificação seria redundante ou, por outro

lado, podem ser deixados não especificados para omitir alguma informação da audiência⁵⁰ (CECCHETTO; STROINSKA, 1996, p. 782).

Em muitos casos, o pronome não é explicitado, porque já está ancorado, anteriormente, e a ILS quer evitar repetições. Devemos lembrar que a interpretação interlíngue é feita sob a pressão do tempo, com pouca margem para a tomada de decisões.

V1, 0:10

Spasibo: *SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) IX(lista-dois) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) IX(pessoa) IX(lista-mão) CERTO IX(si) e(esperar)/.*

Arigatô: *∅ a (nome de pessoa), a (nome de pessoa), o (nome de pessoa) e a (nome de pessoa).*

Comentário: *repetiu uma informação já dada, por isso não repeti.*

A informação já dada foi a repetição de uma lista que Spasibo já havia mencionado antes. Diante da possibilidade de ter que repetir toda a lista, Arigatô assume que a pessoa que estava sinalizando já havia mencionado a si mesma, poderia ser ocultado para evitar a repetição e, talvez, uma excessiva menção a si mesma.

Houve dois momentos bem próximos: em um, a ILS interpretou como o verbo conjugado, conheço; em outro optou pela interpretação ∅. A aluna pergunta ao professor surdo se este conhece uma determinada pessoa surda, referenciada pelo nome, e o professor responde com o sinal pessoal desta pessoa e com o sinal de CONHECER. Não houve nenhum apontamento. Esta última, provavelmente para evitar a repetição, pela aluna conhecer o sinal e porque já havia sido referido em V11, 0:22.

⁵⁰ No original: *The agents responsible for carrying out the actions described may be omitted because they are known and thus the specification would be redundant, or alternatively, they may be left unspecified to conceal some information from the audience.* (CECCHETTO; STROINSKA, 1996, p. 782). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

V11, 0:26

Multsumesc: SINAL-PRÓPRIO SIM CONHECER SIM

Takk: Ø.

Comentário: *era um momento mais entre os dois e achei desnecessário já que estavam se entendendo.*

Na figura 10, vemos o locutor primário, em Libras, sinalizar CONHECER, sem ter feito o apontamento anterior para si. Este sinal é referente ao trecho a seguir:

V10, 0:20

Multsumesc: SINAL-PRÓPRIO CONHECER.

Takk: Ø.

Comentário: *não precisava, não sei, a aluna conhecia o sinal e, como era o professor que estava fazendo o sinal, era ele mesmo que estava dizendo que conhecia.*

Como o sinal estava ancorado no corpo e, segundo Takk, a aluna que estava conversando diretamente com o professor já conhecida este termo, preferiu não interromper o diálogo.



Figura 9: Sinal de CONHECER, olhar direcionado à locutora primária

No próximo excerto, apesar de a pessoa surda não apontar diretamente para sua locutora primária, é com ela que está conversando, pois a direção de seu olhar fixa-se boa parte do tempo nela e não na ILS. A conjugação de terceira pessoa, segundo a evolução atual do PB, pressupõe uma referência à segunda pessoa discursiva, um *tu* ou *você*, que a ILS deixou implícito somente pela desinência.

V3, 26:59

Kiitos: *FS(to) FS(tc) TRABALHAR MUITO TRABALHAR FS(to) TRABALHAR LER IX(pessoa).*

Arigatô: *[ininteligível] Ø tem muito trabalho, Ø tá fazendo TCC, Ø tá fazendo muito trabalho, leitura?*

Comentário: *tanto Arigatô quanto eu tivemos que repetir este trecho do vídeo várias vezes, ficamos em dúvida com o apontamento no final, que foi muito rápido.*

Em certas passagens, ocorre uma referência mista de primeira pessoa. No excerto a seguir, *eu* e *a gente* aparecem intercalados ou repetidos. As ILS escolhem diminuir as menções explícitas a *eu* e alterná-las com *a gente*, ou mesmo em suprimi-las.

V3, 1:37-1:58

Kiitos: *CERTO IX(si) ANTES XXX PROVA IX(si) PENSAR CURSO[?] IX(si) AMOR MAIS TEATRO IX(si) MAS DIFÍCIL TER-NÃO NOITE TER-NÃO SÓ ACORDAR[?] TARDE2[?] IX(si) TER TRABALHO IX(isso) IX(si) PENSAR IX(si) e(fazer-tempo)[?] IX(si) JÁ OUTRO OUVIR DV(ir-todo-lugar) PROBLEMA ACONSELHAR JÁ IX(si) e(fazer-tempo) FS(eca)+.*

Arigatô: *antigamente, na verdade, no vestibular, na prova que a gente fazia [inaudível] eu sempre gostei muito da artes cênicas, teatro, muito difícil porque não tinha noturno só diurno e eu trabalho durante né o dia e aí alguns outros ouvintes ahn me falaram como...sobre a questão do ECA.*

Comentário: *é muita repetição dele se apontar, optei por não traduzir, ia ficar muito repetitivo. E o a gente é porque...porque não era só ele que fazia o vestibular.*

Se, na Libras, como língua praticamente só falada, sem uma cultura de escrita, as repetições fazem parte do discurso, no PB, provavelmente por influência da escrita, as repetições são, na medida do possível, constantemente evitadas.

V3, 2:08

Kiitos: *IX(si) GOSTAR2 IX(si) ESCOLHER BOTAR ESPERAR
XXX PASSAR DEPOIS2 FACULDADE COMEÇAR DOIS ZERO
DEZ DOIS ZERO DEZ AGOSTO2[?] COMEÇAR IX(si)
ESTUDAR AMOR VONTADE INTERESSAR ÓTIMO3 BOM
SINAL-PRÓPRIO.*

Arigatô: *em agosto de 2010 eu comecei né.*

Comentário: *mesma coisa, não quis repetir muito, não fica bem
ficar toda hora eu, eu, eu.*

Na sequência, Kiitos, comentando sua prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), faz duas vezes o sinal de PASSAR (ser aprovado), na primeira vez sem o apontamento para e na segunda vez com o apontamento. Novamente evitar a repetição é a motivação da ILS para omitir um dos pronomes possíveis.

V3, 4:36

Kiitos: *FS(enem) IX(si) PASSAR IX(si) JÁ PASSAR [...].*

Arigatô: *eu fiz o ENEM, Ø passei pelo ENEM.*

Comentário: *ele fez PASSAR e eu PASSAR, deixei só um eu
para não ficar repetitivo. Aquilo que te disse, em português a
gente não fica repetindo toda hora o eu.*

Em V8, 0:52, o discurso parece ser todo feito de uma forma indeterminada, em Libras, e que somente sugere que se trata da polaridade *eu/nós*, professores surdos, e professores ouvintes, defendendo a posição de que os professores de Libras sejam surdos, mas que ouvintes também possam ser professores de Libras, desde que proficientes e em convivência com a comunidade surda.

V8, 0:52

Multsumesc: *ADIANTAR-NÃO PROFESSOR APRENDER SINAIS ENTENDER SINAIS APRENDER OK ENSINAR.*

Takk: *ah eu sei a língua, tá, mas precisa ser a língua dele que tem a língua [inaudível] a identidade surda.*

Comentário: *sim, ele estava falando dos professores surdos e professores ouvintes de Libras, esse eu não é ele ele, é alguém indefinido.*

4.5.1.3 Ocorrências de: a gente

Um conhecido fenômeno, que é cada vez mais documentado no PB é a gramaticalização de *a gente*.

Na gramaticalização de *gente*, como nome, para *a gente*, pronome, é pressuposta a existência de um “falante + alguém” (variante de nós), uma espécie de “eu-ampliado” (BENVENISTE, 1995). Esta forma pronominal emergente coexiste com a mais antiga, *nós*, porém, nas últimas décadas, a primeira forma vem sendo cada vez mais utilizada (LOPES, 2003)

A ocorrência da forma pronominalizada de *a gente* foi muito significativa nos dados em análise.

V2, 0:50 a 0:55

Spasibo: *VERDADE VIR MAS2 OUTRO+ XXX IX(si) NÃO CONVIDAR FS(com) VAI FS(te) IX(você) QUERER INTERESSAR NÃO ACHAR3 JÁ COMEÇAR IX(nós) JÁ COMEÇAR TRABALHAR DEPOIS GRUPO DV(grupo-vir) e(depois) ESCOLHER XXX DEPOIS PRA-FRENTE[?] e(tanto-faz).*

Arigatô: *os outros mas a gente já pode iniciando [quase inaudível] os trabalhos, depois a gente pode marcar*

Comentário: *ele estava falando com colegas de trabalho, em uma atividade corriqueira [reunião], não era uma palestra, era um diálogo com os colegas.*

As duas formas pronominais mais frequentes foram, sem dúvida, *eu* e *a gente*. *A gente* ainda é considerado, pelas ILS,

como uma expressão coloquial, informal e aproximativa e que indica uma certa familiaridade com o interlocutor.

V5, 1:54

Multsumesc: AGORA INTÉRPRETE IX(*ele*) INTÉRPRETE
TAMBÉM FIM FECHAR-PORTA AULA LER COMO
CONVERSAR.

Takk: *agora então ahn a gente vai ter uma interp...a presença da intérprete.*

Comentário: *ah era uma situação informal, com os alunos, acho que a gente fica mais...coloquial, né?*

Considerando que “Um procedimento para verificar se uma forma linguística tem prestígio social é observar ou mesmo solicitar às pessoas das comunidades estudadas que expressem seu julgamento sobre tal emprego” (ZILLES, 2007, p 36), na interpretação para o PB, em geral, as ILS justificam o uso de *a gente* em nome de uma informalidade, de uma conversa entre iguais.

Outro fator que pode ter influenciado uma maior opção pelo *a gente* é o uso mais relaxado no contexto institucional do ensino superior é mencionada por Mendes (1998, p. 137-138)

[...] tenho observado uma grande informalidade no tratamento entre professores e alunos, professores e professores, professores e funcionários, professores e dirigentes, o que pode ser um reflexo da própria estrutura universitária em que todas as posições hierárquicas são provisórias, isto é, o reitor de hoje foi ontem um professor qualquer e findo seu mandato voltará a ser um professor qualquer.

Outra possibilidade é de *a gente* em lugar de *nós*, como ocorre no excerto V8, 0:23, e que é a substituição mais apontada pelos pesquisadores (FREITAS, 1997; LOPES, 2003/2004/2007/2012; ZILLES, 2007).

V8, 0:23

Multsumesc: CLARO ENTENDER IX(nós) VER g(absorver) g(ansiedade) g(absorver) IX(ele) CULTURA POSS(dele) PRÓPRIA g(sim).

Takk: *claro que a gente sabe que vocês ahn ::: vocês [inaudível] têm aquela coisa com professor surdo...porque em qualquer outra língua, né? Vocês olham e é a cultura e pergunta e aproveita mais coisas além da língua:: né...*

Comentário: *parece que ele está falando algo mais, algo mais...formal, didático, daí eu usei o nós porque é mais formal.*

Em alguns casos, o nós é considerado uma FT pronominal mais formal, mais culta, reservada para falas de mais prestígio como pode ser percebido na próxima subseção.

4.5.1.4 Ocorrências de: nós

Além da referência óbvia a um conjunto de *eus*, a FT pronominal nós também remete a um discurso mais estético, mais prestigiado e que as ILS julgam necessário utilizá-lo para valorizar a fala das pessoas surdas.

V14, 2:37

Multsumesc: NÃO-ADIANTAR SEMPRE VER-ME UM MOVIMENTO UM CL(junto-movimento) MOVIMENTO JUNTO DISCUTIR INTERAGIR g(sim).

Arigatô: *então nós precisamos também continuar com esta discussão*

Comentário: *“nós” fica mais bonito para um fechamento.*

V14, 1:18

Multsumesc: ESSE INCLUSÃO FALAR SEMPRE TROCAR FRASE CONSERTAR VER.

Arigatô: *nós...não é que a inclusão*

Comentário: *me parece que ele está se referindo a uma classe, a classe dos surdos.*

V14, 1:30

Multsumesc: CONHECER VER PERCEBER-ME SURDO VER-ME+ SURDO OUTRO+ CULTURA VER SURDOCEGO CULTURA NÓS DIFERENTES

g(sim).

Arigatô: *que nós, que a nossa luta*

Comentário: *ele não está se referindo a ele e ao público e sim a ele e aos surdos e como ele é surdo ele está defendendo um grupo ao qual ele se insere, foi o que me pareceu.*

Arigatô fez o mesmo comentário para os dois excertos: *não entendi se é nós+ILS ou nós+surdos.*

Assim como quando as ILS interpretam para “a gente”, é possível, em PB, nos utilizarmos de outros recursos para uma forma de tratamento elocutiva, o nós.

Herdando talvez o traço indeterminado do substantivo gente, a gente integra-se ao sistema pronominal concorrendo com nós. Na verdade, postula-se que a gente resultou do seguinte processo: gente [nome genérico] → a gente [pronome indefinido] → a gente [substituto virtual do pronome pessoal nós]. A forma plural nós também permite leituras interpretativas diversas que vão desde uma determinação precisa, como eu +você ou eu + ele, até um grau máximo de indeterminação e generalidade: eu + todo mundo ou eu + qualquer um (LOPES, 2004, p. 73)

A primeira pessoa, como pudemos observar nos dados, pode ser referenciada de diversas formas, além do clássico pronome pessoal *eu*: (1) o PB nos permite utilizar a forma verbal somente, em alguns casos, (2) podemos utilizar construções frasais que eliminem a menção formal ao *eu*, (3) a forma pronominalizada a gente vem, crescendo, como uma referência generalizante ou indeterminada e (4) com menor incidência, o pronome pessoal de primeira pessoa do plural ainda é utilizado em construções consideradas como mais formais, pelas ILS.

4.5.2 Interpretações das FT alocutivas: posicionando-se quanto aos coadjuvantes

4.5.2.1 Ocorrências de: *a senhora*

No V14, em uma situação de conferência, na qual a palestrante é uma professora, de uma certa idade, aposentada, bastante conhecida da Universidade dos Açudes, *a senhora* é sempre utilizado quando Multsumesc se refere a ela. Isto se deve à justificativa de que “A forma *senhor* tende a ser empregada em situações de maior monitoramento, maior tensão e menos envolvimento entre os interlocutores” (Modesto, 2005, s/p).

V14, 1:09

Multsumesc: POLÍTICA PROPOSTA TROCAR BILÍNGUE ESCOLA PENSAR INFORMAR FIM IX(si) INFORMAR

Arigatô: *não sei se a senhora soube.*

Comentário: *é uma senhora de idade, tem prestígio acadêmico.*

4.5.2.2 Ocorrências de: *a professora*

A professora é uma forma honorífica de tratamento e foi utilizada em situação de extrema formalidade, uma palestra com uma professora de fora da instituição.

Tanto em V14, 0:39, V14, 0:51 quanto em V14, 5:18, parece que *a professora* é utilizado no mesmo viés do que *a senhora* como um honorífico de deferência, formalidade e polidez marcando uma relação assimétrica, do inferior ao superior.

V14, 0:39

Multsumesc: *POR-EXEMPLO IX(você) DENTRO.*

Arigatô: *mesma linha, né, que a professora [nome da professora]*

Comentário: *ele estava falando em público e colocar tu/tua ia parecer muito íntimo de alguém que ele não conhecia.*

V14, 0:51

Multsumesc:

Arigatô: eu concordo plenamente com o conhecimento da professora.

Comentário: *ah...é pelo prestígio de ser uma professora, palestrante, famosa, já aposentada.*

V14, 5:18

Multsumesc: SE DT(raro) ÁREA IGUAL PENSAR INCLUSÃO ACONTECER PROBLEMA VERDADE CONCORDO ASSIM.

Arigatô: eu acho que eu concordo com o posicionamento da professora

Comentário: *colocar um nome pessoal diretamente sem um tratamento ia ficar muito íntimo e eu sei que eles não têm intimidade, não se conheciam e, também, a faixa etária, né? Ela é uma senhora!*

Nas duas formas, a *senhora* e a *professora*, fica a interrogação se o professor surdo se dirigisse diretamente à professora ouvinte, a palestrante, utilizaria estes termos mais formais ou se a relação seria recíproca, entre dois docentes, mesmo que um fosse mais velho e mais experiente do que o outro. É preciso considerar que quem escolheu a utilização destas FT foi a ILS, não docente (TAE), mais jovem e em posição nitidamente na hierarquia de uma universidade (docentes, técnicos, alunos e servidores terceirizados).

4.5.2.3 Ocorrências de: tu, vocês(s) e verbos flexionados respectivos

Passando para uma forma alocutiva de tratamento, para indicar o colutor, indeterminado ou plural, a ocorrência de *vocês* foi a que registrou o maior uso.

Em V3, 26:40 vemos um uso típico do *tu*, muito utilizado na região Sul do Brasil e, com um detalhe importante, a flexão do verbo correspondente equivalente à segunda pessoa do singular. Isto denota uma certa preocupação com a correção gramatical e

com a imagem do locutor primário como culto e falante de uma língua prestigiada.

V3, 26:40

Kiitos: *AGORA PEDAGOGIA IX2(vocês) JUNTO IX2(vocês).*

Arigatô: *tu és da pedagogia, vocês duas junto são da pedagogia, não?*

Comentário: *que situação! Tentei deixar a pergunta só para ela [a aluna], mas ele fez, de novo, vocês duas.*

V3, 25:51

Kiitos: *IX(si) PERCEBER IX2(vocês) IX(si) SINAIS CONTAR VER SENTIR EMOÇÃO IX(si) PERCEBER.*

Arigatô: *(risadas) eu percebi que vocês ficaram ah [indecifrável] tempo na história [inaudível] né?*

Comentário: *ele usou o sinal de vocês duas, e eu disse só vocês, não se usa muito “vocês duas” em português, se usa mais só vocês.*



Figura 10: Apontamento direto para o locutor primário, olhar na mesma direção

Apesar de, na transcrição, constar como ELE, considero esta referência como um tu/você. Conforme pode ser observado na imagem, o sinalizador aponta diretamente para a aluna e conserva o seu olhar voltado na mesma direção.

V14, 3:01

Multsumesc: *MAS OLHAR PERCEBER OUTRA FACULDADE CL(vários-locais).*

Arigatô: *não sei se vocês tinham percebido*

Comentário: *não sei bem, acho que eu não quis ser direta e constranger ou expor a professora.*

Embora se dirigindo a uma única pessoa, este uso de vocês remete à integração do você no antigo paradigma tu (menos formal) - vós (mais formal),

caracterizando, basicamente, o plural real da segunda pessoa: os falantes percebem, ali, a marca de plural, o que não acontecia com o outro par, constituído de palavras diferentes. Porém, o antigo uso respeitoso do plural continua a existir nessa nova forma, não com a mesma intensidade ou vitalidade, mas é ainda perceptível, e válido, em algumas situações (MENON, 1995, p. 96).

Um fenômeno digno de nota é que não foi encontrada nenhuma ocorrência de *você*, porém o tu foi detectado, mesmo que na forma de pronome possessivo e que a ILS comenta que poderia ter utilizado explicitamente um *tu*.

V3, 27:19

Kiitos: *É ATÉ DEZEMBRO FORMATURA É IX(você).*

Arigatô: *é até dezembro que é a tua formatura?*

Comentário: *aqui cabia mais um tua do que um tu, sei lá, se eu tivesse tempo poderia ter dito: é até dezembro que tu te formas? Mas a gente não tem muito tempo, na hora, pra pensar, né?*

Este uso dá sustentação às afirmações, generalizadas, de que “o pronome *tu* é notadamente muito usado na região sul do

Brasil até os dias atuais, o que já não ocorre em outras regiões do país com a mesma frequência” (QUEIROZ, 2011, s/p).

4.5.3 Interpretações das FT delocutivas e casos de difícil classificação: figurantes e cenas cortadas

No próximo excerto, apesar de a pessoa surda não apontar diretamente para sua locutora primária, é com ela que está conversando, pois a direção de seu olhar fixa-se boa parte do tempo nela e não na ILS. A conjugação de terceira pessoa, segundo a evolução atual do PB, pressupõe uma referência à segunda pessoa discursiva, um *tu* ou *você*, que a ILS deixou implícito somente pela desinência.

V3, 26:59

Kiitos: *FS(to) FS(tc) TRABALHAR MUITO TRABALHAR FS(to) TRABALHAR LER IX(pessoa).*

Arigatô: [ininteligível] *Ø tem muito trabalho, Ø tá fazendo TCC, Ø tá fazendo muito trabalho, leitura?*

Comentário: tanto Arigatô quanto eu tivemos que repetir este trecho do vídeo várias vezes, ficamos em dúvida com o apontamento no final, que foi muito rápido.

O que Kiitos quer saber da entrevistadora é se ela está nos seus momentos finais de fim de graduação, tendo muitos trabalhos para fazer, se está no trabalho de conclusão de curso (TCC). Aqui é possível perceber como a desinência de terceira pessoa do singular está se tornando a mais produtiva e abundante para mais de uma pessoa (*tu, você, a gente*) e somente pela forma verbal nem sempre é fácil detectar qual pessoa estaria sendo utilizada. Isto confere uma flexibilidade maior aos ILS, mas também uma pressão mais intensa do tempo para fazerem suas escolhas.

V14, 0:30

Multsumesc: *NOME IX(si) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa).*

Arigatô: *meu nome é (nome do professor surdo).*

Comentário: *é ele não disse bem meu nome é (nome do professor surdo), mas os surdos fazem assim muitas vezes, eu nome fulano.*

Neste trecho vemos uma particularidade da Libras que pode ser comparada a outras línguas orais, por exemplo, o russo. Existe a elisão do verbo ser. O sinal que, usualmente, se atribui à tradução de NOME pode ser, em alguns casos, um verbo como: chamar-se, nomear-se etc. Atribui-se a este EU ME-CHAMO (nome do professor).

Um dos excertos de mais difícil compreensão foi quando a entrevistadora agradece a Kiitos por seu depoimento, e ele retribui também agradecendo.

V3, de 26:09 a 26:14

Kiitos: BOM XXX CONHECER PRAZER IX(vocês) IX(nós) MUITO OBRIGADO IX(nós) XXX.

Arigatô: *não entendi, não entendi o que ele quis dizer com este nós duas vezes.*

Tanto Arigatô quanto eu não conseguimos ter certeza a que exatamente se referia o IX(nós) que foi sinalizado duas vezes> Em apenas cinco segundos, o sinalizador surdo utiliza duas CM diferentes para nós e com uma repetição difícil de encaixar no discurso do PB.

No trecho a seguir, a forma a pessoa parece ter a mesma função que, inicialmente, era exercida pela forma *a gente*, de indefinição, de indeterminação.

V3, 26:33

Kiitos: *IX(si) PENSAR DIFÍCIL CONTATO PRIMEIRO UM ZERO CONTATO SINAL DAR.*

Arigatô: *geralmente no primeiro contato a pessoa não dá sinal.*

Comentário: *não sei, acho que deixei "pessoa" como qualquer pessoa, algo indefinido assim.*

Assim como a *gente* que foi derivada de gente, noto um uso bem frequente de a *pessoa* como uma expressão de fator de maior indeterminação do que a *gente* (que já foi, de uma certa forma, associado a *eu* ou *nós*).

Assim, estabeleci algumas linhas de raciocínio sobre o uso das FT elocutivas e alocutivas em PB, no entanto, o que isto nos diz da tomada de posição como ato performativo das ILS? A que ato da metáfora dramatúrgica é possível estabelecer conexões com as decisões tomadas pelas ILS, diante dos atores, personagens e cenários a que enfrentam no ensino superior? Uma possível comparação foi encontrada no teatro de manipulação, tipicamente japonês, descrito na próxima seção.

4.5.4 *Bunraku*: manipuladores cooperativos

A metáfora dramatúrgica foi uma espécie de fio condutor das seções da tese e, embora não tenha me aprofundado muito sobre ela, um tipo de arte cênica foi imediatamente associado ao ato de mediação linguística por meio de intérpretes. Uma das mais fortes características da interpretação de língua de sinais, como mencionei em seção anterior, é a sua visibilidade corporal. Esta constante mostra de nossos corpos e vozes nos deixa espaço aberto para algumas comparações com as artes cênicas.

Uma possível comparação da ILS às artes cênicas nos leva à manipulação de bonecos e, de uma forma específica, ao teatro de bonecos japonês, o *Bunraku*, que é executado com a animação à vista do público (BELTRAME; SOUZA, 2007).

- O animador assume seu corpo em cena sem representar um personagem.
- O animador é o duplo do personagem-objeto.
- O animador representa simultaneamente dois personagens (BELTRAME; SOUZA, 2007).

Podemos comparar com diversos tipos de atuação dos intérpretes interlíngues, desde aquele que consciente e propositadamente se apodera do discurso dos locutores primários, até aquele que faz esforços para ser minimamente interferente possível. No caso das FT, a “manipulação”, nos casos, estudados, é evidente. Devido à maior flexibilidade e menos quantidade de opções na Libras, o PB tem que ser adaptado às situações, aos colocutores, à cena e ao cenário da interação. Esta adequação é feita pelos intérpretes interlíngues, neste trabalho pelas ILS. Quem é o manipulador nesta situação? Não, não são as pessoas surdas ou os ILS e sim as convenções e restrições socioculturais que nos levam a escolher nossas formas de tratamento. Assim, a maior ou menor sensibilidade e habilidade sociolinguísticas dos ILS é que vai determinar a adequação à situação comunicativa. Esta sensibilidade e habilidade pode ser desenvolvida e é neste caso que surge a questão da formação dos ILS, a seguir.

4.6 O ENSINO DA INTERPRETAÇÃO INTERLÍNGUE DA LIBRAS PARA O PB: DESDOBRAMENTOS COM BASE NOS DADOS

Foram detectadas várias possibilidades, não só de referência de pessoa, por parte das pessoas surdas, mas também da utilização de FT por partes das ILS nos dados analisados.

Um grande impacto na formação dos ILS é a reflexão sobre a questão de como se referir ao interlocutor que fala, mas sendo outra pessoa a retextualizar o enunciado? Em narrativas é comum a utilização de estratégias, porém em diálogos a troca interativa do circuito de comunicação entre os participantes, entre o *eu* e o *tu* são muito mais frequentes e marcadas. Na literatura mundial, especialmente aquela que prescreve normas de

conduta aos intérpretes interlíngues, a diretiva é “interpretar sempre em primeira pessoa do singular, dizendo *eu*”.

Em vários manuais e guias sobre o serviço de interpretação interlíngue, principalmente de serviços jurídicos e médicos, existe a ênfase em somente repetir o que foi dito pelos clientes e pacientes, em uma concepção errônea de equivalência palavra a palavra de interpretação interlíngue. No quadro 13, é possível ver a variedade de FT utilizadas quando a pessoa surda refere-se a si e diversas possibilidades de interpretação para o PB pelas ILS, mas o que tem sido ensinado nos cursos de interpretação é: diga sempre *eu*.

Enunciação em LS	Interpretação para o PB
<ul style="list-style-type: none"> • Ø • Verbo indicador • Verbo plano ancorado no corpo • Apontamento para si 	<ul style="list-style-type: none"> • Ø • eu • verbo flexionado • a gente • nós

Quadro 13: FT elocutivas detectadas

Um dos mais emblemáticos exemplos, pois é proveniente de uma obra voltada para intérpretes de língua de sinais é quando se diz que “A primeira pessoa sempre é utilizada, isto significa que, quando o sinalizador disser '*eu quero que você vá para lá*', o intérprete oralizará na mesma pessoa '*eu quero que você vá para lá*'” (SOLOW, 1996, p. 51-2)⁵¹. Se este procedimento é o melhor ou o único possível em língua inglesa, não podemos generalizar para outras línguas com FT mais complexas, reflexo de relações socioculturais também mais estratificadas. É preciso muita cautela ao adotarmos normas ou prescrições advindas de outras culturas. E, ainda, pode-se questionar qual visão de “primeira pessoa” a que os autores se referiram, pois pode-se dizer que todas as interpretações para o PB das formas elocutivas, verificadas nesta tese, foram em primeira pessoa, mas não se ativeram à concepção clássica de

⁵¹ *First person is always used, meaning that if the signer says "I want you to go over there", the interpreter will vocalize in the same person, "I want you to go over there"* (SOLOW, 1996, p. 51-2). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

primeira pessoa do singular como forma canônica e sim a uma primeira pessoa discursiva que pode ser indeterminada, generalizante, coletiva etc.

Baseada no que foi visto nesta tese, sugiro que os formadores de intérpretes interlíngues, quando forem arguidos sobre como os ILS devem enunciar o *eu* do locutor primário, considerem que as interações são únicas e situadas em determinado contexto, então eu colocaria as seguintes questões: quem são as pessoas envolvidas no ato de linguagem? Quais suas idades, posições sociais, relações hierárquicas entre si? Quem é aquele ao qual o enunciador se dirige? Qual o tipo de situação e contexto? É uma situação jurídica, médica, de conversa íntima em um corredor, é uma conferência etc? Além disto, considerar que as condições relevantes que são evidenciadas na alternância entre as FT são: evitar a redundância (estilística), maior ou menor formalidade, polidez relativa à faixa etária e hierarquia.

Quanto ao sistema alocutivo, a referência ao interlocutor, poucos tratam do assunto, no entanto, a forma como os participantes da interação referem-se uns aos outros é de extrema importância para a manutenção do equilíbrio, principalmente em termos de polidez.

Diante das análises realizadas, posso sistematizar a utilização de referência do locutor primário A, em Libras, ao seu colocutor primário B, a pessoa ouvinte, se estabelece das formas de enunciação Ø, verbo indicador, verbo plano e apontamento direto para o colocutor para, não respectivamente em PB, Ø, honoríficos, tais como *a senhora*, *a professora* e neste caso específico de dados coletados no Rio Grande do Sul, da forma *tu*, que pode ocorrer como *você*, em outras regiões e contextos. O quadro 14, esquematiza o que foi encontrado nas interpretações para o PB das FT alocutivas.

Enunciação em LS	Interpretação para o PB
<ul style="list-style-type: none"> • Ø • Verbo indicador • Verbo plano (simples) • Apontamento para colocutor 	<ul style="list-style-type: none"> • Ø • tu, vocês(s) e respectivos verbos • honoríficos: a senhora, a professora

Quadro 14: FT alocutivas detectadas

Este trabalho foi feito no meio acadêmico, no ambiente do ensino superior, e tem suas características peculiares deste contexto. O que ocorre é que, ao ampliarmos esta reflexão para o ensino da interpretação interlíngua da Libras para o PB, devemos pensar nas condições que apontam possibilidades das FT e que, no caso das formas elocutivas, foram: evitar a redundância (estilística), maior ou menor formalidade, polidez relativa à faixa etária e hierarquia.

Como vimos, a questão não é fornecer fórmulas ou receitas de comportamento, mas sim, que os formadores de intérpretes interlíngues sejam analistas das interações a serem mediadas, pois não existe somente uma possibilidade. Como já advertia Lyons, há muito tempo, que não se pode “prever com precisão total se duas pessoas usarão T ou V em dada situação com base exclusiva em informações sobre sua classe social, idade, sexo, tendências políticas etc.”(1981, p. 288). O que existem são probabilidades e formas mais adequadas de gerenciarmos o contato linguístico e cultural entre dois sujeitos e quanto mais conscientes e analíticos sobre os fatores que podem influenciar uma interação, neste caso específico, as referências a pessoas e as FT resultantes, mais eficientes seremos ao ensinar as futuras gerações para que tenham sucesso no processo comunicativo.

5 ENCERRANDO SEM FINALIZAR: O ESPETÁCULO PRECISA CONTINUAR!

Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? (BAKHTIN, 2006, p.152).

A análise dos dados coletados neste estudo demonstrou fortes evidências de que a utilização de pronomes e outras formas de tratamento elocutivas e alocutivas, na interpretação interlíngua, da Libras para o Português Brasileiro, é fortemente dependente da sensibilidade à situação e competência sociolinguística dos ILS.

Angermeyer (2009), em investigação sobre a interpretação interlíngua em âmbito jurídico, já apontava para o papel do intérprete interlíngua como crucial na manutenção e regulação da relação de poder entre as variedades de língua em um contexto institucional.

Sobre as FT elocutivas, as intérpretes, na maioria dos casos, mantiveram a perspectiva de primeira pessoa do singular formal, o *eu*.

No início deste trabalho professei meu lema, como pesquisadora, de não compactuar com perspectivas tendenciosas (*bias*), deixando que os dados tenham vida e me surpreendam e, muitas vezes, é difícil admitir que um fenômeno não aconteceu ou apareceu. Mas, de fato, a interpretação entregue em terceira pessoa ou discurso indireto praticamente não ocorreu. Ocorreram, sim, formas diversificadas de expressar o *eu* (*a gente, nós*, desinência verbal) e, quanto a isto, sinto que segui o aconselhamento de um dos professores participantes de minha banca de qualificação, Markus J. Weininger (comunicação pessoal):

A primeira pessoa é desejada e tem vantagens, mas tem exceções que o

INTÉRPRETE deve identificar e aplicar onde necessário. A sua tarefa me parece identificar, descrever e defender estas exceções, não refutar a prática da interpretação na 1ª pessoa em si. [...] ⁵²

Diante disso, é possível dizer que, ao menos no contexto institucional do ensino superior, a tendência apontada é que este estilo de interpretação interlíngua tenda a ocorrer com bem menos frequência e penso que o estatuto social de uma pessoa surda na universidade, principalmente docentes, tenha grande influência na escolha de um estilo de interpretação mais direto, por parte das ILS. Não descarto que outras áreas de atuação podem desencadear escolhas diferentes por parte dos ILS.

Quanto às FT alocutivas, existem fortes evidências de que as escolhas feitas pelas ILS foram guiadas por fatores sociolinguísticos que levaram em consideração (1) quem era o colocutor primário da pessoa surda, sua posição social, qual sua função na universidade, faixa etária etc., (2) qual a relação suposta entre os locutores primários, pessoas surdas e ouvintes, se havia intimidade entre eles, qual a hierarquia entre eles, incluindo-se, ali, as ILS e (3) que tipo de situação estava ocorrendo, se era algo rotineiro e informal (aulas) ou ocasional e mais formal (palestra) etc.

Entende-se, assim, que não é suficiente que o ILS tenha desenvolvido intensivamente suas competências linguística, referencial e tradutória. É necessária uma sensibilidade às posições sociais ocupadas pelos colocutores primários entre si, sobre qual a situação de interação que está em curso para, a partir de suas escolhas linguísticas, de posicionamento no espaço, proxêmicas e prosódicas etc., regular o intercâmbio comunicativo entre as pessoas interpretadas. A isto chamo de competência sociolinguística discursiva.

No caso específico das FT, sendo estas um reflexo da estrutura social na língua(gem), diretivas tais como

⁵² Comunicação pessoal. WEININGER, Markus J. Mais um conjunto de referências de línguas orais [mensagem pessoal]. data: 11 de setembro de 2011.

Fale em primeira pessoa. Quando interpretar, fale como se você fosse a pessoa que está falando. Por exemplo, se o falante diz: “Eu já paguei esta conta”, você deveria interpretar como “Eu já paguei esta conta”. **Seu dever é simplesmente repetir tudo o que é dito**⁵³ [grifo meu] (CALIFORNIA COURT, 2008).

As demandas ainda existentes de que os intérpretes interlíngues sejam “desubjetivados” durante o ato de mediação parecem-me inalcançáveis, não só pelo fato de que “a neutralidade em si já é uma tomada de posição” (JAFFE, 2009, p. 3) posto que é

[...] um problema insolúvel: como poderá o intérprete ou o tradutor manter o sentido quando necessariamente transforma a linguagem? Como poderá esse 'negociante', esse 'intermediário' entre produtor e consumidor manter intacto o sentido que inevitavelmente manipula, intermedeia e negocia? (ARROJO, 1992, p. 70).

Tentar tornar o intérprete interlíngue um mero boneco de ventríloquo só seria possível, se todas as culturas fossem idênticas ou, e se, houvesse uma correspondência unívoca entre os termos de diferentes línguas.

Posso citar, como exemplo, a língua japonesa na qual *watakushi*, *watashi*, *atashi*, *atakushi*, *watai*, *wate*, *wai*, *atai*, *ate*, *watchi*, *ashi*, *asshi*, *washi*, *wasshi*, *boku*, *ore*, *ora*, *uchi*, *jibun*, *ono* e *onore* são utilizados como primeira pessoa, dependendo de fatores sociolinguísticos (polidez, gênero sexual, faixa etária, hierarquia, etc.) (ONO; THOMPSON, 2003). Em hindi⁵⁴, por outro

⁵³ No original: *Speak in the First Person. When interpreting, speak as if you are the person speaking. For example, if the speaker states, “I already paid that bill,” you should interpret it as: “I already paid that bill.” Your duty is simply to repeat everything that is said (CALIFORNIA COURT, 2008).* Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

⁵⁴ Exemplo retirado de <http://www.ispeakhindi.com/2009/01/31/review-of-the-first-person-singular-tenses/>.

lado, para dizer “eu vou”, é preciso levar em conta o gênero sexual do enunciador:

Homem: मैं जाता हूँ (transliteração: *main jaataa huun*).

Mulher: मैं जाती हूँ (transliteração: *main jaatii huun*).

Velhas questões envolvidas na interpretação interlíngue, a neutralidade e a invisibilidade, não conseguem suporte dos dados analisados neste trabalho. Se é perfeitamente compreensível que haja um temor de um intérprete interlíngue que manipule ou simplesmente leve para uma situação de incomunicabilidade, não é sensato pensar em uma interpretação interlíngue que não leve em conta os fatores socioculturais.

...a imagem corriqueira do intérprete como alguém envolvido somente em traduzir mensagens de uma língua para outra tem sido desmantelada. Tem sido demonstrado que o trabalho dos intérpretes é primeiramente estruturado pelo seu entendimento da situação, pela atividade em curso e sua lógica e, depois, pela tarefa da tradução. A imagem do intérprete como “somente traduzindo” parece influenciar a compreensão das pessoas de interações mediadas por intérprete. É, também, parte de um ideal profissional e funciona como uma justificativa abreviada de como os intérpretes executam em interações face-a-face⁵⁵ (WADENJÖ, 2008, p.185).

⁵⁵ No original:[...] *the everyday image of an interpreter as someone involved only in translating messages from one language to another, has been dismantled. It has been demonstrated that interpreters' work is primarily structured by their understanding of the situation, the ongoing activity and its logic, and secondly by the task of translation. Nevertheless, the everyday image of the interpreter as “just translating” indeed appears to influence people's understanding of interpreter-mediated interaction. It is also part of a professional ideal, and functions as a shorthand explanation of how interpreters perform in face-to-face*

Dentro de minhas limitações de pesquisa, devo destacar as consequências da escolha por filmar situações reais de fala em interações mediadas por ILS. Se estudos deste gênero precisam ser feitos, sem dúvidas, o pesquisador que fizer esta opção deve estar ciente do tempo e energia gastos, principalmente na fase de transcrição e tradução dos dados. Além da língua oral, que já comporta um enorme trabalho, ainda temos que superar o desafio de transcrever e traduzir uma língua de sinais que, como vimos, ainda é socialmente ágrafa, e os sistemas de transcrição utilizam-se da escrita das línguas orais para representá-la.

Além de outras limitações que extrapolam o contexto desta pesquisa em si, como tempo, condições, material de referência etc., não há como não me sentir satisfeita, pois uma pesquisa sempre me surpreende e me ensina. Quando os dados coletados são abertos, sempre descubro novos fenômenos, antes nem cogitados, outras perspectivas e me vejo frente a desafios não previstos que me levam a mergulhar ainda mais fundo no mundo do conhecimento.

Uma das maiores dificuldades desta tese foi manter o foco, pois, a cada novo autor e tema a engajar-se no texto, surgiam novas atrações para outras investigações. E os apontamentos para futuras pesquisas não foram poucos. entre eles:

(a) Questionar outras prescrições, por exemplo, o uso de vestimenta da cor preta.

(b) Como se dá a referenciação de pessoa em outros contextos situacionais: médico, jurídico, político, etc. Nos quais as relações regulam-se por meio de outras normas e hierarquias.

(c) A tradução e transcrição não só de língua de sinais, o que já vem acontecendo, mas estudos sobre as consequências destes registros para a tradução (termo geral) de línguas de sinais. Em minha tese, a questão da tradução e transcrição foi bem problemática e me trouxe outras reflexões sobre como representar as línguas de sinais em estudos acadêmicos.

(d) Um estudo quantitativo sobre como são, realmente, as CM utilizadas em contextos de língua em uso na Libras. Algo muito

interessante que captei nas análises dos vídeos foi a configuração de mão variante para marcar a pessoa que estava sinalizando. Praticamente todas as descrições da [equivalente] forma de primeira pessoa do singular na Libras podem ser resumidas em “Mão dominante, com apenas o dedo indicador esticado; região ulnar da mão paralela ao chão; mover o dedo indicador em direção ao esterno até tocá-lo” (MOREIRA, 2007, p. 90). A forma para *nós* também apresenta variantes, nem sempre apresentadas em glossários, dicionários e material didático para a aprendizagem da Libras.

(e) Como acontece a referências a pessoas fora do eixo conversacional, como a não-pessoa é representada: terceiros, vocativos, discurso reportado etc.

(f) O cenário, como espaço físico, é uma faceta nem sempre levada em consideração nos estudos voltados à linguagem humana. Segundo Frehse (2008), tem sido uma preocupação existente na área da Sociologia a abordagem teórica do espaço físico, lugares e ambientes (principalmente os construídos) no qual a vida social acontece. Por meio desta perspectiva, é interessante, em termos de investigação, pensar sobre a “alocação da posição espacial” dos indivíduos na interação (GOFFMAN, 1961/2005, p. 11) no que concerne aos ILS.

Apesar de não ser a ênfase desta tese, o modo como os ILS se posicionam e utilizam-se dos espaços durante a mediação linguística pode ser considerado como uma possibilidade para estudos futuros. Um exemplo disso é o questionamento do por quê de os ILS, em geral, aparecerem em cena, quando são filmados interpretando uma pessoa surda para a voz. Não seria suficiente a imagem da pessoa surda sinalizando, e a interpretação para a língua oral em *voice-over*?

Outro tema que demanda mais pesquisas é um levantamento de como ILS e demais locutores se posicionam em diferentes espaços físicos, motivação e consequências deste posicionamento.

(g) A leitura das pessoas surdas sinalizantes, em PB, como uma forma de interpretação à [prima] vista.

(h) Abordar a questão das FT, na interpretação interlíngua da Libras para o PB, sob a ótica do trabalho de face e polidez (GOFFMAN, 2011; BROWN & LEVINSON 2006; LEECH 1983), entre tantas questões que surgiram deste estudo. Considero que

este trabalho possa se constituir em uma fonte de reflexão oportuna sobre as prescrições que restringem a atuação dos intérpretes e que, em realidade, não são amparadas por uma base teórica ou empírica sólidas. Cada uma delas deveria ser cuidadosamente registrada, descrita e analisada para verificação de sua validade e possibilidade de aplicação generalizada.

Encerro esta tese fazendo um chamamento para mais investigações em tradução (por que não?) e interpretação em língua de sinais no Brasil. Precisamos de pesquisas que sejam conduzidas com rigor acadêmico e que, ao mesmo tempo, estejam acessíveis aos novos pesquisadores. Precisamos que estas mesmas pesquisas sejam transformadas em trabalhos que transitem no meio científico na forma de livros, capítulos e artigos e precisamos, também, de uma interlocução maior entre a vida acadêmica e a prática cotidiana dos ILS a fim de qualificar ambas. Nossos estudos, mesmo sendo como todo o conhecimento, provisório e incompleto, serão o estímulo e os fundamentos para as gerações futuras.

[A cortina se fecha e as luzes se acendem...]

REFERÊNCIAS

AGER, Simon. OMNIGLOT: ***Translation of thanks / thank you in many languages***. Disponível em:

<<http://www.omniglot.com/language/phrases/thankyou.htm>>.

Acesso em 01 mai. 2013

ALBRES, Neiva Aquino. **Tradução e interpretação em Língua de Sinais como objeto de estudo: produção acadêmica brasileira: 1980 a 2006**. In: 2o Encontro dos profissionais tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais de Mato Grosso do Sul - 2o EPILMS, 2006, Campo Grande. ANAIS do 2o EPILMS. Campo Grande - MS: APILMS, 2006. v. 2.

_____; SANTIAGO, Vânia Aquino Albres (Orgs.). **Libras em Estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: Feneis, 2012.

AHMAD, Muneer I. *INTERPRETING COMMUNITIES: LAWYERING ACROSS LANGUAGE DIFFERENCE*. **54 UCLA LAW REVIEW** 999 (2007), p. 1000-1086.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

ANGERMEYER, Philipp S. *Translation style and participant roles in court interpreting*. **Journal of Sociolinguistics**, 13/1, p. 3–28, 2009.

ANTONINI, Rachele *The study of child language brokering: Past, current and emerging research*. **MediAzioni** 10, 2010.

ARROJO, Rosemary. A TRADUÇÃO COMO PARADIGMA DOS INTERCÂMBIOS INTRALINGÜÍSTICOS. **Alfa**, São Paulo, 36: 67-80, 1992.

AVELAR, Thaís Fleury. **A questão da padronização de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras/Libras da UFSC: um estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução),

Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

BAILEY, J. *First steps in qualitative data analysis: transcribing*. **Family Practice**, 25: 127–131, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Traduzido por Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. **Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 151 p. ISBN 978-85-7983-104-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

BARAZZUTTI, Viviane. **A desconstrução da oposição entre surdos e ouvintes a partir da (des)territorialização do intérprete de língua de sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. Tese (Doutorado em Linguística), Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BEDÊ, Judith Apda de Souza; FERENC, Lissa Cristina Pimentel Nazareth; RUIZ, Ivan Aparecido. ESTUDOS PRELIMINARES SOBRE MEDIAÇÃO. **Revmet**. Vol. 8, N. 1, p. 163-177, 2008.

BÉLANGER, Danielle-Claude. **Converser en 2 Temps 3 Mouvements: pour comprendre la communication en présence d'un interprète lsq/français**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Université du Québec à Montréal, 2000.

BELTRAME, Valmor; SOUZA, Alex de. **TEATRO DE BONECOS E A ANIMAÇÃO À VISTA DO PÚBLICO. DAPesquisa - Revista de Investigação em Artes.** Centro de Artes - CEART. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Vol.1 - N. 3, Ago/2007 - Jul/2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I.** Traduzido por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4^a. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BERENZ, Norine Frances. **Person and Deixis in Brazilian Sign Language.** Tese (Doutorado em Linguística), Universidade da Califórnia, 1996.

BERGER, Tilman; BETSCH, Michael; BREHMER, Bernhard. **Address Systems and Politeness – Independent or Interdependent?** 2001.

BERGERON, Louis-Félix. **TYPOLOGIE DE SYSTÈMES ÉCRITS POUR LES LANGUES SIGNÉES. RELQ/QSJL.** Vol I, No. 2, Printemps/Spring 2006.

BIBER, Douglas et al. Longman **Grammar of Spoken and Written English.** New York: Longman, 1999.

BICOM. **Promoting Bilingual & Intercultural Competencies in Public Health. Ad hoc-interpreting in hospitals.** Disponível em: <<http://www.bicom-eu.net/booklet3.html>>. Acesso em 03/06/2013.

BIDAR-SIELAFF, Shiva et al. **SIGHT TRANSLATION AND WRITTEN TRANSLATION: Guidelines for Healthcare Interpreters. National Council on Interpreting in Health Care Working Papers Series.** 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. **ALFA** 18/19, 339-382, 1972-1973.

BIDOLI, Cynthia Jane Kellett. *Spoken-language and Signed-*

language interpretation: Are they really so different? In: GARZONE, Giuliana; VIEZZI, Maurizio (orgs.). *Interpreting in the 21st Century: Challenges and opportunities. Selected papers from the 1st Forlì Conference on Interpreting Studies*, 9–11 November 2000. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, p. 171-180, 2002.

BOLIVAR, Thiago M. V. FORMAS DE TRATAMENTO NA MÍDIA TELEVISIVA RIO-GRANDENSE. **ANAIS DO SETA**, Número 1, p.507-511, 2007.

_____. **A forma você em interações comerciais em Porto Alegre, RS**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

BOT, Hanneke. *Dialogue interpreting as a specific case of reported speech*. **Interpreting**, 7:2, p. 237–261, 2005.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. In: **Diário Oficial da União** de 23 de dez. de 2005, Brasília, 28 p.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de Setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. In: **Diário Oficial da União** de 02 de set. de 2010, Brasília, Seção 1, p.1 (Publicação) e p.43 (Veto).

BRAUN, Friederike. **Terms of Address. Problems of Patterns and usage in various languages and cultures**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.

BRAUN, Sabine. *Multimedia communication technologies and their impact on interpreting*. **Audiovisual Translation Scenarios: Conference Proceedings, MuTra 2006**.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma Gramática das Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. Dêixis em libras e problemas de aquisição de escrita. III **Congreso Latinoamericano de Educación Bilingüe para los Sordos**. Merida, Venezuela, 1996.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. ***Politeness: Some universals in language usage***. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

BROWN, R.; GILMAN, A. ***The pronouns of power and solidarity***. In: T. Sebeok (Ed.) *Style in Language*. Cambridge, Massachussets, M.I.T. Press, p. 253-276, 1960.

BUBER, Martin. ***EU e TU***. Traduzido por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CALIFORNIA COURTS. ***Foreign Language Interpreter's Duties—Civil and Small Claims for Noncertified and Nonregistered Interpreters***, 2008. Disponível em: <<http://www.courtinfo.ca.gov/forms/documents/int200.pdf>>. Acesso em 12 jan. 2009.

CARREIRA, M. H. A. ***Les formes d'adresse (formas de tratamento) en portugais contemporain: modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais***. Thèse (Doctorat d'État) – Université de Paris IV – Sorbonne, Paris, 1995.

CASTRO, Nelson Pimenta de. ***A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais***. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

CECCHETTO, Vittorina; STROINSKA, Magda. ***SYSTEMS OF SELF-REFERENCE AND ADDRESS FORMS IN INTELLECTUAL DISCOURSE***. ***Language Sciences***. Vol. 18, N. 3-4, p. 777-789, 1996..

CENCINI, Marco; ASTON, Guy. ***Resurrecting the corp(us/se)***:

Towards an encoding standard for interpreting data. In: GARZONE, Giuliana; VIEZZI, Maurizio(eds.). *Interpreting in the 21st Century: Challenges and opportunities: **Selected papers from the 1st Forlì Conference on Interpreting Studies***, 9–11 November 2000. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique.
Dicionário de Análise do Discurso. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CINTRA, Lindley L. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa.** Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. De Vossa Mercê a Cê no Português Brasileiro: da gramática ao discurso. **Revista Vertentes.** São João Del Rey, edição 32, UFSJ, jan./jul. 2008, s.p.

DAS, Surya. **O Despertar do Buda Interior.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DAVIDSON, Christina. *Transcription: Imperatives for Qualitative Research.* **International Journal of Qualitative Methods**, 8(2), p. 35-52, 2009..

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (orgs.). **Os tradutores na história.** Tradução: Sérgio Bath. 1ed. São Paulo: ÁTICA, 2003.

DRESSLER, Richard A.; KREUZ, Roger J. *Transcribing Oral Discourse: A Survey and a Model System.* **Discourse Processes**, 29(1), p.25-36, 2000.

DUARTE, Teresa. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). **CIES e-WORKING PAPER N. 60/2009.** Centro de Investigação e Estudos de Sociologia: Portugal, 2009.

DU BOIS, John W. **The stance triangle.** In: ENGLEBRETSON,

Robert (ed.). *Stancetaking in Discourse: Subjectivity, Evaluation, Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Pp. 323. [Pragmatics & Beyond New Series 164], 2007.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. Tradução Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2002.

ENGLBRETSON, Robert (ed.). ***Stancetaking in Discourse: Subjectivity, Evaluation, Interaction***. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 323, 2007.

ESQUIVEL, Adriana. *Language Brokering a Dynamic Phenomenon: A Qualitative Study Examining the Experiences of Latina/o Language Brokers*. **Scripps Senior Theses**. Paper 52. Disponível em: <http://scholarship.claremont.edu/scripps_theses/52>. Acesso em 07 nov. 2012.

FAITANIN, Paulo. Acepção teológica de “pessoa em Tomás de Aquino”. **Aquinate**, nº.3, p. 47-58, 2006.

FERNANDES, E. **Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990. v. 1.

FIUZA, César. **Teoria geral da Arbitragem**. Belo Horizonte: Del Rey, 1995.

FLORES, Glenn et al. *Errors in Medical Interpretation and Their Potential Clinical Consequences in Pediatric Encounters*. **PEDIATRICS** Vol. 111 No. 1 January 1, p. 6 -14, 2003.

_____. *The Impact of Medical Interpreter Services on the Quality of Health Care: A Systematic Review*. **Medical Care Research and Review**. vol. 62 no. 3 255-299, 2005.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman, Sociólogo do Espaço. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, Vol. 23 n.68, p. 155-166, outubro/2008.

FREITAS, Judith. O Escolar e os Pronomes. **Revista Graphos**,

p. 97-113, 1997. Disponível em:
 <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/3295>>. Acesso em 13
 mai. 2012.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **TRANSCRIÇÃO DA INTERPRETAÇÃO PARA A LIBRAS: uma abordagem enunciativa**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Instituto de Letras. Universidade federal do Rio Grande do Sul. 2010.

FUENTE, Esther Álvarez de la. **ANÁLISIS LINGÜÍSTICO DE LA TRADUCCIÓN NATURAL: DATOS DE PRODUCCIÓN DE DOS NIÑOS GEMELOS BILINGÜES INGLÉS/ESPAÑOL**. Facultad De Filosofía y Letras Departamento de Filología Inglesa. Doctorado en Traducción e Interpretación. Universidad de Valladolid, 2007.

FURTADO, Marco Mendes; ALMEIDA, Paula Ramalho; PASCOAL, Sara Cerqueira. Formar Intérpretes à Distância: O ensino da interpretação remota e de teleconferência no ISCAP. Polissema: **Revista de Letras do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto**, N.9, p. 170-197, 2009.

GARDNER, Rod. *When Listeners Talk: Response Tokens and Listener Stance*. **Pragmatics & Beyond**, New Series, 2001.

GILE, Daniel. **SCIENTIFIC RESEARCH VS. PERSONAL THEORIES IN THE INVESTIGATION OF INTERPRETATION**. In: GRAN, Laura; TAYLOR, Christopher (eds). *Aspects of Applied and Experimental Research on Conference Interpretation*. Udine: Campanotto Editore, p. 28-41, 1990.

_____. *Interpretation Research: A New Impetus?* **Hermes**, *Journal of Linguistics* no. 14 – 1995, p. 15-29.

_____. *Use and misuse of the literature in interpreting research*. **The Interpreters' Newsletter** n°9, p. 29-43, 1999.

_____. **Translation Research versus Interpreting Research:**

Kinship, Differences and Prospects for Partnership. In: SCHÄFFNER, Christina (ed.). *Translation Research and Interpreting Research: Traditions, Gaps and Synergies.* Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2004. p. 10-43

GOFFMAN, Erving . On Face-work: An Analysis of Ritual Elements of Social Interaction. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes* 18(3), 213-231. Reprinted In: Goffman (1955/2005, pp. 5–46)

_____. Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Traduzido por Fábio Rodrigues R. da Silva. Petrópolis, Vozes, 2010.

_____. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Traduzido por Fábio Rodrigues R. da Silva. Petrópolis, Vozes, 2011.

GONÇALVES, Clézio Roberto. DE VOSSA MERCÊ A CÊ: CAMINHOS, PERCURSOS E TRILHAS. **Cadernos do XIV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA (CNLF)**, Vol. XIV, Nº 4, t. 3, p. 2535-2550, 2010.

GONÇALVES, Higor Branco. Bunraku: Um Panorama Histórico do Teatro de Bonecos Japonês. **Revista Pandora Brasil** - Nº 31 – Junho de 2011.

GORSZCZYNSKA, Paula. *The Potential of Sight Translation to Optimize Written Translation.* In: AZADIBOUGAR, Omid (ed.). *Translation Effects. Selected Papers of the CETRA Research Seminar in Translation Studies* 2009. Disponível em: <<http://www.kuleuven.be/cetra/papers/papers.html>>. Acesso em: 25 out. 2013. Publicado em 2010.

GRBIĆ, Nadja; PÖLLABAUER, Sonja. *Community Interpreting: signed or spoken? Types, modes, and methods.* In: HERTOOG, Erik; VEER, Bart van der (eds). *Taking Stock: Research and Methodology in Community Interpreting.* **Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies** (LANS – TTS), p. 247-261, 2006.

GROSJEAN, François. ***The bilingualism and biculturalism of the Deaf***. In: Studying bilinguals. Oxford, 2008.

GRUNDY, Annabelle L.; POLLON, Dawn E. ; MCGINN, Michelle K. *The Participant as Transcriptionist: Methodological Advantages of a Collaborative and Inclusive Research Practice. **International Journal of Qualitative Methods**, 2(2), p. 23-32, 2003.*

HADDINGTON, Pentti. ***The intersubjectivity of stance taking in talk-in-interaction***. Faculty of Humanities, Department of English, University of Oulu, Finland, 2005.

HALL, Nigel; GUÉRY, Frédérique. *Child Language Brokering: Some considerations. **MediAzioni** 10, 2010.*

HARRIS, Brian. *The importance of natural translation. (Revised version of a paper presented at the AILA World Congress, Stuttgart, August 1975). Working Papers in Bilingualism 12.96-114. **Reprinted as Working Papers in Translatology** 2, Ottawa, School of Translators and Interpreters, University of Ottawa, 1977.*

_____; SHERWOOD, Bianca. *Translating as an Innate Skill. **Paper to the NATO Symposium on Language Interpretation and Communication**, at the Giorgio Cini Foundation, Venice, 1977. Published in the proceedings, 1978.*

_____. *An Annotated Chronological Bibliography of a Century of Natural Translation Studies: 1908-2008. Disponível em: <www3.uva.es/uvalal/Enlaces/B_Harris-Natural_Translation.pdf>. Acesso em 20 mai 2011.*

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. ***What is Translation?*** In: *Translation: an advanced resource book*. London/New York: Routledge, 2004.

HAZOPOULOU, Marianna. ***Acquisition of Reference to Self and Others in Greek Sign Language: from pointing gesture***

to pronominal pointing signs. Tese. Department of Linguistics, Sign Language Section, Stockholm University, 2008.

HOFFMEISTER, Robert James. ***The development of demonstratives pronouns, locatives and personal pronouns in the acquisition of American Sign Language by deaf children of deaf parents.*** Tese (doutorado em Linguística). Universidade de Minnesota, 1978.

HOLMES, J. S. ***The Name and Nature of Translation Studies.*** In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader.* Routledge, 2000.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. **Um Estudo Descritivo sobre o Papel dos Intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, 2005.

ILARI, Rodolfo et al. **Os Pronomes Pessoais do Português Falado: roteiro para análise.** In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do Português Falado.* Volume IV: Estudos Descritivos, p. 73-159.. Campinas, SP: Unicamp, 2002.

INGRAM, R. M. *Sign language interpretation and general theories.* In: GERVER, D.; SINAIKO, H. W. (eds.). *Language Interpretation and Communication. NATO Conference Series* Volume 6, 1978, pp 109-118.

IVARS, Amparo Jiménez. ***La Traducción a la Vista. Un Análisis Descriptivo.*** Tese (Doutorado em Tradução e Comunicação). Facultat de Ciències Humanes i Socials. Universitat Jaume I, 1999.

JACOBS, Elizabeth A. et al. *Impact of Interpreter Services on Delivery of Health Care to Limited-English-proficient Patients.* ***Journal of General Internal Medicine,*** Volume 16, Issue 7, pages 468–474, July 2001.

JAFFE, Alexandra. ***The Sociolinguistics of Stance.*** In: JAFFE,

Alexandra. *Stance: Sociolinguistic Perspectives*. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 3-28, 2009.

JONES, Curtis. ***The Context of the Child Culture Broker Role: A Study of Families from the Former Soviet Union***. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Chicago. 2008.

KARLINER, Leah S. et al. *Do Professional Interpreters Improve Clinical Care for Patients with Limited English Proficiency? A Systematic Review of the Literature*. ***Health Services Research***, Volume 42, Issue 2, pages 727–754, April 2007.

KÄRKKÄINEN, Elise. ***Epistemic Stance in English Conversation: A Description of its Interactional Functions, With a Focus on I Think***. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2003.

_____. *Stance taking in conversation: From subjectivity to intersubjectivity*. ***Text & Talk*** 26–6, p. 699–731. 2006.

KASPER, G. *Linguistic politeness: Current research issues*. ***Journal of Pragmatics***, 14, p. 193–218, 1990.

LACERDA, C. B. F. de. ***Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental***. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LAND, Victoria; KITZINGER, Celia. *Some uses of third-person reference forms in speaker self-reference*. ***Discourse Studies***, Vol 9(4), p. 493–525, 2007.

LEECH, G.N. ***Principles of Pragmatics***. London /New York: Longman, 1983.

LEESON, Lorraine; FOLEY-CAVE, Susan. ***Deep and Meaningful Conversation: Challenging Interpreter Impartiality in the Semantics and Pragmatics Classroom***. In: METZGER, Melanie; FLEETWOOD, Earl (orgs.). *Translation, Sociolinguistic, and Consumer Issues in Interpreting*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2007.

LEITE, Emeli Marques da Costa. **Os papéis do intérprete de LIBRAS na sala de aula inclusiva**. Centro Virtual de Cultura Surda. Coleção Cultura e Diversidade. Petrópolis: Arara Azul, 2004. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>. Acessado em: 01 mar. 2012.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

LILLO-MARTIN, Diane. *2nd vs. 3rd Person in American Sign Language. Guest presentation in Ling 7800-055*. LSA Summer Institute, 21 jul. 2011. *Person Indexicals: a Multi-Disciplinary Perspective*, University of Colorado, Boulder.

LOEW, Ruth Carolyn. **Roles and Reference in American Sign Language: a developmental perspective**. Tese (doutorado em Linguística). Universidade de Minnesota, 1984.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 dez. 2013.

_____. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18. p.174, 2003.

_____. A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE EM PORTUGUÊS EM TEMPO REAL DE LONGA E DE CURTA DURAÇÃO: RETENÇÃO E MUDANÇA NA ESPECIFICAÇÃO DOS TRAÇOS INTRÍNSECOS. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 4, n.1, p.47-80, julho de 2004.

_____. **Pronomes pessoais**. In: Sílvia Figueiredo Brandão e Sílvia Rodrigues Vieira. (Org.). Ensino de gramática: descrição e uso. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, 2004.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Traduzido por Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LUCIANO, Anita Holm Thomsen. **A Interpretação Simultânea sob a ótica da Linguística Aplicada**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2005.

MACHADO, Emilia; FAMULARO, Rosana. **PROGRAMA DE FORMACIÓN DE FORMADORES DE INTÉRPRETES DE SORDOS ORGANIZADO POR LA FMS y la UNESCO** (Informe). Montevideo, Uruguay, noviembre 2001. Disponível em: <http://www.aati.org.ar/socios/LSA/programa_de_formacion.htm> . Acesso em 10 mar. 2010.

MANOLE, Veronica. Uma língua, várias culturas: algumas reflexões sobre os aspetos sociolinguísticos na localização em português brasileiro e em português europeu. REVUE INTERNATIONALE D'ÉTUDES EN LANGUES MODERNES APPLIQUÉES – RIELMA. *Actes du Colloque international "Pour qui traduit-on?"* (Cluj-Napoca, le 12 octobre 2012). Supplément au numéro 6/2013, p. 53-63, 2012.

MASON, Ian (org.). **Triadic Exchanges: Studies in Dialogue Interpreting**. St. Jerome Publishing Ltd, 2001.

MASUTTI, Mara Lúcia. **TRADUÇÃO CULTURAL: DESCONSTRUÇÕES LOGOFONOCÊNTRICAS EM ZONAS DE CONTATO ENTRE SURDOS E OUVINTES**. Tese (Doutorado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão. UFSC: 2007.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. Você, o senhor, ou o quê? **Linguagem & Ensino**, Vol. 1, No. 1, p. 135-150, 1998.

MENDONÇA, J. Ricardo C. de, FACHIN, Roberto Costa. O Teatro das Interações Sociais nas organizações: fases do gerenciamento de impressões na perspectiva dramatúrgica. **Gestão.Org**, v. 4, n. 4, p. 298-316, Set./Dez. 2006.

MENON, Odete Pereira da Silva. O Sistema Pronominal do Português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n.44, p.91-106. 1995. Editora da UFPR.

_____. USO DO PRONOME SUJEITO DE PRIMEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS DO BRASIL. **Organon**, v. 14, n. 28-29, 2000a.

_____. Pronome de Segunda Pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. Porto Alegre: **Letras de Hoje**. V.35, nº 1, p.121-164, 2000b.

MEYER, Bernd. ***Ad hoc interpreting for partially language-proficient patients: participation in multilingual constellations***. In: BARALDI, Claudio; GAVIOLI, Laura (eds.). *Coordinating Participation in Dialogue Interpreting*. Jonh Benjamins Publishing Company, p. 99-113, 2012.

MIKKELSON, H. ***The Professionalization of Community Interpreting***. Monterey Institute of International Studies. 2004. Disponível em: <<http://www.acebo.com/papers/profslzn.htm>>. Acesso em: 30 set. 2013.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. NOTÍCIAS DE ESTUDOS REALIZADOS SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO. **REVISTA LETRA MAGNA - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura** – Ano 02, n.02, p. 1-9, 1º Semestre de 2005.

_____. FORMAS DE TRATAMENTO E JULGAMENTOS DE VALOR. **REVELA – Periódico de Divulgação Científica da FALS**. Ano III – Nº VI- Out2009/Jan2010, s/p.

MONTEILLARD, Nathalie. ***La langue des signes internationale***,

Acquisition et Interaction en Langue Étrangère [on line], *Les Langues des signes: une perspective sémiogénétique*, Mis en ligne le: 16 décembre 2005. Disponível em: <<http://aile.revues.org/document1347.html>>. Acesso em 11 mar. 2011.

MONTEIRO, José Lemos: Variação no uso dos pronomes pessoais no português do Brasil. **Verba. Anuario Galego de Filoloxía**, vol. 17, p. 145-157, 1990.

MORALES, Alejandro; HANSON, William E. *Language Brokering: An Integrative Review of the Literature. Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, Vol. 27 No. 4, p. 471-503, November 2005.

MORALES-LÓPES, Esperanza. **Características generales del bilingüismo inter-modal: (lengua de signos / lengua oral)**. *Comunicación presentada en el Curso "Las lenguas de signos como lenguas minoritarias: perspectivas lingüísticas, sociales y políticas" Universidad Internacional Menéndez y Pelayo, Barcelona (CUIMPB) Centre Ernest Lluc, 23 y 24 julio 2008* Artículo publicado en catalán en Martí i Castells, Joan i Mestres i Serra, Josep M. (2010) *Les llengües de signes com a llengües minoritàries: perspectives lingüístiques, socials i polítiques (Actes del seminari del CUIMPB-CEI 2008)*, pp. 175-188. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans. Disponível em: <http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/983/3/Biling_2010.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2013.

MOREIRA, Renata Lúcia. **Uma Descrição da Dêixis de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira: Pronomes Pessoais e Verbos Indicadores**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, 2007.

MYERS, Greg; LAMPROPOULOU, Sofia. *Impersonal you and stance-taking in social research interviews. Journal of Pragmatics* vol 44, Issue 10, p.1206-1218, 2012.

NAJIT - *National Association of Judiciary Interpreters & Translators. Modes of Interpreting: Simultaneous, Consecutive, &*

Sight Translation. Position Papers, May 15, 2006. Seattle: NAJIT, 2006.

NÁPOLES, Anna M. et al. *Clinician Ratings of Interpreter Mediated Visits in Underserved Primary Care Settings with Ad hoc, In-person Professional, and Video Conferencing Modes. J Health Care Poor Underserved*. 21(1): 301–317, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NEUBERT, Albrecht. **Postulates for a Theory of Translatio**. In: DANKS, Joseph H. et al. (eds.). *Cognitive Process in Translation and Interpreting*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1997, p. 1-24.

NICODEMUS, Brenda; EMMOREY, Karen. *Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. Bilingualism: Language and Cognition*, Volume 16, Issue 03, p. 624- 636, July 2013.

OCHS, Elinor. **Transcription as Theory**. 1979.

ONO, Tsuyoshi; THOMPSON, Sandra A. *Japanese (w)atashi/ore/boku 'I': They're not just pronouns. Cognitive Linguistics* 14–4, p. 321–347, 2003.

PAGURA, Reynaldo José. **A Interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, 2010.

PAZ, O. **Traducción: literatura y literalidad**. Barcelona: Tusquets, 1971.

PEARL, Stephen. *Scripta manent, verba volant. Written translation and simultaneous interpretation - siblings or distant cousins. An exploration of some less apparent differences. TRANS - Revista de Traductología*. N. II, 215-230. Universidad de Málaga: Departamento de Traducción e Interpretación, 2007.

PENNYCOOK, Alastair. *The politics of pronouns*. **ELT Journal**, Volume 48/2. Oxford University Press, p. 173-178, 1994.

PEREIRA, Maria Cristina Pires; FRONZA, Cátia de Azevedo. Sistema Signwriting como uma Possibilidade na Alfabetização de Pessoas Surdas. In: **(anais do VII) Encontro do Círculo Lingüístico do Sul (CELSUL)**. Pelotas: UCPEL e UFPEL. 2006.

_____. Interpretação interlíngüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução XXI**, Vol. 1, p. 135-156. Florianópolis: UFSC, PGET: 2008a.

_____, RUSSO, Ângela. **Tradução e Interpretação de Língua de Sinais: técnicas e dinâmicas para cursos**. Taboão da Serra: Centro Educacional Cultura Surda, 2008b.

_____. PRIMEIRA OU TERCEIRA PESSOA EM INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS: um estudo preliminar. **Mesa redonda: Tradução de Língua de Sinais. X Encontro Nacional de Tradutores, IV Encontro Internacional de Tradutores: nas Trilhas da Tradução, para onde vamos?**. Universidade Federal de Ouro Preto, MG, 2009.

_____. PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS: dissertações e teses como vestígios históricos. **Cadernos de Tradução**, volume 1, No 26. Florianópolis: UFSC, PGET: 2010.

PETITO, Laura. **FROM GESTURE TO SYMBOL: the relationship between form and meaning in the acquisition of personal pronouns in American Sign Language**. Bloomington, Indiana University Linguistics Club, 1986.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller de. Língua Brasileira de Sinais V. **Material didático**, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade à Distância. Florianópolis: UFSC/CCE, 2009.

PÖCHHACKER, Franz. *Simultaneous Interpreting: A Functionalist*

Perspective. **Hermes, Journal of Linguistics** no. 14, p.31-54, 1995.

_____. **Introducing Interpreting Studies**. London: Routledge, 2004.

_____. *Interpreting Studies: a round trip from practice to theory. Translation in the University and the Workplace. Thessaloniki*, 3-4 November 2006.

_____. **Broader, better, further: Developing Interpreting Studies**. In: PYM, Anthony; PEREKRESTENKO, Alexander (eds.). *Translation Research Projects 2. Tarragona: Intercultural Studies Group*, p. 41-37, 2009.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. **Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Mensagem Nº 532, de 1º de Setembro de 2010. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Msg/VEP-532-10.html>. Acesso em: 22 jul. 2009.

PUST, Carolina Plaza. *Sign Bilingual Education and Inter-modal Language Contact: On the Relation of Psycholinguistic and Pedagogical Factors in Deaf Bilingualism*. In: COHEN, James et al. **Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism** (ISB4). Cascadilla Press Somerville, MA 2005.

QUADROS, Ronice Müller de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

_____. **EDUCAÇÃO DE SURDOS: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **O Tradutor e Intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC; SEESP, 2002.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais**

Brasileira: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de (orgs.).

Questões Teóricas das Pesquisas em Língua de Sinais.

Petrópolis: Arara Azul Ltda., 2008.

QUAREZEMIN, Sandra. A Focalização do Sujeito e a Inversão Livre no Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos XXXV**, p. 1793-1801, 2006.

QUEIROZ, Mylene. **Interpretação Médica no Brasil.**

Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

REPS, Paul. **Histórias Zen: uma coleção de escritos zen e pré-zen.** Brasília: Editora Teosófica, 1999.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **SITUAÇÕES DE INCOMPREENSÃO VIVENCIADAS POR PROFESSOR OUVINTE E ALUNOS SURDOS NA SALA DE AULA: PROCESSOS INTERPRETATIVOS E OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM.** Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

_____. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: **Anais do II Congresso Brasileiro de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, 2010, Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 2010. p.01-07.

Disponível em:

<<http://www.congressotils.com.br/anais2010/Carlos%20Henrique%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

_____. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

RODRÍGUEZ, Esther de los Santos; BURGOS, Maria del Pilar Lara. **Técnicas de la interpretación de lengua de signos**. Barcelona: CNSE Fundación, 2001.

RONCARATI, Cláudia. **DÊIXIS SOCIAL – a designação socialmente referenciada: “sabe com quem você está falando?”**. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs.). Antony Julius Naro e a Linguística no Brasil – uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, p. 115-147, 2008.

RUSSO, Angela. **Intérprete de língua brasileira de sinais: uma posição discursiva em construção**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

RUSSO, M. *Community Interpreter, Liaison interpreter, ad hoc interpreter, Intercultural Mediator. What kind of curriculum for such multifaceted profession?* In: **Professionalization of interpreting in the community. International Conference Critical Link 4**. Stockholm, Sweden, p. 1-9, 2004.

SAMPAIO, Glória Regina Loreto. *Mastering Sight Translation Skills*. **Tradução e Comunicação**, v. 16, p. 63-69, 2007.

SANTANA, Jefferson B. M. **Fronteiras literárias: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de LIBRAS**. Dissertação (Mestrado em Literatura), Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM ESTUDO SOBRE AS IDENTIDADES**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

_____. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SANTULLI, Francesca. *The role of linguistics in the interpreter's curriculum*. In: GARZONE, Giuliana; VIEZZI, Maurizio (eds.). *Interpreting in the 21st Century: Challenges and opportunities: Selected papers from the 1st Forlì Conference on Interpreting Studies*, 9–11 November 2000. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHÄFFNER, Christina (ed.). *Translation Research and Interpreting Research: Traditions, Gaps and Synergies*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2004.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PAPEL DOS FATORES SOCIAIS: O GÊNERO DO FALANTE EM FOCO. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte 2011.

SCHJOLDAGER, Anne. *Review article*: Silvana E. Carr, Roda Roberts, Aideen Dufour, and Dini Steyn (eds.): *The Critical Link: Interpreters in the Community. Papers from the First International Conference on Interpreting in Legal, Health, and Social Service Settings* (Geneva Park, Canada, June 1-4, 1995). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997.

SEGALA, Rimar R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SOLOW, Sharon Neumann. *Sign Language Interpreting: a basic resource book*. Maryland: National Association of the Deaf/NAD, 1996.

SOUSA, Aline Nunes; QUADROS, Ronice Müller de. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues

intermodais (Libras e Português). **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

SOUZA, Saulo Xavier de. **PERFORMANCES DE TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS OBSERVADAS NO CURSO DE LETRAS-LIBRAS**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. Grupo de Estudos sobre Práticas de recepção a Discursos Mediáticos. ECA/USP, **Novos Olhares**, n.2, p.37-49, 1998.

STEWART, David A.; SCHEIN, Jerome D.; CARTWRIGHT, Brenda E. **SIGN LANGUAGE INTERPRETING: exploring its art and science**. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon, 1998.

STOKOE, William C. *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf (1960)*. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education** vol. 10 (1). Oxford University Press 2005. Disponível em: <<http://jdsde.oxfordjournals.org/content/10/1/3.full.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2010.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador**. Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005.

TANNEN, Deborah. **Talking voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse**. New York: Cambridge University Press, 2007.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

TRICKETT, Edison J., SORANI, Sandra; BIRMAN, Dina. *Towards an ecology of the culture broker role: Past work and future directions*, **mediAzioni** 10, 2010.

VAN DIJK, Rick et al. *DIRECTIONALITY EFFECTS IN SIMULTANEOUS LANGUAGE INTERPRETING: the case of sign language interpreters in the netherlands*. **American Annals of the Deaf**. Volume 156, N. 1, p. 47-55, 2011.

VEIGA, Aída. O intérprete é um "ator da voz". **Folha de São Paulo**. São Paulo, domingo, 23 de novembro de 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/23/empregos/3.html>>, Acesso em 03 jul. 2013.

VIAGGIO, Sergio. **Teoría General de la Mediación Interlingüe**. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2004.

WADENSJÖ, Cecilia. *Dialogue Interpreting and the Distribution of Responsibility*. **Hermes, Journal of Linguistics** no. 14, p. 111-131, 1995.

_____. *Interpreting as Interaction*. London/New York: Longman, 1998.

_____. *Dialogue interpreting: A monologising practice in a dialogically organised world*. **Target** 16:1, p. 105–124, 2004.

WILCOX, Sherman. *LANGUAGE IN MOTION: A FRAMEWORK FOR UNIFYING SPOKEN LANGUAGE, SIGNED LANGUAGE, AND GESTURE*. **ANUARI DE FILOLOGIA. ESTUDIS DE LINGÜÍSTICA**, 2, p.49-57, 2012.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies**, UK: St. Jerome, 2002.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.

APÊNDICE – TRANSCRIÇÃO DAS INTERAÇÕES MEDIADAS POR ILS

V1

Adult1 LSB utterance	IX(si) ESCOLHER e(esperar) CINCO e(esperar) CINCO IX(si) IX(pessoa) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) IX(lista-dois) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) SINAL-PRÓPRIO IX(pessoa) IX(pessoa) IX(lista-mão) CERTO IX(si) e(esperar)/
TC	00:00:00.260 - 00:00:11.000

Adult1 second hand	LISTA-UM LISTA-DOIS LISTA-TRÊS LISTA-QUATRO LISTA-CINCO	
TC	00:00:02.260 - 00:00:06.600	
Adult1 LSB pho		Utilizou a configuração diferente do sinal G9:1
TC		00:00:05.970 - 00:00:06.610

Adult1 second hand	LISTA-CINCO
TC	00:00:07.690 - 00:00:10.970

Adult1 LSB utterance	e(depois) IX(lá) SINAL-PRÓPRIO VOTAR DISCUTIR IX(nós) NÃO IX(lista-mão) COMO QUERER ESCOLHER UM CADA XXX CADA e(então) NÃO CONVIDAR IX(si) OFÍCIO DAR IX(si) QUERER INTERESSAR VIR IX(aqui) e(então) ENTRAR VIR e(então) CINCO MAIS VIR e(então)
TC	00:00:11.040 - 00:00:31.660

Adult1 LSB utterance	MAIS UM FS(aluno) IX(ele) FS(dace)//	FS(dce) IX(aqui) g(sim)
TC	00:00:33.170 - 00:00:37.480	00:00:37.630 - 00:00:39.760

Adult1 LSB utterance	ENTRAR QUERER PENSAR COMO SEPARAR IX(ele) QUERER ENTRAR e(ver) QUERER CONHECER IX(você) VOZ IX(ele) VOTAR NÃO DIREITO VOTAR NÃO DV(mudar-assunto) SÓ+ VER e(ver) QUERER ASSISTIR DV(juntar) MISTURAR e(então)
TC	00:00:41.050 - 00:00:53.020

Adult2 LSB utterance	SINAL-PRÓPRIO g(sim) e(positivo) SINAL-PRÓPRIO PERGUNTAR e(esperar) e(ver) LER JEITO IX(mão- esquerda) UM NOME IX(aqui) XXX JÁ SINAL-PRÓPRIO JÁ ANTES EXPLICAR JÁ REUNIÃO e(fazer-tempo) JÁ PREPARAR GRUPO CERTO LEMBRAR IX(mão-esquerda) CERTO AGORA GRUPO XXX AGORA ESCOLHER UM NOME REPRESENTANTE[?] É e(então)
TC	00:00:56.360 - 00:01:20.360

Adult2 second hand	DV(papel-imaginário)	LISTA-CINCO CINCO
TC	00:00:59.950 - 00:01:04.150	00:01:11.830 - 00:01:13.580

Adult2 LSB utterance	UM REPRESENTANTE[?] FOCO CONFUSÃO[?] ENTENDER CINCO CONTINUAR CHAMAR UM DV(um-entrar-cinco) COMO EXPLICAR IX(você)
TC	00:01:20.730 - 00:01:26.960

Adult2 second hand	LISTA-CINCO_
TC	00:01:24.360 - 00:01:26.050

Adult1 LSB utterance	IX(si) DAR e(esperar) IX(si) g(sim) IX(mão-esquerda) CERTO g(sim) VOTAR SINAL-PRÓPRIO VOTAR IX(si) SINAL-PRÓPRIO SINAL-PRÓPRIO JÁ IX2(nós) IX3(nós) JÁ IX(dedo) MAIS//
TC	00:01:28.350 - 00:01:41.660

Adult1 LSB utterance		CINCO g(sim) IX(si) CONFUSÃO IX2(eles)/
TC		00:01:44.550 - 00:01:48.330
Adult1 second hand	LISTA-CINCO_	LISTA-UM LISTA-DOIS
TC	00:01:30.520 - 00:01:33.410	00:01:35.070 - 00:01:37.490

V2

Adult1 LSB utterance

VERDADE VIR MAS2 OUTRO+ XXX IX(si) NÃO CONVIDAR FS(com) VAI FS(te) IX(você) QUERER INTERESSAR NÃO ACHAR3 JÁ COMEÇAR IX(nós) JÁ COMEÇAR TRABALHAR DEPOIS GRUPO DV(grupo-vir) e(depois) ESCOLHER XXX DEPOIS PRA-FRENTE[?] e(tanto-faz)	
TC	00:00:00.010 - 00:00:12.770

Adult1 LSB utterance

IX(si) e(tanto-faz)

TC		00:00:13.360 - 00:00:14.120
Adult1 second hand	LISTA-CINCO	
TC	00:00:00.800 - 00:00:01.090	

Adult2 LSB utterance	SINAL-PRÓPRIO EXPLICAR SABER-NÃO SE PENSAR ÁREA+ IX(si) e(ver) JÁ TER PESSOA2 SINAL-PRÓPRIO e(ficar) SINAL-PRÓPRIO ÁREA EGOÍSTA ÁREA SURDO ESCOLHER GRUPO JÁ QUE INTELIGENTE FS(altishablides) GRUPO QUE IX(ele) FALAR NÃO NOITE[?] INTELIGENTE NOITE e(ficar) IX(nós) PENSAR DESCULPA e(apenas) CERTO PRONTO e(ficar) SINAL-PRÓPRIO CERTO IX(si) PERGUNTAR NOITE TAMBÉM XXX ESTRUTURA DV(separar) NOITE TAMBÉM IX(isso) IX(si) SIM CADA CURSO PRECISAR DV(separar- grupos) SEPARAR g(então) MAIS/
TC	00:00:17.590 - 00:00:55.121

V3

Adult1 LSB utterance	ENTENDER CLARO
TC	00:00:33.650 - 00:00:35.840

Adult1 LSB utterance	TUDO-BEM FS(giordano-ortiz) FS(ortiz-maurer)
TC	00:00:41.160 - 00:00:52.360

Adult1 LSB utterance	FS(maurer) e(positivo)
TC	00:00:52.970 - 00:00:57.110

Adult1 LSB utterance	IX(si) SINAL SINAL-PRÓPRIO e(positivo)
TC	00:00:57.910 - 00:01:02.740

Adult1 LSB utterance	DOIS
TC	00:01:03.540 - 00:01:04.580

Adult1 LSB utterance	POR-QUE ANTES DV(tamanho-pequeno) IX(pessoa) PEDIR+ CARINHO DV(carinho-orelha) SURDO IX(eles) VELHO[?] PERCEBER SINAL POSS(eu) SINAL-PRÓPRIO
TC	00:01:05.880 - 00:01:16.690

Adult1 LSB utterance	DOIS SETE
TC	00:01:21.980 - 00:01:23.180

Adult1 LSB utterance	SINAL-PRÓPRIO FACULDADE
TC	00:01:28.250 - 00:01:31.170

Adult1 LSB utterance	CERTO IX(si) ANTES XXX PROVA IX(si) PENSAR CURSO[?] IX(si) AMOR MAIS TEATRO IX(si) MAS DÍFICIL TER-NÃO NOITE TER-NÃO SÓ ACORDAR[?] TARDE2[?] IX(si) TER TRABALHO IX(isso) IX(si) PENSAR IX(si) e(fazer-tempo)[?] IX(si) JÁ OUTRO OUVIR DV(ir-todo-lugar) PROBLEMA ANCONSELHAR JÁ IX(si) e(fazer-tempo) FS(eca)+ CRIANÇA DV(tamanho-baixo-para-alto) IX(si) JÁ DV(ir-todo-lugar) PARAR IX(isso) TER NOVO SINAL-PRÓPRIO NOVO SINAL TER-NÃO SINAL TER-NÃO SINAL-PRÓPRIO PALAVRA2 IX(si) GOSTAR2 IX(si) ESCOLHER BOTAR ESPERAR XXX PASSAR DEPOIS2 FACULDADE COMEÇAR DOIS ZERO DEZ DOIS ZERO DEZ AGOSTO2[?] COMEÇAR IX(si) ESTUDAR AMOR VONTADE INTERESSAR ÓTIMO3 BOM SINAL-PRÓPRIO
TC	00:01:37.860 - 00:02:24.030

Adult1 LSB utterance	AGORA TRÊS SEMESTRE[?]
TC	00:02:29.930 - 00:02:31.370

Adult1 LSB utterance	AGORA DISCIPLINA CINCO
TC	00:02:36.770 - 00:02:39.420

Adult1 LSB utterance	e(esperar) IX(dedo)+ SINAL-PRÓPRIO FAMÍLIA MÉTODO+ FS(metolgirmeta) e(positivo) g(sim) MÉTODO SINAL-PRÓPRIO JUNTO MÉTODO SINAL-PRÓPRIO FS(serviço-so) MÉTODO SINAL-PRÓPRIO e(esperar) IX(dedo)// FAMÍLIA JUNTO DISCIPLINA DIFERENTE PALAVRA2 e(ficar) IX(dedo) FS(sociologia) SOCIOLOGIA[?] e(positivo) XXX XXX FS(e) XXX
TC	00:02:43.130 - 00:03:19.030

Adult1 LSB utterance	e(positivo) XXX/
TC	00:03:20.250 - 00:03:21.370

Adult1 LSB utterance	e(positivo) ANTES COMEÇAR DOIS ZERO DEZ ESTUDAR EVOLUIR[?] CONHECER NÃO ADULTO GRUPO MUITO CINQUENTA ADULTO CINQUENTA IX(si) ESTUDAR EVOLUIR[?] INTERPRÉTE TER ENSINAR PROFESSOR IX(si) INTERESSAR+ AMOR e(positivo) DEPOIS e(depois) DOIS SEMESTRE[?] QUASE TRANCAR UM CONVERSAR RELACIONAMENTO TENTAR PERGUNTAR//
TC	00:03:32.860 - 00:03:56.360

Adult1 LSB utterance	IX(si) TRANCAR NÃO TENTAR PERGUNTAR COMO PROFESSOR XXX XXX PERGUNTAR TENTAR TRANCAR SE EXEMPLO PERDER COMO PODER PERDER IX(si) QUERER-NÃO NÃO AMOR IX(si) CONTINUAR
TC	00:03:56.510 - 00:04:08.370

Adult1 LSB utterance	NADA2 SINAL-PRÓPRIO CONTINUAR e(apenas)
TC	00:04:20.980 - 00:04:23.750

Adult1 LSB utterance	IX(si) ANTES JÁ DESCULPA FALAR PERGUNTAR ANTES FS(enem) IX(si) PASSAR JÁ PASSAR TAMBÉM XXX PASSAR IX2(enem-xxx) IX(si) LARGAR SINAL-PRÓPRIO IX(jisso) BOM MELHOR IX(si) LARGAR POR-QUE//
TC	00:04:31.040 - 00:04:45.590

Adult1 LSB utterance	IX(si) LARGAR POR-QUE IX(jisso) TER BOLSA DÍFICIL VAGA MELHOR SINAL-PRÓPRIO TER GRÁTIS TUDO ÓTIMO3[?] ENSINAR COISA TER MATERIAL BOM GRÁTIS SÓ COPIAR PAGAR SÓ BARATO[?] IX(si) ACEITAR TAMBÉM COMER COISA FS(ru) ÁREA MELHOR PERTO ÁREA MELHOR IX(aqui) ESCOLHER
TC	00:04:45.940 - 00:05:07.780

Adult1 LSB utterance	TAMBÉM IX(aqui) SINAL-PRÓPRIO TER INTERPRÉTE TER IX(aqui) ÓTIMO3[?] LUTAR[?] POVO ESFORÇO OUTRO PARTICULAR DIFÍCIL PROBLEMA IX(jisso) SINAL-PRÓPRIO TER LEI IX(aqui) e(então)
TC	00:05:11.850 - 00:05:23.860

Adult1 LSB utterance	ESCOLHER XXX FS(vestura) e(positivo)
TC	00:05:35.520 - 00:05:38.370

Adult1 LSB utterance	e(positivo)
TC	00:05:38.950 - 00:05:39.960

Adult1 LSB utterance	e(positivo) É ANTES SÓ PROVA TER-NÃO MÚLTIPLA-ESCOLHA[?] PERGUNTAR INTERPRÉTE PERGUNTAR PESSOA3[?] ANTES COMEÇAR AGORA MUDAR NOVO É_//
TC	00:05:54.920 - 00:06:09.830

Adult1 LSB utterance	SURDO POVO LUTAR[?] GRUPO INTERPRÉTE ORGANIZAR LUTAR IX(ele) REITOR CONSEGUIR LIVRE SINAIS COMPUTADOR INTERPRÉTE IMPRESSORA[?] IX(si) CONSEGUIR PASSAR MELHOR CLARO
TC	00:06:11.380 - 00:06:27.750

Adult1 LSB utterance	ENTENDER e(positivo) g(sim)
TC	00:06:48.010 - 00:06:49.940

Adult1 LSB utterance	g(sim) e(positivo) ÚLTIMO TODOS-OS-DIAS CINCO DOIS ATÉ SEXTA-FEIRA DISCIPLINA BOM QUE DENTRO É SINAL-PRÓPRIO É IMAGEM[?] IX(dedo) MÉDICO2[?] IX(dedo) MÉDICO2[?] e(qualquer)[?] MÉDICO2[?] TRABALHAR SINAL-PRÓPRIO ENSINAR e(positivo) PROBLEMA SAÚDE VELHO SINAL-PRÓPRIO EXPLICAR ADMIRAR[?] É IX(dedo)+ IMAGEM[?] EXPLICAR ENSINAR BOM IX(si) INTERESSAR IX(lá) SINAL-PRÓPRIO É EXEMPLO FUTURO FORMATURA TRABALHAR MÉDICO2[?] PROBLEMA ANCONSELHAR OU VELHO DOENTE AJUDAR OU XXX ANCONSELHAR TUDO IMAGEM[?] TRABALHAR SINAL-PRÓPRIO É PROFISSIONAL É
TC	00:06:51.930 - 00:07:34.120

Adult1 second hand	LISTA-UM_ LISTA-DOIS
TC	00:07:01.910 - 00:07:04.150

Adult1 second hand	LISTA-UM LISTA-DOIS LISTA-TRÊS
TC	00:07:13.900 - 00:07:15.110

Adult1 LSB utterance	e(positivo)_//
TC	00:07:37.610 - 00:07:40.050

Adult1 LSB	TUDO INTERPRÉTE SIM MAS2[?] DIFERENTE
-------------------	---------------------------------------

utterance	EXEMPLO TROCAR PODER-NÃO SEGUNDO INTERPRÉTE CONTINUAR DOIS TRÊS QUATRO CINCO OUTRO MULHER INTERPRÉTE CONTINUAR DOIS TRÊS QUATRO
TC	00:07:40.140 - 00:07:52.790

Adult1 LSB utterance	g(sim) SIM DIFÍCIL SIM INTERPRÉTE EXEMPLO ENCONTRAR COPIAR COMO IX(pessoa) DV(cegar-fechar-olhos) IX(si) É VER CONHECER XXX PESSOALMENTE COPIAR PROFESSOR POSS(ele) RESPONDER PROFESSOR//
TC	00:08:14.090 - 00:08:29.710

Adult1 LSB utterance	EXEMPLO INTERPRÉTE TRABALHAR COPIAR INTERPRÉTE SABER-NÃO IX(si) TRABALHAR IX(si) RESPONSÁVEL POSS(eu) RESPONSÁVEL POSS(eu) e(deixa-para-lá) POSS(eu) RESPONSÁVEL TRABALHAR COPIAR COMO TER CRIANÇA2[?] GRUPO g(huh) PERGUNTAR COPIAR QUE PROFESSOR DISCIPLINA QUE g(chamar) AJUDAR ESCREVER PALAVRA2[?] COPIAR e(positivo) OBRIGADO DV(descendo) IX(si) MOSTRAR COPIAR FALTA-DE-COMUNICAÇÃO DV(quadrado) FÁCIL2[?] PEDIR CRIANÇA[?] COPIAR DV(pegar-papel-mostrar) IX(mão-direita) MULHER SABER COPIAR FÁCIL2[?] DAR TAMBÉM DV(pessoa-tamanho-alto) IX(si) PERGUNTAR IX(si) AJUDAR MULHER FAZER DV(quadrado) NÚMERO UM DOIS TRÊS PRONTO[?] SINAL-PRÓPRIO TER DV(lista-papel) FÁCIL2[?] IX(lá) OUVIR DV(andando-dando-volta) IX(lá) OUVIR e(positivo) DV(andando-dando-volta) COPIAR DAR FÁCIL2[?] ESCOLHER ANTES VÁZIO IX(si) FALTA-DE-COMUNICAÇÃO IX(si) PENSAR IX(si) AVISAR DV(lista-papel) MULHER OUVIR MELHOR2[?] IX(si) MELHORIX(aquilo) PRONTO[?] CERTIFICADO[?] IR-EMBORA
TC	00:08:29.850 - 00:09:28.290

Adult1 second hand	TER-NÃO
---------------------------	---------

TC	00:09:17.735 - 00:09:19.025
----	-----------------------------

Adult1 LSB utterance	SÓ COPIAR SÓ PEDIR[?] SÓ FS(ru) IX(si) COMER IX(si) NUNCA ANTES PRIMEIRO IX(si) SABER-NÃO PALAVRA2[?] NUNCA SABER-NÃO NOME COMO IX(si) PERGUNTAR TER CRIANÇA2[?] SINAIS POUCO SINAIS TER PERGUNTAR FS(ru) QUE IX(ela) MULHER TRABALHAR FS(ru) POSS(ela) MULHER TRABALHAR FS(ru) POSS(ela) SABER SINAIS POUCO POSS(ela) TRABALHAR XXX IX(si) GRUPO PERGUNTAR FS(ru) IX(si) SABER-NÃO IX(si) FAZER AJUDAR DV(mudar-lugar) IX(si) IX(ela) FAZER PRONTO[?] ABRIR DV(mudar-lugar-dar) OBRIGADO FALAR AJUDAR e(positivo) OBRIGADO DEPOIS2 COMO PERGUNTAR COMEÇAR g(huh) PAGAR SEMANA EXPLICAR ENTENDER IX(si) APRENDER PRIMEIRO DEPOIS2 TENTAR ACOSTUMAR2 MELHOR2 ENTENDER
TC	00:09:35.590 - 00:10:20.230

Adult1 LSB utterance	e(positivo)+ INTERPRÉTE PESSOA3[?] PROFESSOR FALAR SÓ IX(si) VER ENTENDER IX(si) g(não) ENTENDER g(não) IX(si) SILÊNCIO FALAR2 CRIANÇA2[?] FALAR2 ESPERAR DEPOIS PODER INTERVALO OU PERGUNTAR g(chamar) QUE g(não) ENTENDER AVISAR+ e(positivo) ENTENDER CLARO OK DEPOIS INTERVALO VONTADE INTERESSAR PROFESSOR SENTAR CONVERSAR2 PERGUNTAR MULHER AJUDAR INTERVALO DESCULPA COMEÇAR SENTAR ESTUDAR e(positivo) TER IX(si) g(não) ENTENDER IX(ele) PERGUNTAR//
TC	00:10:47.790 - 00:11:23.340

Adult1 LSB utterance	INTERVALO PARECER COMER INTERVALO COMER INTERVALO QUINZE MINUTOS QUINZE MINUTOS DEZ MINUTOS MAIS-OU-MENOS NOITE ESTUDAR NOITE g(então)
TC	00:11:23.475 - 00:11:33.515

Adult1 LSB utterance	PROFESSOR FALAR2 IX(si) SABER VONTADE PERGUNTAR PORQUE FALAR2 PERDER NÃO MELHOR INTERVALO SENTAR FÁCIL2 PERGUNTAR EXPLICAR CLARO e(positivo) FÁCIL//
TC	00:11:33.940 - 00:11:47.415

Adult1 LSB utterance	e(esperar) AUDITÓRIO[?] IX(eles) CRIANÇA2[?] ESTUDAR ONDE e(positivo) SENTAR PROFESSOR FALAR+ IX(ele) SENTAR INTERPRÉTE IX(si) ESPERAR IX(si) VONTADE PERGUNTAR PODER-NÃO FALAR2 IX(ele) CRIANÇA2[?] PERGUNTAR DIFÍCIL e(então) MELHOR CONSEGUIR INTERVALO CONSEGUIR MELHOR IX(si) ESPERAR FIM COMER IR-EMBORA2[?] IX(si) PERGUNTAR APROVEITAR PROFESSOR APROVEITAR PERGUNTAR COMO CONVERSAR2 ENTENDER CLARO TAMBÉM XXX CRIANÇA2[?] PERGUNTAR FALTA-DE- COMUNICAÇÃO[?]+ g(huh) ESCREVER DAR ESCREVER DAR TAMBÉM INTERPRÉTE g(chamar) TROCAR QUE ENTENDER e(positivo) e(apenas)
TC	00:11:48.350 - 00:12:23.680

Adult1 LSB utterance	PRECISAR PONTO[?] IX(si) AMOR INTERESSAR PRECISAR PERGUNTAR COMPARAR PROBLEMA QUE DISCIPLINA QUE LEMBRAR SINAL XXX MÉTODO XXX COMO PERGUNTAR TAMBÉM PROVA DIA PERGUNTAR COISA g(sim)
TC	00:12:24.620 - 00:12:39.200

Adult1 LSB utterance	IX(si) PARECER INTERESSAR NÃO PRECISAR RESPONSÁVEL PESSOA3 PRECISAR TRABALHAR PESQUISAR COMPARAR PRECISAR CORAGEM FALTA-DE-COMUNICAÇÃO[?] IX(si) PACIÊNCIA PESQUISAR PRECISAR MULHER TUDO2 TAMBÉM ESCREVER[?] AMOR TUDO3 ESQUECER2[?] NÃO TROCAR g(chamar) ANTES COMEÇAR PRIMEIRO+ PROFESSOR ANCONSELHAR PODER-NÃO
---------------------------------	---

	ESQUECER2[?] SEPARAR NÃO DV(tudo-junto) INTERGRAR IX(si) IMPRESSIONAR[?] LEGAL PROFESSOR ANCONSELHAR IX(si) MELHOR DV(tudo-junto) MELHOR TROCAR SEMPRE
TC	00:12:43.060 - 00:13:15.580

Adult1 LSB utterance	e(positivo)
TC	00:13:26.285 - 00:13:26.975

Adult1 LSB utterance	e(positivo)
TC	00:13:29.755 - 00:13:30.825

Adult1 LSB utterance	COMO TRABALHAR GRUPO e(positivo) ASSUNTO GRUPO CRIAR PROFESSOR IX(lá) ESCOLHER GRUPO CINCO GRUPO SINAIS TER-NÃO IX(si) DECEPCIONAR[?] IX(mão-esquerda) IX(si) SURDO UM COMO OUVIR FALTA-DE-COMUNICAÇÃO IX(si) TRABALHAR MELHOR FÁCIL2[?] EMAIL TRABALHAR OUVIR e(positivo) ESCREVER TROCAR INTERPRÉTE TER-NÃO CASA LONGE EMAIL IX(si) BOTAR g(computador) EMAIL FALTA-DE-COMUNICAÇÃO OUVIR+ FALAR PRIMEIRO SURDO DIFERENTE DV(palavras-trocadas) OUVIR g(não) ENTENDER DEPOIS2 ENCONTRAR ENTENDER DEPOIS INTERPRÉTE CONTAR SURDO PRÓPRIO LÍNGUA OUVIR ENTENDER DEPOIS CONVERSAR2[?] OUVIR ACOSTUMAR DV(palavras-trocadas) PRÓPRIO OUVIR ACOSTUMAR DEPOIS2 TRABALHAR TAMBÉM XXX EMAIL XXX TRABALHAR g(computador) TEXTO EMAIL PRONTO DEPOIS2 GRUPO ENTENDER e(positivo) OUVIR ÓTIMO3 EMAIL ENTENDER ÓTIMO3 DEPOIS MOSTRAR GRUPO IX(si) UM DOIS TRÊS IX(si) SEMPRE PRIMEIRO COMEÇAR PALESTRA IX(si) SEMPRE+ GRUPO COMEÇAR PALESTRA OUVIR ÓTIMO3 e(positivo) GRUPO ENTENDER TROCAR e(positivo)
TC	00:13:31.770 - 00:14:45.190

Adult1 second hand	QUATRO
TC	00:13:44.280 - 00:13:44.720

Adult1 LSB utterance	TAMBÉM GRUPO É XXX XXX PROFISSIONAL[?] e(tanto-faz) DV(ir-todo-lugar) CURIOSO HOSPITAL FS(capes)+ CONHECER IX(você) CENTRO EXPERIÊNCIA SAÚDE ÁREA IX(isso) ENTRAR PORQUE IX(si) GRUPO INTERPRÉTE TER-NÃO+ NADA2 TROCAR ESCREVER DAR CURIOSO MAS VIDÊO IX(si) TRABALHAR OUVIR ENTENDER TROCAR PRONTO IX(si) IR-EMBORA+ CASA TRABALHAR e(computador) PRONTO[?] EMAIL IX(ele) ESCOLHER RESUMIR TEXTO DAR ÓTIMO3 GRUPO FALTA-DE-COMUNICAÇÃO NADA2 TROCAR FALTA- DE-COMUNICAÇÃO TER LUTAR[?] TROCAR DEPOIS2 ACOSTUMAR
TC	00:14:46.240 - 00:15:34.180

Adult1 LSB utterance	PARECER ENTRAR NÃO TROCAR2[?]+ PROFESSOR PRECISAR IX(nós) ACOSTUMAR CONTATO SURDO PRECISAR
TC	00:15:34.395 - 00:15:42.135

Adult1 LSB utterance	PROFESSOR PROVOCAR PARECER SEMPRE GRUPO NÃO TROCAR2[?]+
TC	00:15:44.315 - 00:15:48.745

Adult1 LSB utterance	e(positivo) PRIMEIRO XXX DOUTORADO XXX XXX DOUTORADO XXX DOUTORADO POSS(ele) PERGUNTAR PODER LIVRE INTERPRÉTE PRECISAR NÃO IX(si) SOZINHO PROFESSOR PODER LIVRE IX(si) CONSEGUIR LIVRE e(positivo) ANTES g(sim) e(positivo) IX(si) LIVRE e(positivo)+ OK IX(nós) PROFESSOR SABER DISCIPLINA IX(ele) AVISAR RESPONSÁVEL AVISAR RESPEITAR e(positivo) LIVRE CERTO DEPOIS ASSUNTO[?] PROVA DV(dar-papel) DIFÍCIL PORQUE ESCREVER
-----------------------------	--

	<p>CONSEGUIR ESCREVER SABER PALAVRA2 MAS VERBO FS(doéno) DIFÍCIL PALAVRA2+ IX(você) PRECISAR CUIDADO DV(dar-papel) IX(si) SINAIS IX(si) PRECISAR DV(pegar-papel) IX(si) LER ÓTIMO3 IX(si) AJUDAR SINAIS PRONTO[?] DV(dar-papel) PROFESSOR DV(pegar-papel) IX(ele) CÁLCULO</p>
TC	00:16:02.840 - 00:16:55.400

Adult1 LSB utterance	<p>NÃO SENTAR INTERPRÉTE PESSOA2 IX(si) DV(dar-papel) MULHER INTERPRÉTE IX(ele) ESCREVER IX(si) SINAIS IX(ela) MULHER OUVIR INTERPRÉTE ESCREVER IX(si) VER DV(pegar-papel) LER ENTENDER ÓTIMO3 IX(si) IX(papel-imaginário) IX(si) TER-NÃO2 PENSAR IX(papel-imaginário) ESQUECER PENSAR BOTAR PENSAR PRECISAR LER PRONTO DV(dar-papel) ÓTIMO3 e(positivo) OBRIGADO e(acabar) DV(dar-papel) e(apenas)</p>
TC	00:16:58.890 - 00:17:25.320

Adult1 LSB utterance	<p>e(positivo) PAPEL2[?] PESSOA2 É IX(si) ESTUDAR IX(si) CRIANÇA2[?] IX(ela) MULHER INTERPRÉTE É TRABALHAR IX(ela) TRABALHAR SÓ AJUDAR TAMBÉM PALAVRA2 ENSINAR IX(si) RESPONSÁVEL TRABALHAR PAPEL2[?] IX(si) PESSOA2 IX(si) LER PRECISAR PERCEBER PRECISAR DE-NOVO+ IX(ela) SÓ AJUDA PORQUE PROFESSOR IX(professor) PROFESSIONAL[?] PAPEL2 AVISAR IX(si) SURDO AVISAR IX(ela) ENSINAR IX(si) DV(inteligência-crescendo) IX(ela) TRABALHAR INTERPRÉTE IX(professor) AVISAR+ IX(si) APRENDER ESTUDAR IX(si) ESTUDAR IX(si) CRIANÇA2[?] ENTENDER</p>
TC	00:18:00.520 - 00:18:34.770

Adult1 LSB utterance	<p>IX(ele) LIVRE PROFESSOR LIVRE IX(si) PORQUE IX(si) PRIMEIRO ANTES AVISAR DOUTORADO CONVERSAR DISCUTIR DOUTORADO XXX POSS(ele) RESPONSÁVEL PARECER POSS(ele)</p>
TC	00:18:55.600 - 00:19:06.820

Adult1 LSB utterance	XXX XXX IX(si) PERGUNTAR LIVRE É AVISAR PROFESSOR e(positivo) RESPEITO SURDO LIVRE e(positivo)
TC	00:19:06.890 - 00:19:15.350

Adult1 LSB utterance	PROIBIR NUNCA LIVRE+ e(positivo)
TC	00:19:15.725 - 00:19:18.575

Adult1 LSB utterance	UM SURDO RESPEITO IX(ele) AMOR e(positivo)
TC	00:19:18.725 - 00:19:21.335

Adult1 LSB utterance	PROBLEMA NADA PROBLEMA NADA2 PROBLEMA PROIBIR NADA NORMAL SÓ PRECISAR SÓ PEDIR PRECISAR PEDIR INTERPRÉTE PEDIR PROVA
TC	00:19:22.785 - 00:19:33.745

Adult1 LSB utterance	COMO PROFESSOR PODER LIVRE PRECISAR ANTES SEMPRE
TC	00:19:33.820 - 00:19:37.180

Adult1 LSB utterance	e(positivo)
TC	00:19:55.935 - 00:19:56.925

Adult1 LSB utterance	e(positivo) IX(si) NASCER PRIMEIRO IX(lá) CIDADE XXX IX(lá) INCLUSÃO TER-NÃO INCLUSÃO SURDO PRÓPRIO TER-NÃO INCLUSÃO OUVIR IX(si) DV(tamanho-pequeno) IDADE CINCO SOFRER MUITO NOJO[?] IX(si) PARAR IDADE SEIS PARAR IX(si) DIVERSÃO ARÉA XXX FAMÍLIA FS(c) DV(família-espalhada) IX(si) APRENDER SABER-NÃO PESSOA2 SURDO IX(si) SABER-NÃO NADA PERDIDO[?] SABER-NÃO PARECER e(tanto-faz) TEIMOSO2 HORRÍVEL VIDA PESSOA2 e(tanto-faz) HORRÍVEL
-----------------------------	--

	<p>g(apenas) TAMBÉM XXX POUCO TAMBÉM XXX g(apenas) MUITO SOFRER FAMÍLIA SOFRER DEPOIS2 CRESCER MAIS-OU-MENOS MIL- NOVECENTO-NOVENTA-CINCO MUDAR MIL- NOVECENTO-NOVENTA-CINCO MIL-NOVECENTO- NOVENTA-CINCO SINAL-PRÓPRIO MUDAR AINDA PARECER INCLUSÃO ESCOLA IX(si) SOFRER DEPOIS2 LUGAR OUVIR LUGAR ESPECIAL TER SINAIS MAS FRACO PENSAR ÁREA DIFÍCIL PARECER MAIS-OU-MENOS MENTAL PARECER MAIS-OU-MENOS SENTAR ENSINAR PARECER COLAR PARECER IX(si) PERDIDO[?] IX(si)+ ESTUDAR INTERESSAR NÃO IX(si) AMOR ÁREA SURDO CONVERSAR2 INTERESSAR SÓ SINAIS SÓ SINAIS IX(si) GRUPO TAMBÉM PROBLEMA PROFESSOR ENCHER[?] ENTENDER IX(ele) IX(si) SOFRER DEPOIS CRESCER MAIS-OU-MENOS MELHOR2 CRESCER IDADE MAIS-OU-MENOS CARTOZE QUINZE IX(lá) COMEÇAR DOIS-MIL CRIAR ESCOLA SURDO PRÓPRIO OUTRO SURDO HOMEM VIR PASSEAR2[?] TAMBÉM MULHER CRIANÇA2[?] TAMBÉM IX(lá) CHEFE PASSEAR2[?] INCLUSÃO HORRÍVEL IX(si) SOFRER PRECISAR CRIAR POVO LUTAR CRIAR IX(si) PERDIDO[?] SABER-NÃO IX(si) ESCOLHER COMEÇAR DOIS-MIL-UM ORIGINAL[?] SURDO IX(si) VIR SENTIR NADA2 FELIZ SABER-NÃO SINAIS IX(si) DV(abrir-olhos) ANIMAR2[?] SINAIS PRÓPRIO IX(si) MUITO FELIZ IX(si) ENTRAR MORRER NADA IX(si) ENTRAR INTERESSAR2[?] IX(si) CONTATO TAMBÉM PESSOA3 AMOR MULHER HOMEM CONVERSAR3 PROFESSOR PESSOA2 INTERESSAR2[?] PESQUISAR IX(si) DESENVOLVER[?] BOM É PESSOA2[?] PAPEL2[?] PESSOA2[?] PROFESSOR PAPEL2[?] PESSOA2 BOM PARECER DV(pegar-mãos-pulsos-bochechas) ENSINAR É EDUCADO DV(pegar-mãos) e(positivo) SIM XXX DV(pegar-mão) FS(fatos) CONHECER FS(fato) PARECER DV(pegar-mão) APRENDER ENSINAR PESSOA2 IX(si) DESENVOLVER[?] É SINAL-PRÓPRIO É CRIAR ENSINAR IX(si) MUDAR É EDUCADO MELHOR COISA TER ENSINAR APRENDER IX(si) MUDAR MELHOR É DOIS-MIL-NOVE É XXX IX(si)</p>
--	---

	<p>FORMATURA IX(si) MUITO FELIZ IX(si) MUDAR MAS2[?] SINAL-PRÓPRIO BOM IX(ele) LEMBRAR HORRÍVEL e(negativo) EDUCADO SINAL-PRÓPRIO+ e(positivo) POSS(eu) VIDA DV(tamanho-pequeno) BOM IX(ele) LEMBRAR HORRÍVEL IX(si) ENSINAR IX(si) SABER-NÃO DV(tamanho-pequeno) SABER NÃO SINAL-PRÓPRIO ENSINAR IX(si) EMOÇÃO IX(si) SENTIR MUITO CHORAR BOM IX(ele) LEMBRAR VIDA HORRÍVEL SINAL-PRÓPRIO AGORA MUDAR MELHOR2 POR-ISSO SINAL-PRÓPRIO ENSINAR EDUCADO IX(si) MELHOR2 IX(si) DOIS-MIL-DEZ XXX XXX IX(si) PASSAR e(positivo) OBRIGADO É TAMBÉM INTERPRÉTE TAMBÉM OBRIGADO TAMBÉM PROFESSOR ENSINAR OBRIGADO TUDO MUITO OBRIGADO IX(si) MUITO XXX FELIZ XXX FACULDADE</p>
TC	00:19:57.805 - 00:23:21.840

Adult1 LSB utterance	<p>AGORA TER VÁRIOS[?] SURDO TER MUITO ESCONDER MUITO AINDA[?] AGORA PENSAR PRONTO TER-NÃO AINDA MUITO ESCONDER MAS VELHO IDADE ATRASAR DV(pessoa-chegar) JÁ CINQUENTA-CINCO ACREDITAR NADA2 SORTE DV(tamanho-pequeno) VIR MUITO XXX MUITO BRASIL ÁREA MUITO DIFÍCIL</p>
TC	00:23:25.980 - 00:23:46.670

Adult1 LSB utterance	<p>PORQUE PARECER MAIS-OU-MENOS PARECER EXEMPLO PORTUGAL MIL-QUIENTOS PORTUGAL EXEMPLO PORTUGAL PEGAR PENSAR PEGAR BRASIL DEMORAR TECNOLOGIA TER-NÃO PENSAR EXEMPLO IX(si) OPINIÃO EXEMPLO MIL-QUIENTOS PORTUGAL IX(lá) PEGAR ÍNDIO ESMAGAR FORA PENSAR FORA ESMAGAR DEPOIS2 MIL-OITOCENTO TECNOLOGIA TER-NÃO TECNOLOGIA DEMORAR XXX TECNOLOGIA DOIS-MIL MELHOR PARECER SURDO PARECER IX(eles) ATRASAR SINAL-PRÓPRIO COMEÇAR DOIS-MIL-UM NOVO DOIS-MIL-UM NOTÍCIA MAIORIA JÁ AGORA DOIS-MIL-ONZE JÁ DEZ ANOS SINAL-PRÓPRIO DEZ ANOS</p>
-----------------------------	---

	SURDO JÁ MAIORIA MAIS-OU-MENOS CRIANÇA2[?] CENTO-CINQUENTA+ MAIS-OU-MENOS MAIORIA e(positivo) MAIS2 DEMORAR VIR DIFÍCIL NÃO ACEITAR DV(deixar-eles-lá) DIFÍCIL
TC	00:23:49.505 - 00:24:46.980

Adult1 LSB utterance	IX(si) PERCEBER IX2(vocês) IX(si) SINAIS CONTAR VER SENTIR EMOÇÃO IX(si) PERCEBER
TC	00:24:54.170 - 00:24:59.930

Adult1 LSB utterance	BOM VIDA CONTAR É XXX BOM
TC	00:25:02.530 - 00:25:06.150

Adult1 LSB utterance	IX(si) JÁ MULHER ENTREVISTA JÁ MUITO PRIMEIRO SEGUNDO TERCEIRO QUATRO TAMBÉM XXX MULHER ENTRAR IX(si) MUITO IX(si) CONTAR MULHER SENTIR MUITO PARECER IGUAL e(positivo)
TC	00:25:07.935 - 00:25:18.975

Adult1 LSB utterance	IX(si) AMOR ENTREVISTA IX(si) PROIBIR NÃO IX(si) AMOR LIVRE BOM IX(si) INCENTIVAR[?] CONTAR PARECER NOTÍCIA PARECER XXX PENSAR NOTÍCIA POVO ESPALHAR BOM MOSTRAR SURDO PARECER XXX NOTÍCIA PROVAR PARECER BOM COPIAR IX(todos) OUVIR CONHECER MUITO CULTURA PESSOA2 PODER PARECER IX(nós) SURDO CULTURA RESPEITO CONTAR IX(eles) ENTENDER e(positivo)
TC	00:25:21.840 - 00:25:49.510

Adult1 LSB utterance	NADA2
TC	00:25:58.715 - 00:26:00.455

Adult1 LSB utterance	e(positivo)
TC	00:26:02.620 - 00:26:03.270

Adult1 LSB utterance	BOM NADA2 BOM PRAZER EMOÇÃO VIDA CONTAR IX(vocês) BOM XXX CONHECER PRAZER IX(vocês)
TC	00:26:03.460 - 00:26:11.470

Adult1 LSB utterance	IX(si) MUITO OBRIGADO IX(vocês) XXX
TC	00:26:12.490 - 00:26:15.690

Adult1 LSB utterance	e(positivo)
TC	00:26:21.495 - 00:26:22.515

Adult1 LSB utterance	NADA2
TC	00:26:24.995 - 00:26:26.185

Adult1 LSB utterance	IX(si) PENSAR DIFÍCIL CONTATO PRIMEIRO UM SE CONTATO SINAL DAR
TC	00:26:27.205 - 00:26:31.825

Adult1 LSB utterance	AGORA PEDAGÓGIA IX2(vocês) JUNTO IX2(vocês)
TC	00:26:36.165 - 00:26:40.295

Adult1 LSB utterance	PENSAR QUE IX(pessoa)
TC	00:26:43.680 - 00:26:44.880

Adult1 LSB utterance	AJUDAR É AJUDAR É IX(pessoa)
TC	00:26:48.390 - 00:26:50.900

Adult1 LSB utterance	BOM LEGAL
TC	00:26:51.910 - 00:26:53.030

Adult1 LSB	FS(to) FS(tc) TRABALHAR MUITO TRABALHAR
-------------------	---

utterance	FS(to) TRABALHAR LER IX(pessoa)
TC	00:26:54.100 - 00:26:59.150

Adult1 LSB utterance	É ATÉ DEZEMBRO FORMATURA É IX(pessoa)
TC	00:27:17.520 - 00:27:20.680

Adult1 LSB utterance	BOM SORTE FORMATURA e(positivo) FELIZ e(positivo)
TC	00:27:20.775 - 00:27:23.905

Adult1 LSB utterance	BOM XXX BOM SORTE TAMBÉM BOM/ FS(tcc) BOM MOSTRAR ORGANIZAR BOM SORTE MOSTRAR DEPOIS DEZEMBRO TOMARA[?] BOM SORTE e(positivo)
TC	00:27:25.990 - 00:27:36.630

Adult1 LSB utterance	g(apenas) e(positivo) PRECISAR AUTORIZAÇÃO IX(isso)_
TC	00:27:40.905 - 00:27:45.085

Adult1 LSB utterance	e(positivo)
TC	00:27:50.000 - 00:27:50.820

V5

Professor LSB

DIA	
TC	00:00:00.000 - 00:00:00.930

Professor LSB	BOM DIA g(não)
TC	00:00:02.500 - 00:00:04.650

Professor LSB	DIA g(não)
TC	00:00:04.650 - 00:00:06.430

Professor LSB	IX(lado-esquerdo)
TC	00:00:06.750 - 00:00:08.430

Professor LSB	DIA
TC	00:00:09.185 - 00:00:11.335

Professor LSB	g(sim)
TC	00:00:11.335 - 00:00:13.435

Professor LSB	AGORA INTÉRPRETE IX(ele)
TC	00:00:16.300 - 00:00:20.930

Professor LSB	INTÉRPRETE TAMBÉM FIM FECHAR-PORTA AULA LER COMO CONVERSAR
TC	00:00:20.930 - 00:00:27.950

Professor LSB	TAMBÉM IX(ela)+ MULHER FILMAR-ME ATRAPALHAR NINGUÉM SALA
TC	00:00:27.980 - 00:00:34.100

Professor LSB	FILMAR-ME DELA PESQUISA DELA TRADUÇÃO VOZ LÍNGUA-SINAIS e(positivo)
TC	00:00:34.100 - 00:00:39.690

Professor LSB	IX2(eles)
TC	00:00:39.720 - 00:00:40.590

Professor	AGORA IX(nós) IX(si) PROVA SEMANA PASSADO VER
------------------	---

LSB	DV(folhar-páginas)
TC	00:00:41.810 - 00:00:49.960

Professor LSB	g(sim)
TC	00:00:49.970 - 00:00:50.840

Professor LSB	IX(vocês) MUITO ERRAR
TC	00:00:50.840 - 00:00:53.680

Professor LSB	ALGUNS PORQUE CONFUNDIR PALAVRA+ SINAL CONTROLAR
TC	00:00:53.695 - 00:00:58.740

Professor LSB	TAMBÉM CONFIGURAÇÃO CONFUNDIR TROCAR
TC	00:00:58.740 - 00:01:02.220

Professor LSB	MUITO ERRAR VER DV(folhar-páginas) IX(você)
TC	00:01:02.230 - 00:01:04.790

Professor LSB	IX(si) SABER
TC	00:01:04.800 - 00:01:06.180

Professor LSB	IX(vocês) ENTENDER
TC	00:01:06.185 - 00:01:07.600

Professor LSB	IX(si) SABER IX(vocês) SABER
TC	00:01:07.600 - 00:01:09.190

Professor LSB	INOCENTE SABER
TC	00:01:09.200 - 00:01:10.220

Professor LSB	MAS CONFUNDIR TEMPO
TC	00:01:10.235 - 00:01:12.375

Professor LSB	DEPOIS DAR DEPOIS DAR PROVA DISTRIBUIR
TC	00:01:12.390 - 00:01:15.850

Professor LSB	AGORA DISTRIBUIR
TC	00:01:15.865 - 00:01:17.720

Professor LSB	TAMBÉM SOMAR FECHAR AINDA-NÃO
TC	00:01:17.720 - 00:01:21.520

Professor LSB	PROVA MAIS FALTAR OUTRO+ SOMAR
TC	00:01:21.535 - 00:01:24.910

Segunda Mão	DOIS
TC	00:01:22.430 - 00:01:22.960

Professor LSB	MAS IX(sj) AVISAR IX(vocês) PASSAR ACABAR
TC	00:01:24.910 - 00:01:27.700

Professor LSB	e(positivo)
TC	00:01:27.700 - 00:01:28.520

Professor LSB	OLHAR FS(media) DV(olhar-papéis) SOMAR NADA NOTA e(negativo) I
TC	00:01:28.545 - 00:01:32.635

Professor LSB	e(positivo) CLARO
TC	00:01:32.635 - 00:01:33.905

Professor LSB	TRABALHAR AGORA EMAIL ATÉ SEXTA-FEIRA PODER
TC	00:01:36.850 - 00:01:41.550

Professor LSB	ATÉ SEXTA-FEIRA e(positivo)
TC	00:01:41.560 - 00:01:43.430

Professor LSB	ALGUNS PEDIR+ IX(vocês) PEDIR DAR SEXTA e(positivo)
TC	00:01:43.530 - 00:01:47.250

Professor LSB	PROBLEMA
TC	00:01:47.255 - 00:01:47.665

Professor LSB	SABER DV(desespero) OUTRO DISCIPLINA+ FIM SEMESTRE
TC	00:01:47.715 - 00:01:51.535

Professor LSB	ENTENDER CERTO
TC	00:01:51.700 - 00:01:52.520

Professor LSB	PERGUNTA AGORA
TC	00:01:52.845 - 00:01:54.255

Professor LSB	QUER FAZER PERGUNTA
TC	00:01:54.265 - 00:01:55.815

Professor LSB	IX(vocês) COMO IX(vocês) SENTIR IX(aqui) CURSO
TC	00:01:55.825 - 00:02:01.125

Professor LSB	COMO SENTIR IX(você) LÍNGUA-SINAIS
TC	00:02:01.310 - 00:02:03.390

Professor LSB	QUAL INTERAÇÃO EXPERIÊNCIA COMO SENTIR
TC	00:02:03.390 - 00:02:07.830

Professor LSB	BOM POSITIVO
TC	00:02:07.870 - 00:02:09.570

Professor LSB	MELHOR SUA VIDA INTERNO-SI
TC	00:02:09.705 - 00:02:12.025

Professor LSB	FS(ou) DIFERENTE
TC	00:02:12.310 - 00:02:14.130

Professor LSB	QUAL NINGUÉM CURIOSO ASSISTIR
TC	00:02:14.375 - 00:02:17.055

Segunda Mão	DOIS
TC	00:02:17.120 - 00:02:17.660

Professor LSB	IX(dedo-maior) PENSAR OBJETIVO PESQUISAR PERSQUISAR2 PRÓPRIO2 LÍNGUA-SINAIS
TC	00:02:17.120 - 00:02:21.050

Professor LSB	SABER-NÃO g(como)
TC	00:02:21.090 - 00:02:21.910

Professor LSB	IX(si) VONTADE ASSISTIR INDIVÍDUO+
TC	00:02:21.945 - 00:02:24.395

Professor LSB	PODE CONVERSAR-COMIGO
TC	00:02:24.425 - 00:02:25.840

Professor LSB	TER INTÉRPRETE IX(ele) LÍNGUA-SINAIS PROBLEMA g(não) PREOCUPAR e(positivo)
TC	00:02:25.840 - 00:02:29.580

Professor LSB	ANDAR IX(ali)
TC	00:02:33.420 - 00:02:34.900

Professor LSB	IX(você) DV(ver-fora-ver-dentro)
TC	00:02:35.795 - 00:02:38.515

V8

Professor LSB	IX(aqui) DEFENDER SURDO PROFESSOR LÍNGUA SINAIS PRINCIPAL2 FS(preferência) PRINCIPAL PRINCIPAL2 LÍNGUA SINAIS FS(nativo) POSS(si) LÍNGUA SINAIS
TC	00:00:02.770 - 00:00:11.210

Segunda Mão	IX(si)
TC	00:00:09.725 - 00:00:10.425

Professor LSB	PRINCIPAL2 DOIS FS(priv) OUVIR LÍNGUA SINAIS ASSUMIR2
TC	00:00:11.770 - 00:00:16.600

Professor LSB	CLARO ENTENDER IX(nós) VER g(absorver) g(ansiedade) g(absorver) IX(ele) CULTURA POSS(dele) PRÓPRIA g(sim)
TC	00:00:16.790 - 00:00:23.920

Professor	ENTENDER g(absorver) TANTO-FAZ OUTRO LÍNGUA
------------------	---

LSB	IX(ele) INGLÊS FRANCÊS PODER CULTURA PESQUISAR PODER PRÓPRIO2 PESQUISAR MAIS COISAS IX(ele) DIRETO
TC	00:00:23.920 - 00:00:34.180

Professor LSB	IX(dedo-maior) CERTO BRASIL MAIOR PROFESSOR LÍNGUA SINAIS SURDO g(sim)
TC	00:00:34.180 - 00:00:39.410

Segunda Mão	DOIS
TC	00:00:34.190 - 00:00:34.750

Segunda Mão	UM
TC	00:00:38.085 - 00:00:39.395

Segunda Mão	DOIS
TC	00:00:39.410 - 00:00:41.910

Professor LSB	OUVIR TER
TC	00:00:39.730 - 00:00:41.220

Professor LSB	OUVIR PRECISAR FLUENCIA PRECISAR
TC	00:00:41.240 - 00:00:43.180

Professor LSB	PRECISAR GRUPO+ COMUNIDADE SURDA OBRIGAR
TC	00:00:43.205 - 00:00:45.845

Professor LSB	ADIANTAR-NÃO PROFESSOR APRENDER SINAIS ENTENDER SINAIS APRENDER OK ENSINAR
TC	00:00:45.860 - 00:00:51.930

Professor LSB	g(absorver) PORQUE INTERIOR CULTURA IDENTIDADE RELAÇÃO DENTRO COMUNIDADE TODOS PRECISAR
TC	00:00:52.080 - 00:00:59.480

Professor LSB	POR-ISSO PODER TROCAR[?] ABSORVER CONTEÚDO INTERIOR
TC	00:00:59.970 - 00:01:04.490

Professor LSB	IX(ele) NÃO SÓ CONTEÚDO LÍNGUA-SINAIS
TC	00:01:04.490 - 00:01:07.080

Professor LSB	CONTEÚDO INTERIOR CULTURA, IDENTIDADE INDIVÍDUO RELAÇÃO SIM
TC	00:01:07.080 - 00:01:11.500

V10

Professor LSB	FS(dominio) SABER DV(tamanho-aumentar) LÍNGUA SINAIS QUASE FS(fsemifluencia) TER
TC	00:00:00.030 - 00:00:07.460

Professor LSB	JÁ AJUDAR MUITO
TC	00:00:07.480 - 00:00:08.760

Professor LSB	g(chamar) IX(ele)
TC	00:00:12.290 - 00:00:13.410

Professor LSB	LEO CONHECER
TC	00:00:20.450 - 00:00:22.090

Professor LSB	DEPENDE
----------------------	---------

TC	00:00:41.860 - 00:00:42.460
-----------	------------------------------------

V11**Professor LSB**

IX(ele)	
TC	00:00:01.000 - 00:00:01.780

Professor LSB	FS(renata) g(sim)
TC	00:00:08.470 - 00:00:11.160

Professor LSB	SINAL-PRÓPRIO
TC	00:00:12.690 - 00:00:18.370

Professor LSB	SINAL-PRÓPRIO
TC	00:00:19.850 - 00:00:21.680

Professor LSB	CONHECER
TC	00:00:22.300 - 00:00:23.100

Professor LSB	SINAL-PRÓPRIO SIM CONHECER SIM
TC	00:00:26.710 - 00:00:29.110

V14

Intérprete	JUSTIÇA NÃO-TER	ERRAR VER ENSINAR SURDO INCLUSÃO
TC	00:00:00.550 - 00:00:02.210	00:00:02.230 - 00:00:05.390

Intérprete	ENTÃO EU CORTAR SEMPRE TIRAR BRASIL ASSOCIAÇÃO POSITIVO	ESPERAR PROBLEMA XXX	
TC	00:00:05.420 - 00:00:09.760	00:00:12.940 - 00:00:15.490	
André			NOME EU ANDRÉ
TC			00:00:27.910 - 00:00:29.260

André	ALGUNS JÁ CRIANÇA EU JUNTO MÃE[?] PAI JUNTO	ALGUNS CONHECER NÃO	
TC	00:00:29.280 - 00:00:32.630	00:00:32.630 - 00:00:34.210	

André	EU PROFESSOR DENTRO FACULDADE DENTRO DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO ESPECIAL	FALAR PARECE SEU DENTRO	
TC	00:00:34.480 - 00:00:37.930	00:00:37.970 - 00:00:40.450	

André	PARECER METRÔ[?] DESENVOLVER TREM CL(trem-andar) SEMPRE		
TC	00:00:40.470 - 00:00:43.400		

André	EU COMPLEMENTAR VOCÊ EU GOSTAR PALAVRA USA INCLUSÃO	PEGAR ESSE NÃO- ADIANTA EU PENSAR COMBINAR IGUAL	
TC	00:00:44.330 - 00:00:47.610	00:00:47.610 - 00:00:50.810	

André	SE DT(raro) ÁREA IGUAL PENSAR INCLUSÃO ACONTECER PROBLEMA VERDADE	CONCORDO ASSIM	
TC	00:00:50.810 - 00:00:56.530	00:00:56.560 - 00:00:57.960	

André	AGORA MOVIMENTO COMUNIDADE SURDO MOVIMENTO FORTE MOVIMENTO BRASÍLIA PALÁCIO-PLANALTO
TC	00:00:58.460 - 00:01:05.060

André	POLÍTICA PROPOSTA TROCAR BILÍNGUE ESCOLA PENSAR INFORMAR FIM EU INFORMAR
TC	00:01:05.080 - 00:01:10.980

André	ESSE INCLUSÃO FALAR SEMPRE TROCAR FRASE CONSERTAR VER	MAS SURDO OUTRO IGUAL DIFERENTE+ INCLUSÃO
TC	00:01:13.310 - 00:01:20.960	00:01:20.980 - 00:01:25.640

André	CONHECER VER PERCEBER-ME SURDO VER-ME+ SURDO OUTRO+ CULTURA VER SURDO-CEGO CULTURA NÓS DIFERENTES g(sim)
TC	00:01:25.650 - 00:01:35.830

André	NÃO	BOM COMPLEMENTAR INCLUSÃO COMO
TC	00:01:35.840 - 00:01:37.080	00:01:37.900 - 00:01:40.650

André	SEGUNDO EU ESTUDAR DOUTORADO LINGUÍSTICA INCLUSÃO
TC	00:01:40.700 - 00:01:44.640

André	INTERESSANTE VOCÊ FALAR HISTÓRIA DESENVOLVER AQUI LIVRO[?] DESENVOLVER	HOJE SURDO JÁ AUMENTAR
TC	00:01:44.650 - 00:01:49.840	00:01:49.870 - 00:01:52.980

André	ESCREVER[?] TROCAR CULTURA ESTUDAR CULTURA TAMBÉM IDENTIDADE INDIVÍDUO-ESTE TROCAR+
TC	00:01:53.010 - 00:02:00.170

André	FALAR MOMENTO PERÍODO TAMBÉM ESTUDAR COMO
TC	00:02:00.190 - 00:02:04.620

André	EU FAZER PESQUISAR DOUTORADO LINGUÍSTICA ÁREA LÍNGUA DOIS OUVINTE COMO ADQUIRIR
TC	00:02:04.630 - 00:02:10.310

André	LÍNGUA-SINAIS ADQUIRIR OUVINTE PEGAR LÍNGUA DOIS LÍNGUA LÍNGUA-SINAIS ESTE
TC	00:02:10.340 - 00:02:15.270

André	PORQUE ACHAR IMPORTANTE ESSE APOIAR FUTURO ÁREA RELAÇÃO SURDO OUVINTE INTERAGIR JUNTO
TC	00:02:15.270 - 00:02:23.390

André	PROPOSTA VISÃO-UM-OUTRO CL(rebaixar) LÍNGUA-SINAIS NÃO-SABER FALTA ORGANIZAR CL(rebeixar)
TC	00:02:23.400 - 00:02:30.450

André	NÃO-ADIANTAR SEMPRE VER-ME UM MOVIMENTO UM CL(junto-movimento) MOVIMENTO JUNTO DISCUTIR INTERAGIR g(sim)
TC	00:02:30.480 - 00:02:37.410

André	PERGUNTAR VOCÊ	VOCÊ MOMENTO PERÍODO ESTE COMO CRIAR IDEIA	FACULDADE UFRG DENTRO
TC	00:02:42.200 - 00:02:43.470	00:02:44.960 - 00:02:50.970	00:02:52.730 - 00:02:55.380

André	OUTRO FACULDADE CL(vários-locais)
TC	00:02:55.400 - 00:02:57.340

André	MAS OLHAR PERCEBER OUTRA FACULDADE CL(vários-locais) PARECER CL(padão) OU IGUAL PRÓPRIO UFRGS CRIAR AQUI DESENVOLVER
TC	00:02:57.360 - 00:03:05.120

André	OLHAR INTERAÇÃO EU RELAÇÃO FACULDADE INTERAÇÃO JUNTO NÃO CADÊ	MOMENTO PERÍODO ANTES CADÊ
TC	00:03:05.140 - 00:03:10.270	00:03:10.310 - 00:03:12.860

**ANEXO – Convenções para transcrição de sinais e fala
usando o ELAN (Revisada em JAN/2011), Projeto
Bimodal Bilíngue Bi-nacional (BIBIBI)**

SUMÁRIO

- 1) PAPÉIS DE CADA LINHA**
- 2) CONVENÇÕES USADAS PARA OS SINAIS E A FALA**
- 3) CONVENÇÕES APLICADAS ÀS LINHAS DE SINAIS**
- 4) CONVENÇÕES APLICADAS ÀS LINHAS DA FALA**
- 5) SÍNTESE DAS CONVENÇÕES**

1) PAPÉIS DE CADA LINHA

As linhas especificadas a seguir são repetidas para cada participante em cada sessão.

BP Free Translation (tradução livre para o português brasileiro): tradução da produção em sinais/na fala para o português brasileiro, como interpretado em um dado contexto. A tradução livre pode incluir informações que não estejam explícitas no enunciado, mas que são acrescentadas pelo contexto. Por exemplo, se a criança diz/sinaliza “Chegou” enquanto aponta para o PAI, a tradução deve ser “Papai chegou!”. A tradução pode ser mais completa do que o enunciado, mas não precisa estar no português formal.

A tradução estará frequentemente correspondendo a um falante ou sinalizante do enunciado, mas pode também corresponder a um enunciado produzido em ambas línguas ou a partes em cada língua. Quando os enunciados na LSB e no português estiverem sobrepostos como um enunciado, as duas produções serão traduzidas como um enunciado na trilha de tradução. Por exemplo, se alguém sinaliza “BONECA IX(boneca)” e então fala “é bonita”, o primeiro é na LSB e o segundo na Língua Portuguesa. A tradução será “A boneca é bonita”.

Os símbolos para incerteza sobre o sinal [?] e [=?ALTERNATIVO] (ver convenções usadas para sinais e fala) podem ser usados na tradução livre. Por exemplo, “Eu quero uma maçã[=?cebola].”

English Free Translation (tradução livre para o inglês):
tradução da produção em sinais/na fala para o inglês.

Sign Utterance (enunciado em sinais): Um enunciado sinalizado é representado por uma anotação na linha. Um enunciado refere a uma unidade de sinais/fala que está dividida por pistas prosódicas (e.g. mãos abaixando, pausa significativa, etc.).

Sign Individual (sinais individuais): Cada enunciado sinalizado é subdividido em sinais individuais: isto é tipicamente feito de forma semi-automática pelo ELAN (tokenização da linha do enunciado em sinais), com pontos iniciais/finais ajustados manualmente.

2nd hand (segunda mão): Quando sinais diferentes são produzidos pelas duas mãos simultaneamente, os sinais da mão não-dominante são colocados na linha '2nd hand' (segunda mão), mostrando sua extensão. Não é necessário indicar a mão da segunda mão dos sinais. Quando o sinalizante muda a dominância, esta pode ser indicada na trilha 'pho'. Isso não implica em mudar a transcrição para a segunda mão. Em geral, a trilha da segunda mão é necessária quando há sobreposição simultânea de sinais usando as duas mãos.

Sign pho (fonologia dos sinais): Se alguma coisa incomum acontecer com a estrutura do sinal, colocar a descrição na linha 'sign pho' ("sign pho" ou "2nd hand sign pho", dependendo se o sinal for na linha principal ou na segunda mão). Por exemplo, se CARRO for sinalizado com a configuração de mão A ao invés da configuração S, anotar na linha 'sign pho'. Quando o sinal não está claro (transcrito YYY ou com [?]), acrescente as informações fonológicas na linha 'sign pho' de tal forma que se possa identificar o sinal.

Speech Utterance (enunciado na fala): Um enunciado falado é representado por uma anotação nesta linha.

Speech Individual (palavras individuais): cada enunciado falado é subdividido em palavras individuais: isto é tipicamente feito de forma semi-automática pelo ELAN (tokenização da linha do enunciado em sinais), com pontos iniciais/finais ajustados manualmente.

Speech pho (fonologia da fala): Se a criança usa uma pronúncia incomum, transcrevê-la usando o IPA na linha 'speech pho').

Comment (comentário): Esta é uma linha para qualquer outra coisa que seja considerada relevante mencionar. Se você não estiver seguro sobre alguma coisa, anote nesta linha. Se houver alguma coisa sobre o contexto do vídeo que pode ser útil para o entendimento do discurso, inclua nesta linha. Use esta linha especialmente se você quiser que algo seja revisado por outra pessoa. Neste caso, coloque "checar" no comentário. Procure introduzir os seus comentários, por exemplo "por favor, checar esta anotação – 'jah' ". Desta forma, nós podemos identificar o que segue do comentário, se for necessário. A trilha do comentário deve ser desvinculada da trilha da tradução livre. Isso permite a você incluir comentários que não estejam associados com uma sentença particular.

Feedback: Esta linha é incluída apenas no estágio da revisão. Será usada pelos revisores para anotar mudanças potenciais que os transcritores devem checar.

Mudanças importantes nas linhas:

As seguintes linhas não estão mais incluídas no modelo padrão das transcrições:

Gesture (gesto) (veja abaixo como a produção gestual será transcrita)

Repetition (repetição) (veja abaixo como a repetição no sinal será transcrita)

Eyegaze (direção do olhar)

Eyebrows (sobrancelha)

Head movement (movimento da cabeça)

Mouthing (boca)

Body movement (movimento do corpo)

Action (ação) (colocar qualquer informação relevantes sobre as ações na linha 'comment')

Se alguma informação tornar-se importante por alguma razão específica relacionada com a pesquisa, o pesquisador poderá adicionar esta informação.

2) CONVENÇÕES USADAS PARA OS SINAIS E A FALA

Gerais

Na medida do possível, nós seguiremos as convenções usadas no CHILDES. Para referência, veja o manual do CHILDES: *The CHILDES Project, Part 1: The CHAT Transcription Format*, por Brian MacWhinney, disponível para download em <<http://childes.psy.cmu.edu/manuals/chat.pdf>>.

De acordo com estas convenções, somente nomes próprios são iniciados com letras maiúsculas. A primeira palavra de uma sentença não terá letra maiúscula (exceto nomes próprios).

No entanto, diferente destas convenções, nem os enunciados em sinais e nem na fala serão pontuados.

Tempo

Nós vamos usar uma adaptação dos símbolos do CHILDES para indicar interrupção tanto em sinais, quanto na fala (pelos sinalizantes/falantes ou por outra pessoa) ou quando o enunciado “fica no ar”.

/ significa que um sinal/fala foi interrompido. Por exemplo, se uma pessoa começa a sinalizar QUERER, mas é interrompida por alguém, será usado QUERER/

// é usado para interrupção feita pelo próprio sinalizante/falante.

... significa que o sinal/fala foi interrompida e não completada. Por exemplo, se um sinalizador começa a dizer QUERER, mas “fica no ar” o que ela quer dizer, usar QUERER...

Pausas dentro do enunciado são marcadas por #. Por exemplo, IX(si) QUERER # BISCOITO.

Palavras obscuras (não claras, não identificadas)

Usar [?] quando você tiver quase certeza de que reconhece a palavra, mas não tem absoluta certeza. Por exemplo, GATO DOENTE[?].

Se você tiver quase certeza de que reconhece a palavra, mas percebe que pode ser outra palavra que você também identifica, usar [=?XXX]. Por exemplo, IX(si) QUERER MAÇA[=?CEBOLA], MAÇÃ[=?GIRAFÁ].

Usar YYY quando você não reconhecer a palavra, mas pode oferecer alguma informação fonética. Apresente uma descrição da palavra na trilha 'pho'. Por exemplo,

Trilha do sinal: PRECISAR TRAZER YYY

Trilha 'pho': parece um B batendo no peito

Use XXX quando você não reconhece o que a palavra representa e não tem como apresentar nenhuma informação fonética. Por exemplo, MAMÃE DIZ XXX NUNCA.

NOTA:

Não colocar espaço entre o sinal e as notações acima.

3) CONVENÇÕES APLICADAS ÀS LINHAS DE SINAIS

INSTRUÇÕES para criar uma anotação na linha Sign Utterance (enunciado em sinais):

Quando a anotação do enunciado deve começar:

- a. quando a mão começa a formar a configuração de mão do sinal, e/ou
- b. quando o movimento começa.

A anotação deve terminar quando uma ou mais das seguintes observações acontecem:

- a. quando a mão perde a configuração de mão;
- b. quando o braço abaixa;
- c. quando há uma pausa;
- d. quando a direção dos olhos muda.

INSTRUÇÕES para ajustar os pontos inicial e final das anotações na linha Sign Individual (sinais individuais)

Somente o revisor deve ajustar as fronteiras na trilha Sign Individual. O processo de individualização (tokenização) é realizado de maneira semi-automática pelo ELAN.

Ajustar a fronteira entre os sinais:

Quando a mão inicia a configuração de mão do sinal subsequente.

INSTRUÇÕES para transcrição de sinais:

Glosa

Cada sinal deve ser glosado usando uma palavra em português de forma consistente. Esse será o nome do sinal.

Glosas multi-palavras são conectadas com hífen, SEM espaços, indicando sinais separados na linha do enunciado: FRUTAS-DIVERSAS, CARRO-VÁRIOS.

Em glosas numeradas, a numeração deve ficar colada ao nome do sinal. Ex.: BISCOITO2 (sem espaço entre “BISCOITO” e “2”).

NOTA:

Não numerar a primeira ocorrência das glosas numeradas.

Ex.: BISCOITO (e não BISCOITO1).

As glosas podem ou não refletir o significado do sinal no contexto. Os transcritores devem padronizar as identificações usadas para glosas. Para isso, devem consultar e alimentar o software Identificador de Sinais (<http://www.idsinais.libras.ufsc.br/>).

Apontação para pessoas, objetos, localizações está indicado por IX (referentes), e.g. IX(mãe). Hífens são usados nas palavras dentro dos parênteses.

A apontação “você dois” será transcrita por IX2(você) - “IX” por ser um tipo de indexação, “2” por ser a configuração de mão do numero 2 e “você” por ser a segunda pessoa do discurso. Assim teríamos IX2(nós) para “nós dois”, IX2(eles) para “eles dois” e assim sucessivamente para com os numerais três e

quatro - IX3(nós), IX3(vocês), IX3(eles), IX4(nós), IX4(vocês), IX4(eles).

Possessivos e reflexivos serão indicados por POSS(referente) e SELF(referente) respectivamente.

Demonstrativos serão indicados por DEM(pronome demonstrativo). Ex.: DEM(este), DEM(aquele).

Verbos (categorizado conforme Liddell, 2003)

Verbos de indicação (tradicionalmente chamados de “verbos de concordância”) são verbos que indicam os referentes.

Verbos de indicação são usados simplesmente com a ID glosa do verbo sem incluir a informação sobre os referentes. Por exemplo, transcrever DAR, *não* DAR(1); VIR, *não* VIR(aqui).

Os chamados verbos “classificadores” são referidos como verbos descritivos. Para os eventos descritos, usar DV seguido de uma descrição do evento entre parênteses, com hífen entre as palavras. A glosa deve descrever a ação de forma geral. Por exemplo, DV(veículo-move-baixo-cima-caminho-sinuoso) ao invés de DV(carro-honda-viajar-sul-Florida).

Deve haver três elementos incluídos na glosa: o que a configuração de mão representa (por exemplo, veículo), sua ação (ex.: move-baixo-cima) e qual elemento espacial envolvido (ex.: caminho sinuoso).

Os verbos descritivos (i.e., verbos descritivos diferente de verbos lexicais) podem ser identificados pelas seguintes características:

- * configuração de mão específica estabelecida como morfema (ex.: configuração de mão para veículos de quatro rodas);

- * uma ação ou estado a ser descrito.

Incorporação da negação

Quando a negação estiver incorporada ao sinal, a palavra NÃO sempre der ser posta após o verbo. Ex.: TER-NÃO (e não NÃO-TER).

Soletração

Há diferentes produções soletradas durante a sinalização (p.ex., soletração cuidadosa de uma palavra ou soletração de apenas uma letra). Sempre que a soletração for usada, usar FS(palavra). A palavra soletrada ocorre entre parênteses, sem hifenização. Por exemplo, usar FS(debbie) or FS(bank) (e não D-E-B-B-I-E ou B-A-N-K).

Tempo

_ e + são os símbolos usados quando um sinal é produzido de forma mais longa do que usualmente.

_ significa que o sinal é estático, i.e., o sinal é realizado no espaço sem movimento, como se o sinal fosse congelado, o sinal persevera por mais tempo. Por exemplo, se MÃE fica sinalizado no nariz sem movimento por um tempo mais longo deve-se transcrever da seguinte forma: MÃE_.

+ significa que o sinal contém reduplicação (ou sequência repetida de movimentos) e que algo ocorreu com o padrão de movimento do sinal. Por exemplo, o sinal de MÃE tem dois movimentos em direção ao nariz. Se houver mais movimentos, então você deve glosar MÃE+. O mesmo se aplica a uma quantidade maior de movimentos. Somente um + é marcado no sinal para indicar esta repetição.

NOTA:

Neste sistema, somente um + símbolo é usado, quando houver múltiplas repetições. Ex.: MÃE+, não MÃE++++.

Gestos

Quando você vir movimentos que apresentam significados, mas não fazem parte da língua de sinais, eles podem ser chamados de gestos ou emblemas.

O código a ser usado é o seguinte: g(significado-do-gesto) ou e(significado-do-emblema). Por exemplo, quando a criança imitar a ação de outra pessoa da história e produzir um gesto

mostrando que ela estava braba, transcreve-se assim g(postura-braba).

Foram incluídos os seguintes tipos de gesto nesta categoria: mímica (mímica facial ou corporal), ações (incluindo bater-palmas), alcançar-coisas ou alcançar-pessoas com o braço estendido (para significar me-dá), e gestos locativos (sentar-aqui).

Partindo da concepção de que emblemas são gestos parcialmente convencionalizados, os integrantes do grupo farão pesquisas de campo informais com ouvintes sempre que ficarem em dúvida sobre um gesto ser emblemático ou não.

A produção de emblemas que são altamente convencionalizados será transcrita observando a listagem a seguir:

e(ameaça) – palma na lateral com dedo indicador e movimento de pulso de um lado para outro.

e(esperar) – palma para a frente com CM em B, movimento leve e repetido.

e(negativo) – polegar para baixo.

e(positivo) – polegar para cima.

e(silêncio) – dedo indicador nos lábios.

Obs.: NÃO e MAIS-OU-MENOS serão considerados sinais, não emblemas.

NOTA:

Os transcritores devem acrescentar emblemas nesta lista, apresentando suas sugestões nos encontros do grupo.

A transcrição de gestos deverá observar a listagem a seguir:

g(alcançar) – braços abertos estendidos.

g(aqui) – batendo a mão aberta em um lugar específico.

g(bater-palma) – a palma de uma mão batendo na outra.

g(chamar) – tocar a pessoa com quem se fala para chamar sua atenção.

g(é-isso) – uma ou duas mãos próximas à face.

g(então) – uma ou duas mãos virando para fora gentilmente.

g(huh) – uma ou duas mãos virando para fora abruptamente.

g(não) – movimento de cabeça para dos lados.

g(ops) – mão na boca.

g(sair) – mão aberta com a palma para baixo, estendendo os dedos para cima e para baixo.

g(sim) – movimento de cabeça para frente e para trás.

g(talvez) / g(pode-ser) / g(tanto-faz) - movimento de cabeça para um e/ou dois lados com levantamento de ombros.

g(vibrar) – braços levantados se movendo para frente e para trás com ambas as mãos fechadas, CM em S.

g(vir) – chamando alguém flexionando o dedo indicador.

g(vir) ou g(me-dá) – mão aberta com a palma pra cima, abrindo e fechando.

NOTA:

Os transcritores devem acrescentar gestos nesta lista, apresentando suas sugestões nos encontros do grupo.

Observações:

* CADÊ e g(então) se confundem. Quando tiver dúvida, transcreva como CADÊ.

* g(aqui) vai ser usado só quando a mão aberta bate em um lugar específico.

* quando usar o indicador, transcrever como IX(aqui), assim com IX(lá).

Sinais não-manuais

Os sinais não-manuais não serão descritos. Eles serão adicionados em outro momento. A exceção seriam os movimentos de cabeça em g(sim) e g(não), que serão

transcritos, principalmente se acompanharem verbos. Ex.: ESTUDAR g(sim), ESTUDAR g(não).

Movimento da boca

Quando o sinalizante mexer a boca para dizer uma palavra e não sinalizar, o movimento será indicado como m(palavra-articulada). Por exemplo: m(banana).

4) CONVENÇÕES APLICADAS ÀS LINHAS DA FALA

Notações padrão

Geralmente as palavras são transcritas como elas se encontram no dicionário (consulte o Aurélio, se for necessário). Há alguns casos em que podemos manter a forma que a criança produz por refletir uma forma já padronizada na fala.

Notações especiais

Contrações. Usar parênteses para indicar a parte falada pela criança, por exemplo:

(es)tá (contração para 'está')

ó(lha) (contração para 'olha')

Assimilações. Assimilações comuns podem ser escritas como são faladas. Ex.:

Né (assimilação de 'não é')

Cevai (assimilação de 'você vai')

Se precisar fazer uma análise morfológica destes exemplos, sugere-se criar uma trilha específica para a análise.

NOTA:

Os transcritores devem acrescentar exemplos nestas listas, apresentando suas sugestões nos encontros semanais do grupo.

Efeitos sonoros

Efeitos sonoros devem ser referidos como &=

Quando o som for um dos seguintes, utilize a lista de palavras listadas:

&=choro
 &=falta-ar
 &=rangido
 &=rosno
 &=ronco
 &=zumbido
 &=risada
 &=gemido
 &=murmúrio
 &=urro
 &=suspiro
 &=canto
 &=grunhido
 &=vocalização
 &=lamúria
 &=lamento
 &=assobio
 &=grito

Quando for produzido som imitando alguma pessoa, animal ou coisa usar ‘imit’ como ilustrado a seguir.

&=imit:bebê
 &=imit:cão
 &=imit:leão
 &=imit:motor
 &=imit:avião

NOTA:

Os transcritores devem acrescentar outros exemplos nesta lista, apresentando suas sugestões nos encontros semanais do grupo.

Fala sem voz

A fala sussurrada é transcrita na trilha da fala (BP) com a indicação “sussurro” na trilha ‘pho’. A fala sem voz é transcrita na trilha da fala, com a indicação “-voz” na trilha ‘pho’. A voz surda

que é inteligível é simplesmente transcrita na trilha da fala, com a especificação da qualidade da voz na trilha 'pho'.

Para voz de surdos que não sejam inteligíveis, escreva &=vocalização na trilha da fala (BP) (basicamente como um efeito sonoro).

NOTA:

Movimento da boca sem acompanhamento do sinal que faz parte do enunciado em sinais é transcrito na trilha dos sinais (LSB).

Outros

Outras informações sobre transcrição de fala podem ser encontradas em *CHILDES Project, Parte 1: The CHAT Transcription Format*, de Brian MacWhinney, disponível para download em <<http://childes.psy.cmu.edu/>>.

5) SÍNTESE DAS CONVENÇÕES

Item

Convenção

Exemplo

Glosas na Língua de Sinais

Letras maiúsculas, com acentuação; glosas com mais de uma palavra devem ser ligadas por hífen.

COELHO

POR-FAVOR

Glosas numeradas

Em glosas numeradas, a numeração deve ficar colada ao nome do sinal, sem espaço.

BISCOITO2

Segunda mão

Quando duas mãos articularem diferentes sinais, usar esta linha.

Letras maiúsculas e não utilização da pontuação

Somente nomes próprios iniciam com letras maiúsculas, não usar pontuação, usar acentuação.

Ana foi embora

auau foi embora

Apontação para pessoas

IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses.

IX(si)

IX(mãe)

Apontação para objetos

IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses.

IX(gato)

IX(peça-quebra-cabeça)

Apontação para lugares

IX seguido pelo locativo com letras minúsculas, dentro dos parênteses.

IX(lá)

IX(dentro-geladeira)

Apontação com incorporação do numeral

A incorporação do numeral aos pronomes “nós”, “vocês” e “eles” será transcrita por IXnúmero(pronome).

IX2(nós)

IX2(vocês)

IX2(eles)

Possessivos

POSS seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses.

POSS(si)

POSS(Maria)

Reflexivos

SELF seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses.

SELF(si)

SELF(mãe)

Demonstrativos

Demonstrativos serão indicados por DEM(pronome demonstrativo).

DEM(este) DEM(aquele)

Verbos indicativos

Nomear com uma glosa ID para cada sinal; não adicionar informação sobre os referentes.

DAR

IR

Verbos descritivos (classificadores)

Usar a glosa 'DV' seguida da descrição entre parênteses (com hífen entre as palavras).

DV(pássaro-sentado-árvore)

Incorporação da negação

Quando a negação estiver incorporada ao sinal, a palavra NÃO sempre der ser posta após o verbo.

TER-NÃO

Palavras soletradas

Usar a glosa 'FS' seguida da palavra sem hifenização ou da letra entre parênteses.

FS(nokia)

FS(a)

Sinais repetidos

Adicionar o sinal + ao sinal no final da glosa.

MÃE+

Sinais congelados

Adicionar o sinal _ ao final da glosa.

MÃE_

Interrupção

Adicionar / ao final da palavra antes da interrupção.

QUERER/

Interrupção pelo próprio sinalizante

Adicionar // ao final da palavra antes da interrupção.

QUERER//

Pausa dentro da sentença

Representar a pausa com o sinal # antes da próxima palavra.

IX(si) ESCOLHER # AZUL

Deixar no ar

Adicionar ... no final da palavra antes de deixar no ar o que estava dizendo.

QUERER...

Gesto

Glosa com g seguido do significado entre parênteses.

g(face-braba)

Emblema

Glosa com 'e' seguido do significado entre parênteses.

e(vir)

Movimento da boca

Glosa com 'm' seguido da palavra articulada.

m(banana)

Palavra não clara (mas que o transcritor identifica o seu significado)

Adicionar [?] no final da glosa; adicionar uma transcrição na linha 'Sign pho', se possível.

QUERO MAÇÃ[?] POR-FAVOR

carrinho quebrou[?]

Palavra não clara (o transcritor oferece uma glosa alternativa)

Digitar a primeira opção de glosa, seguido por [=?ALTERNATIVA].

QUERO MAÇA[=?BOLACHA]

quero comer[=?correr]

Palavra não clara (o transcritor não conhece o sinal, mas pode transcrever a forma)

Cada palavra não clara no enunciado recebe a glosa YYY (pode haver mais de uma). Adicionar a descrição de cada glosa YYY na linha 'Sign pho'.

QUERO YYY POR-FAVOR

quero xxx carrinho

Palavra não clara (transcritor não sabe a forma e nem pode transcrever a forma)

Cada palavra não clara no enunciado recebe a glosa XXX (pode haver mais de um).

QUERO XXX POR-FAVOR

quero yyy carrinho

Contrações

Colocar a parte não pronunciada entre parênteses

(es)tá

Efeitos sonoros

Som do tipo de choro, risada e assobio são indicados com

&=som

&=choro

&=risada

Imitação de som

Sons imitando outra pessoa, animal ou máquina são indicados com &=imit:som.

&=imit:bebê

&=imit:helicóptero